

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**DA EXPERIÊNCIA DA FALA DE SUJEITOS USUÁRIOS NA
CLÍNICA PSICOLÓGICA ÀS SUAS POSSÍVEIS
REPERCUSSÕES**

LUCYANNA DE FARIAS FAGUNDES PEREIRA

Recife/PE
2006

LUCYANNA DE FARIAS FAGUNDES PEREIRA

**DA EXPERIÊNCIA DA FALA DE SUJEITOS USUÁRIOS NA
CLÍNICA PSICOLÓGICA ÀS SUAS POSSÍVEIS
REPERCUSSÕES**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Católica de Pernambuco, como exigência parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Túlio Caldas

Recife/PE
2006

P436da

Pereira, Lucyanna de Farias Fagundes

Da experiência da fala de sujeitos usuários na clínica psicológica às suas possíveis repercussões / Lucyanna de Farias Fagundes Pereira ; orientador Marcus Túlio Caldas, 2006 .

163 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Pró-Reitoria de Ensino, Pesquisa e Extensão, 2006.

1. Psicologia clínica. 2. Psicologia fenomenológica. 3. Psicologia existencial. 4. Psicologia humanista. 4. Fala - Aspectos psicológicos. 5. Psicoterapia. I. Título.

CDU 159.9

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

LUCYANNA DE FARIAS FAGUNDES PEREIRA

DA EXPERIÊNCIA DA FALA DE SUJEITOS USUÁRIOS NA
CLÍNICA PSICOLÓGICA ÀS SUAS POSSÍVEIS REPERCUSSÕES

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. ELZA MARIA DO SOCORRO DUTRA- UFRN

Profa. Dra. ANA LÚCIA FRANCISCO - UNICAP

Prof. Dr. MARCUS TÚLIO CALDAS - UNICAP

Recife/PE
2006

**A meus pais, Bartolomeu e Lourdes! Sem
vocês, não teria sido possível chegar aonde
cheguei e do modo como cheguei.**

Este trabalho é *nosso!*

Obrigada por acreditarem em mim!

Eu amo vocês!

AGRADECIMENTOS

A Deus acima de tudo, razão da minha existência, pelo seu amor e misericórdia e por ter me feito acreditar que valia a pena continuar a luta, apesar dos obstáculos.

A minha mãe, pela presença incessante e amor incondicional, que me fizeram fortalecer os ânimos e dar prosseguimento à concretização de muitos projetos. É exemplo de vida, de cuidado, de fé. Obrigada por tudo, por acreditar, por investir, por fazer acontecer! Sou eternamente grata a Deus por ter tido o merecimento de tê-la em minha vida.

A meu pai, pela pessoa forte e perspicaz que é. Seu exemplo de trabalho, luta e incentivo tornou possível a realização dessa pesquisa. Obrigada pela paciência nas leituras e correção dos textos! Faltam-me palavras para dizer o quanto é significativa sua presença em minha vida. Obrigada por sempre acreditar! Obrigada pela fé e pelo amor!

A meu irmão, Rhodrygo. Hoje sou “crescida” pela sua presença; a convivência e as experiências amadureceram a minha travessia e me tornaram uma pessoa muito melhor...a cada dia. Você é referência muito importante e, mais do que irmão, é companheiro e amigo.

A Cícero, pelo seu amor, carinho e companheirismo nos momentos alegres e difíceis do meu caminhar. Obrigada pela compreensão e apoio que foram fundamentais para adquirir a tranquilidade de que eu precisava para alimentar a esperança na construção de novos sonhos.

À professora Ana Lúcia Francisco, pelo fantástico apoio e incentivo no final desse trabalho. O término é também mérito seu! Gostaria que meu vocabulário comportasse palavras que descrevessem a minha gratidão! Muito obrigada por tudo!

À professora Henriette Morato, pela ajuda na construção dos caminhos, pelos tijolos colocados, pela base sedimentada. Sua passagem em minha vida está marcada. Nem o tempo há de apagar tamanho furacão!

Ao professor Marcus Túlio, pelas horas de orientação, incentivo e apoio ao longo desses anos. Sua paciência, sorriso e carinho tornaram-se acolhedores nos momentos mais críticos da minha caminhada. Muito obrigada!

À professora Elza Dutra, por ter aceitado fazer parte dessa história. Obrigada pelo carinho e disponibilidade acolhedora.

Aos colegas e todos os professores do Mestrado em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco, agradeço o acolhimento, as trocas de experiências e a convivência compartilhada.

A Raíla e Virgínia, companheiras de jornada, agradeço profundamente a amizade de vocês. Todos os momentos compartilhados foram sustentáculos nas constantes viagens e nos trabalhos realizados. Muito obrigada pelo apoio, pela cumplicidade, pelo amor e carinho doados.

A Dimitri Carlo Gabriel da Silva, mestre e grande amigo, obrigada pelas reflexões que sempre me fizeram ver a vida sob diferentes pontos de vista... Obrigada por ter colocado no meu caminho a fenomenologia existencial. Sem você, com certeza, não teria chegado até aqui. Seu carinho e sua presença me ajudaram a seguir adiante e investir nesse projeto. Apesar da distância física, sua presença é constante em minha vida. O carinho é para sempre!

Às participantes da pesquisa. O prazer de ouvi-las e de compartilhar os momentos em que estivemos juntas redimensionou o sentido de viver experiências. Muito obrigada pela disponibilidade, acolhimento e abertura! O aprendizado foi construído por nós!

“Todos nós já sentimos essa dor de ser e, vez ou outra, com uma intensidade quase insuportável. Sentimo-nos estrangeiros em nossa própria vida. Sentimo-nos em dívida com nós mesmos. Um vazio nos invade. Nossa existência perdeu o significado. Não sabemos mais quem somos, nem quem podemos ser.

Queremos que alguém nos explique o viver! Que alguém nos explique quem somos e a que viemos! A dor de ser faz parte da nossa natureza. Não agüentamos apenas ser, temos de ser nós mesmos. Não queremos repetir ninguém, nem que ninguém nos copie. Também não nos basta que os outros aprovelem nossa vida. É preciso que ela faça sentido para nós mesmos. Essa dor sentida é, no entanto, apenas uma face da moeda; a outra, em que mal reparamos, é a de uma bem-aventurança. Se podemos sentir a dor de nos ter perdido de nós mesmos, é porque temos o poder de nos encontrar novamente. O que nos angustia e nos deixa aturdidos nessa história é que, para esse indivíduo exclusivo que somos e para o sentido pessoal de nossas vidas, não há nenhuma referência possível. Os modelos culturais e as pessoas com quem convivemos podem nos inspirar, mas apenas isso. O resto é conosco. Temos de ser ao mesmo tempo os autores, os atores e os juízes de nosso próprio existir.

A certeza de que morreremos, mas sem saber quando, é o que muitas vezes nos empurra para essa tarefa sem referências de tomarmos nas mãos o nosso destino, a nossa história exclusiva, e de emprestarmos para a vida a nossa própria cara.

Temos pouco tempo. E tudo é risco, é aposta. É passo sobre o abismo. Que exige coragem. E preparação. Essa preparação é tarefa do pensar, da reflexão. O que a filosofia pode fazer conosco é isto: ensinar-nos a pensar. E conhecer esse “segredo” já é meio caminho andado.

Pensar – ou refletir – não é perder-se em elucubrações, análises, cálculos, infindáveis relações. Ao contrário, é estancar esse tráfego incessante de palavras e de idéias em que nos atolamos e penetrar naquilo que ainda é invisível e desconhecido para nós, trazendo-o para a luz.

Pensar começa por parar (o tráfego de idéias) para pensar. Quando paramos para pensar, podemos nos observar e flagrar quais medos, fantasias, crenças e preconceitos nos têm influenciado.

Flagrando-os, nós interrompemos o seu fluxo e o domínio que vinham tendo sobre nós. Eles emudecem. Silenciam. E nós mesmos entramos em silêncio. E é só quando ficamos silenciosos que começamos a nos ouvir. A ouvir a voz que vem lá das nossas profundezas, sábia, revelando o sentido de nossa vida, o caminho, o gesto necessário. Enchendo-nos de coragem para o passo sobre o abismo. Transformando a dor em bem-aventurança, em vontade, em decisão. Descobrimo nosso próprio poder. Preparando-nos para ir ao encaço de ser quem só nós mesmos podemos ser e de viver como só nós mesmos podemos viver”.

Dulce Critelli – “Pensar a vida, saltar o abismo”

Texto transcrito do caderno “Folha Equilíbrio” – Jornal Folha de São Paulo – 10/10/2002.

RESUMO

Esse trabalho de pesquisa busca promover uma reflexão sobre a clínica psicológica e suas repercussões como um lugar de abertura a um falar criador de sentido, partindo da experiência de sujeitos usuários. Compreendendo que há uma especificidade da linguagem no espaço da clínica psicológica, acredita-se que esse trabalho possibilite uma maior clareza quanto à propriedade, singularidade e importância da fala na clínica, além de levar a reflexões e discussões quanto à temática, tanto à academia quanto aos campos de atividade do psicólogo. O desenvolvimento proposto restringe-se à clínica em sua modalidade de psicoterapia, a fim de refletir acerca da linguagem expressa na narrativa do indivíduo. A escuta das experiências de clientes que buscaram serviços psicoterápicos se deu a partir de uma pergunta disparadora/provocadora, e a compreensão de suas narrativas teve como suporte a metodologia fenomenológica existencial de investigação. As discussões tornaram-se possíveis a partir de afetações e reflexões entre relatos e pesquisadora, bem como de diálogos com autores que transitam pelo tema.

Palavras-chave: Psicologia Clínica, Discurso, Criação de sentido, Narrativa

ABSTRACT

This work intends to promote a reflection about the psychological clinic and its repercussions as a place of opening to a creative speech of direction, starting from the experience of users. Understanding that it has a particularity of the language in the space of the psychological clinic, one believes that this work makes possible a better clarity as to the propriety, singularity and importance of speech in the clinic, besides taking the reflections and discussions about the thematic, as much to the academy as the fields of activity of the psychologist. The research restricts the clinic in its modality of psychotherapy, in order to reflect concerning the language in the narrative of the user. The listening of the experiences of clients who searched for psychotherapy assistance was induced by a triggering/provoking question, and the understanding of their narratives had as a support the existential phenomenological investigative methodology. The discussions became possible from affectations and reflections between testimonies and researcher, as well as from dialogues with authors who deal with the subject.

Key-words: Clinical psychology, Speech, Creation of meaning, Narrative

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

1. APRESENTAÇÃO.....	11
1.1 Da minha experiência à questão.....	11
1.2 Introduzindo a temática: problematizando a questão.....	16
2. INICIANDO A TRAVESSIA: AS MARCAS DEIXADAS E OS ESPAÇOS CONQUISTADOS.....	27
3. PERSEGUINDO CAMINHOS: ATRAVESSANDO A HISTÓRIA.....	41
4. A LINGUAGEM EM TRÂNSITO: A VIDA EM MOVIMENTO.....	59
5. TECENDO UMA METODOLOGIA.....	79
5.1 Compreendendo esse transitar.....	79
6. COMPREENSÃO DAS ENTREVISTAS: ESCUTANDO/DIZENDO EXPERIÊNCIAS.....	88
6.1 Entrevista com Júlia: “É a única hora da semana que eu olho para mim, (...) para as coisas que mais me doem”.....	92

6.2 Entrevista com Cristina: “Estou aprendendo a viver, estou aprendendo a crescer”.....	112
6.3 Entrevista com Solange: “Eu entrava ali, ela fechava a porta, eu não tinha medos, eu não tinha nada”.....	135
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	153
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	159

1. APRESENTAÇÃO

1.1 Da minha experiência à questão

Para situar o que me move a realizar esta pesquisa, é preciso fazer uma breve retrospectiva da minha história a fim de compreender o caminho que escolhi trilhar para que novos sentidos fossem possíveis de se apresentar.

O meu primeiro contato com a Psicologia Clínica foi justamente no ano do meu vestibular. A angústia inerente a essa etapa da vida fez-me perceber a importância de compartilhar o meu momento. Foi a experiência de cliente em psicoterapia que me levou a optar pelo Curso de Psicologia, quando ainda leiga no que dizia respeito à profissão, sentia que o acolhimento e a atenção que me era oferecida estavam se tornando imprescindíveis para que eu me re-estabelecesse e confirmasse a minha opção.

Os anos de faculdade passaram-se concomitante ao meu trabalho pessoal. Por mais doloroso que tenha sido expor minhas questões, foi enquanto cliente que passei a acreditar na eficiência da psicoterapia, abrindo-me novos caminhos e novas visões, autenticando o meu crescimento pessoal. A maior aprendizagem adquirida ao longo do Curso foi a experienciada por mim, no consultório, diante daquele profissional.

Durante a graduação, meu interesse esteve voltado para a Psicologia Hospitalar. Encantava-me a dinamicidade do ambiente, o número de pessoas

atendidas diariamente, a diversidade de histórias ouvidas, o lugar, enfim, que eu ocupava enquanto estagiária no hospital, era extremamente gratificante. No final do Curso, ainda em dúvida quanto à área de estágio a ser escolhida, optei pela Psicologia Clínica, com o intuito de ter duas visões: a clínica e a hospitalar.

Tal acontecimento redimensionou a minha caminhada, quando através de leituras que nos foram sugeridas acerca da Abordagem Centrada na Pessoa, Fenomenologia e Existencialismo, a compreensão da Psicologia provocou em mim uma significativa mudança de sentido. As concepções de vida e de homem passaram a ressoar em mim como um caminho possível em vistas a uma travessia a que eu estava me propondo iniciar, dando-me respaldos para me situar no mundo, conhecendo-o para conhecer-me e assumir a responsabilidade pela minha existência.

Uma palavra caracteriza o meu estágio em clínica na Universidade Federal da Paraíba: desalojador. Tanto as supervisões quanto os atendimentos individuais me abriram possibilidades de experienciar o “ser psicóloga”, numa constante reflexão acerca do espaço oferecido para as supervisões, onde era possível trocar experiências entre os estagiários, o que favorecia encontros e acontecimentos que, muitas vezes, transcendiam para além do ambiente físico.

Durante esse período, inúmeros desafios se apresentavam. Expressar, nas supervisões, o que eu sentia em relação ao cliente parecia impossível, tal a forma como eu me encontrava afetada. Mobilizada entre o que ouvia do cliente e a minha própria experiência, era urgente compreender a angústia que começava a tomar conta da minha prática, pois a fala deixava de ser só do outro e passava a ser minha também por me afetar e questionar.

A clínica foi um lugar que abriu espaço para o meu *dizer* próprio. Tanto nos

atendimentos individuais, enquanto cliente e estagiária, quanto nas supervisões, comecei a perceber que *algo* diferente acontecia, pois a experiência vivida excedia aquele espaço físico, ia além, significando novos modos de ser, sensações até então nunca experimentadas. Comecei a perceber que clínica é cuidado, acolhimento; clínica é atitude.

As leituras que fazia, juntamente com a minha prática clínica, ajudaram-me a conceber o homem e acreditar nele como potencialidade para o crescimento, num constante investimento para simbolizar suas experiências. Esta foi, portanto, a oportunidade que tive de viver a intensidade de sentimentos próprios deste momento de estágio, apresentando-me caminhos norteados pela concepção de homem e de vida escolhidos.

Foi nesse sentido que iniciei as minhas reflexões: o cliente, na clínica, passa por um processo de tateamento em busca de direções e é narrando sua história que ele vai tecendo sentidos, construindo pontes e conectando acontecimentos; vai se despiando e se revelando; é quando as máscaras do instituído começam a cair e ele se dá conta do que está surgindo, colocando-se em contato com sua realidade, indagando-se: “e agora, o que vou fazer com isso?”.

Luís Cláudio Figueiredo (1994) abriu-me as portas para compreender a concepção de clínica que eu estava buscando: um lugar possível para que a fala se torne presença. Compreendê-la e, conseqüentemente, compreender essa fala tornou-se a “espinha dorsal” desta pesquisa, o que me levou a questionar: *como é a experiência de quem usa o espaço da clínica para falar?* Esta interrogação remeteu-me a outra: *que possíveis implicações podem ser pensadas a partir dessa experiência na vida daquele que utiliza esse espaço?*

Durante os atendimentos, os clientes constantemente reconheciam suas

mudanças e crescimentos pessoais. Era como se suas vidas tivessem passado a ser extensões da própria clínica. De alguma forma, eles refletiam sobre suas situações e buscavam estratégias para resolvê-las; cada um, de acordo com suas possibilidades.

Assim, era possível, por meio de reflexões dos próprios clientes, trilhar caminhos e criar novos sentidos. Narrativa é um falar de si e do mundo, comunicando suas experiências através do diálogo. Segundo Benjamin (1985, p.253), o “adulto alivia seu coração do medo e goza duplamente sua felicidade quando narra sua experiência”. A fala, na clínica, é o encontro consigo mesmo, onde tanto cliente quanto psicoterapeuta têm a possibilidade de acolher e reconhecer esta experiência, legitimando-a.

Nesse sentido, a clínica é um lugar possível de abertura de possibilidades, onde, ao me permitir me *escutar* (segundo HEIDEGGER (2002), a escuta é a dimensão mais profunda e mais simples de falar), meu *sentir* tem a possibilidade de se expressar. Ao me permitir entrar em contato com o meu ser, eu venho a ser, enquanto pura possibilidade, para compreender e re-criar o meu momento existencial, partindo de vestígios ainda obscuros, mas em processo de significação e busca de sentido.

É pela minha trajetória enquanto cliente, estudante, estagiária e psicóloga que a questão norteadora da pesquisa se presentificou enquanto inquietação. E, em meio ao desalojamento, no qual estou inserida, tento dar sentido à minha experiência enquanto pesquisadora, numa mobilização que se apresenta como destinação à minha angústia.

Estas questões permeiam não só a minha condição de cliente e/ou psicóloga, mas enveredam pela própria clínica psicológica. A clínica diz do humano e clínica é

encontro, é fala, é dizer de si. E são por essas reflexões que novos caminhos podem ser construídos a partir do entrelaçamento das experiências de outras pessoas. A partir daí arrisquei um (possível) título: *Da experiência da fala de sujeitos usuários na clínica psicológica às suas possíveis repercussões.*

1.2 Introduzindo a temática: problematizando a questão

A inquietação que tornou possível o desenvolvimento desta dissertação reside na busca por uma compreensão acerca da experiência de clientes na clínica psicológica, ou seja, a expectativa de saber como é a experiência daquele que usa o espaço da clínica para falar. Essa reflexão vem percorrendo a minha prática, sendo permanentemente questionada. Isto porque chega a ser desalojador refletir sobre a clínica psicológica, delimitar seu espaço e questionar seu sentido, principalmente pelo fato de que ela percorre caminhos do não palpável, do não material (FIGUEIREDO, 2004).

O desenvolvimento dessa pesquisa se voltou para o olhar fenomenológico e existencial de compreensão do homem, tendo em vista que essa perspectiva não se limita a alcançar um conhecimento do ser ou do absoluto¹, muito menos se encerra na estreita armadura da lógica, mas abrange o fenômeno enquanto pura possibilidade (DARTIGUES, 2002). Ou seja, para além do positivismo e da metafísica², a fenomenologia não se fecha em seu cabedal compreensivo dos fenômenos, pelo contrário, abre-se para que novos se apresentem e acrescentem sentido ao que se esteja buscando.

É por compreender o homem em sua maneira de ser no mundo, como existência, que a fenomenologia se apresenta como adequada reflexão do mundo

¹ A fenomenologia não se propõe a se fechar enquanto verdade absoluta, onde o fenômeno é visto como realidade que não depende senão de si mesma para existir. Ela não se caracteriza pela verdade plena, pela idéia e realidade concreta (DARTIGUES, 2002). O absoluto é o princípio constitutivo e explicativo de toda a realidade (FERREIRA, 1993), a exemplo do atributo metafísico de Deus.

² O positivismo, segundo Dartigues (2002), é objetivista, é uma tendência que elimina aspectos subjetivos e aparentemente não científicos, excluindo todo o conhecimento que venha da experiência. Em sua concepção tradicional, metafísica está voltada para a razão e para a lógica, certeza e evidência dos fatos; nada de empírico e de contingente devem se misturar (DUBOIS, 2004).

do sujeito e de sua situação, apreendendo-o em sua totalidade e não o aprisionando em essência. Convoca a insegurança, a angústia e o desamparo como inerentes à condição humana, enfatizando a experiência como modo próprio do homem dar sentido e significado ao mundo, numa teia de relações em constante processo de interação (CRITELLI, 1996).

Voltando-me para esse referencial, concordo com Critelli (1996) quando afirma que esse olhar permite, guardadas as devidas especificidades, refletir sobre os fenômenos humanos enquanto fenômenos e não objetos, numa leitura em que é possível abordar os aspectos que envolvem e constituem o homem e suas relações com o mundo, numa preocupação em apreender sua história, sua estranheza, seu incompreendido.

É por esse caminho que busco per-seguir outros modos de compreensão³ da experiência da fala do cliente na clínica, questionando o sentido que tem a linguagem – enquanto fala – para o sujeito, fundamento constituinte de sua experiência. Lançado na trama da vida e numa ininterrupta busca pela questão do sentido de sua existência, o homem encontra na linguagem uma via de acesso à sua história, ao seu ser, presentificando e dando andamento à sua experiência.

A partir dessas considerações, recorri ao dicionário eletrônico Houaiss (2001) que define: fala vem do latim *fáris, fátus*, que significa falar, ter a faculdade e o uso

³ Segundo Dubois (2004), citando Heidegger, compreender é explicitar e a partir daí a coisa é compreendida. O *como* o fenômeno se mostra enquanto fenômeno é o *por onde* ele será compreendido. A coisa simplesmente se mostra como coisa, sem que nada seja predicado ou enunciado; é o seu sentido mesmo de coisa: “o sentido é aquilo em que a compreensibilidade de alguma coisa se sustenta” (HEIDEGGER, 2002, p. 208) O sentido da compreensão perpassa por aspectos do si mesmo em plena abertura como pro-jeto do ser-no-mundo. Compreender não no sentido de ser determinado racionalmente, mas enquanto estrutura constituinte do ser, como poder ser, como abertura de si mesmo enquanto possibilidade, como sua mais própria realidade. Buscar outros modos de compreensão é ir além, é buscar nas próprias experiências o sentido singular ou plural de um determinado fenômeno; é abrir possibilidades, é permitir que outros modos de ser se apresentem (de acordo com MORATO, 1999, apresentar significa trazer à presença, tornar presente; abrir possibilidades para ser, para ser visto).

da fala, dizer, explicar, confessar, declarar, exprimir por palavras. De acordo com Heidegger (2003, p.201), “A fala e o que se fala já se mostram como aquilo através do que e em que algo vem à linguagem, isto é, algo vem a aparecer *à medida que algo se diz* (grifos do autor)”.

Ainda para Heidegger (ibidem, p.159), linguagem é, em seu rigor, “encontrada como ação da fala, como ativação dos órgãos da fala, tais como a boca, os lábios, a língua. Na fala, a linguagem apresenta-se como um fenômeno que ocorre no homem”; linguagem como fala, como articular sons, como atividade humana. A função da linguagem é tornar a *articulação sonora* capaz de exprimir o *pensamento* (grifos do autor). Esta pode ser entendida, no seu sentido estreito, como a definição da fala (ibidem, p.193).

Safra (2004) acrescenta que a linguagem permite que o dizer seja uma ação geradora de possibilidades da existência. *Dizer*, segundo Cunha (1986), vem do latim *dicere*, expor, exprimir por palavras, pronunciar, enunciar; e, de acordo com Heidegger (ibidem, p.206), o *dizer* é mostrar, deixar aparecer, deixar ver e ouvir: “a força que movimenta a saga de mostrar do dizer é o tornar próprio”. De acordo com Cardoso (2004), o dizer pode ser compreendido não só como fala, mas se amplia numa narrativa, articulando razão, emoção e ação, ocorrendo, enfim, a expressão.

Nas palavras de Heidegger:

“Deixa livre o caminho ao longo do qual a fala, como escuta, recebe do dizer o que a cada vez é para se dizer, elevando o que assim se recebe ao som de uma palavra. O en-caminhamento” (abrir, construir um caminho, fazer o caminho, ser o caminho) “da saga do dizer para a linguagem é o laço que libera o desliga e nisso liga ao apropriar” (2003, p.211).

Segundo Rezende (1984, p.43), “para o ser humano, existir é dizer-se. Existir é sempre ser com sentido”; é ação que gera possibilidades frente à existência, quando o indivíduo permite mostrar-se, tomando a experiência como sua

propriedade.

Nas próprias palavras de Safra:

“Refiro-me ao *dizer* como a possibilidade de o ser humano, por meio da fala, desvelar quem é e o que vive. O dizer ao revelar também vela. O viver humano não pode ser plenamente dito; entre o dizer e o indizível emerge o falar poético. No fluir da situação clínica testemunha-se o aparecimento da possibilidade desse falar poético, em que a palavra não se fecha, mas se abre para o não-dito” (2004, p.25).

Figueiredo (1994, p.119) acrescenta que *dizer* “é acolhimento, seleção, reunião e guarida como possibilitação do ente em seu livre aparecer”. O dizer, designado como atividade de colher e receber o que se dá, institui o tempo e, concebido como abrigo, institui o espaço para que seja acompanhado da possibilidade de um escutar. “É a escuta da fala como acolhimento” e, complementa Figueiredo, “é ela mesma acolher o que a fala nos oferece”. É deixar que a fala fale, colocando-se à sua escuta; é a escuta da fala ela mesma, enquanto acolhedora-instituinte, sendo atravessada pela sua afetabilidade, sendo por ela transformado: fazer uma experiência com a fala “é deixar-se atravessar por ela, acolhê-la no seu poder mais próprio, ou seja, na sua alteridade. Para fazer uma experiência com a fala é preciso, por conseguinte, libertar a palavra para seu outro dizer, *para seu dizer outro*” (grifos do autor). É deixar que a fala fale, colocando-se à sua escuta.

Ao permitir ser atravessado pelo desalojamento que a própria fala produz, o homem entra em contato com o sentido da fala, quebrando com todos os pressupostos que poderiam impedir o processo de lançar-se a ela. Para compreender essa experiência é necessário, portanto, colocá-la no contexto do encontro com o outro na sua alteridade, onde a escuta coloca o dito de volta ao seu lugar de origem, isto é, no não dito pelo qual procede e é regido. No entanto, como escutar essa fala? Quem a profere? É nessa perspectiva que entra a pertinência em

compreender o ser humano na contemporaneidade, sua condição de ser e estar no mundo, assemelhando-o a um “vazio” que não encontra espaços para falar de si e expressar-se.

Compreendido como um espaço não só de liberdade, mas de acolhimento, o ambiente da clínica é propiciador e estimulante para a construção de novos sentidos, adquirindo nesse contexto uma característica peculiar: a relação com o profissional e a *afetabilidade* desse encontro. Tudo isso caracteriza esse espaço como via de acesso à intimidade própria do cliente, bem como à do próprio terapeuta, levando à possibilidade de acolhimento e reconhecimento de si, a partir das experiências individuais e relacionais de cada um. Se essa visão está pautada na reflexão fenomenológica e existencial, como é, afinal, o olhar desse indivíduo para a clínica, ou melhor, como a clínica é caracterizada a partir desses indivíduos que usam seu espaço?

Fico a pensar se a especificidade do espaço da clínica está no emergir do não dito, na tradução da experiência, no tatear que busca sentidos para o inominável, desvelando e revelando algo ainda em processo de construção. Se, para além desses fatores, o saber de si e o posicionar-se não são exclusivamente partes do processo, mas constituintes da experiência; então, dizer de si é uma dimensão do ser que o move em sua existência enquanto devir?

Quando questiono a especificidade desse espaço e dessa fala, enquanto narrativa que abre caminho para discorrer a própria história, é porque lembro de Benjamin (1985) quando afirma que as novas formas de comunicação, entre elas a comunicação oral e a narrativa vêm perdendo espaço devido à atrofia da experiência em decorrência dos modos de vida contemporâneos, incluindo relações do homem com o tempo e o espaço.

A experiência perdeu seu sentido e a informação é, por excelência, o critério-norte para transmissão do saber, avesso à narrativa, devido ao seu caráter de imediatismo e plausibilidade. Não se concebe mais o saber como advindo da experiência direta, do contato com o desconhecido, que suscita reflexão. O homem contemporâneo automatizou sua forma de viver, perdeu o sentimento de pertença coletiva. A narrativa resgata acontecimentos vividos historicamente, revisita o passado, atualizando-o, ao mesmo tempo em que se lança para o futuro. Por isso ela é importante, por manter o sentido de pertença através desse resgate, além de preservar o sentido do coletivo (BENJAMIN, 1980).

Como pensar em profundidade e extensão, uma clínica da emergência do sentido, uma clínica que possibilita o acontecer humano, uma clínica humana, quando a nossa própria condição encontra-se submetida a processos de alienação, interna e externa?

Rumo ao acontecer humano, a narrativa se apresenta como um caminho possível. Narrar é, portanto, uma forma de construção de experiências, num processo de sedimentação e reconstrução do que foi vivido (idem, 1985). E a linguagem, principalmente aquela caracterizada como fala, é considerada, segundo Figueiredo (2004), o meio universal da experiência, funcionando como um dispositivo apto a propiciar, configurar, formar e constituir tanto os homens como seus mundos – suas moradas, instalações do humano.

É possível conceber a fala como via de acesso ao si mesmo? Como criação e re-criação de sentidos? Ou é a relação terapêutica e/ou a reflexão das próprias questões que propiciam a criação de sentidos no cliente?

A busca por desvendar as entranhas mais obscuras da existência do homem é um dos fatores que caracterizam a clínica como prática política, ou seja, quando

permite ao sujeito abrir-se para novas possibilidades, numa atitude incessante de enfrentamento e mudança no modo de existir. AmatuZZi (1989, p.37) diz que o objetivo da psicoterapia é “restituir a função da palavra, ou seja, é caminhar de falas secundárias para falas originais”, sendo nesta perspectiva que o sujeito vai reestruturando seu modo de ser, posicionando-se diante da vida. A fala original caracteriza-se pelo sentido que a pessoa dá a ela mesma e ao que fala; é quando coloca o pensamento em ação e quando seu falar designa o próprio sentimento. Já o falar secundário se volta para um discurso pronto, de antemão recheado de pré-conceitos e ignorância dos próprios sentimentos e pensamentos.

Como é processo, a psicoterapia pode acarretar mudanças, adquirir percepções e desvelar um certo conhecimento de si mesmo; não necessariamente nessa ordem, pois a experiência⁴ (GENDLIN, 1973) é volúvel e nem todos passam pelo mesmo processo e nem obtêm os mesmos resultados. Como falou Puente (1979), a inserção no processo de experiência por parte do cliente em terapia não necessariamente tem como fim atingir mudanças desejáveis, pois a mutabilidade da própria experiência é subjacente a esse processo.

Segundo Buber (1982), é o falar-ao-outro que dá sentido a essa experiência. Não se pode separar o sujeito falante da relação na qual ele se constitui, constituindo-a. Quando eu me dirijo a outrem

“eu constituo o outro em mim, eu o toco ou confirmo (...) e é só nessa constituição do outro, nesse toque de seu centro, que eu mesmo me revelo como pessoa em meu centro. É na relação que se encontra o ser. É na relação vivida e não na relação pensada” (AMATUZZI, 1989, p.42).

Buber & Rogers (1965) já diziam que para uma relação ser verdadeiramente

⁴ Experiência é a referência direta à situação, sem explicações lógicas; busca-se nesse processo, reestruturação e redefinição para além das estruturas e definições dadas; há uma procura da experiência sentida (GENDLIN, 1973).

terapêutica é preciso que as pessoas envolvidas se presentifiquem, mesmo que o objetivo seja voltado para apenas um dos presentes. A afetabilidade própria desse encontro mobiliza o centro de ambas as partes, mas é pela atitude de escuta aberta do terapeuta que por si só facilita o caminho para emergir expressões e sensações cada vez mais assumidas no cliente: “é me sentindo ouvido que eu falo, é me sentindo recebido que eu venho a me dar” (AMATUZZI, 1989, p.62).

Assim falou Merleau-Ponty (1999, p.244): “(...) eu começo a compreender uma filosofia, introduzindo-me na maneira de existir desse pensamento, reproduzindo seu tom, o sotaque do filósofo”. AmatuZZi (1989, p.33) acrescenta: “só posso compreender verdadeiramente alguém no ato de ser profundamente eu mesmo”. Por que não parafraseá-lo, dizendo: só posso escutar verdadeiramente alguém no ato de escutar profundamente eu mesmo? Segundo ele, esse modo de ser verdadeiramente humano do terapeuta permite a abertura necessária para que o outro, enquanto sujeito usuário, amplie seus caminhos, mobilize-se criativamente e confirme-se enquanto parceiro do encontro.

Mesmo sabendo que para cada sujeito há um olhar diferenciado diante das circunstâncias, são todas essas considerações que me levam a querer conhecer, a partir deles, o que ocorre, como acontece a sua experiência, como são suas visões em relação à clínica, como é essa fala, para onde suas narrativas o s levam?

Bucher (1989, p.32) questiona de forma interessante:

“(...) como é possível que *falar*, simplesmente falar, mude alguma coisa na ‘economia psíquica’ da pessoa, nos seus conflitos, transtornos e sintomas, a tal ponto de poder resolvê-los e se libertar deles definitivamente?”.

Conceber a fala simplesmente como transmissão de sons que permite a comunicabilidade entre as pessoas é limitar o seu conceito a termos abstratos e

técnicos, além de não dar conta da situação psicoterápica, onde a fala estabelece um encontro, um estar-junto-com-outrem. A fala é especificamente humana, proveniente de um sujeito que carrega consigo dimensões históricas, espaciais e temporais, fruto de experiências e significações em sua vida.

Cada aspecto apontado, aqui, nos levará a muitas outras reflexões ao longo de nosso trabalho, a partir da compreensão das experiências dos sujeitos (clientes) na clínica psicológica, tendo como respaldo a perspectiva fenomenológica e existencial como possibilidade de buscar outros modos de compreensão dessa experiência e dessa clínica.

Esta pesquisa se legitima no sentido de estar diretamente voltada à efetividade da prática da psicologia clínica, podendo suscitar reflexões sobre este espaço e outros possíveis, permitindo discussões no campo da psicologia, em busca de uma compreensão desse fazer clínico. Pode, ainda, provocar questionamentos a partir da perspectiva da compreensão dessa fala, dessa narrativa singular, estendendo-a como possibilidade de alcançar outros sentidos para a existência.

A busca por compreender e dar forma à inquietação iniciada a partir de questionamentos acerca da clínica foi começando a se acomodar, estruturando a questão da pesquisa: *Que sentido pode ser apontado a partir da experiência do sujeito, na clínica psicológica, ao falar de si? Que possíveis repercussões (dessa experiência) acontecem nos lugares onde esse indivíduo atua?*

Nessa perspectiva, os objetivos foram se delineando e surgindo aos poucos, dirigindo o sentido dessa caminhada: *refletir sobre a clínica psicológica como um lugar de abertura de possibilidade a um falar desconstrutor e criador de sentidos.* Para fundamentar a questão e norteá-la, proponho articular as compreensões de aspectos da experiência com a fala de sujeitos usuários na clínica psicológica com

autores que a discutem sob referenciais diversos, a fim de apresentar uma interpretação acerca dessa reflexão.

Para embasar esses aspectos, alguns teóricos foram escolhidos por abordarem a temática a partir de uma aproximação possível com a questão: Luís Cláudio Figueiredo, Gilberto Safra, Martin Heidegger, Maurice Merleau-Ponty, Dulce Critelli, Monique Augras e Walter Benjamin. Eles serão sustentáculos no caminho a ser percorrido em relação à compreensão dessa experiência com a fala, procurando um diálogo reflexivo.

Nesta perspectiva, recorri à narratividade através de relatos de três clientes que passaram ou que estão passando pelo processo de psicoterapia, sem me prender à abordagem teórica ou modalidade clínica em que foram ou são atendidos, no intuito de conhecer para compreender como o cliente, ao narrar sua história, falar de si, afeta (no sentido fenomenológico do termo, de ser mobilizado ou tocado pela experiência) suas experiências, tendo em vista que o espaço proporcionado pela clínica pode levar a reflexões e elaborações de suas próprias questões.

Uma pesquisa como essa, de orientação fenomenológica e existencial, parte de uma questão que se move rumo à construção de sentidos para o fenômeno a ser estudado, abrindo mão de explicações ou confirmações científicas. Uma pesquisa pautada nesta perspectiva não tem como fim solucionar e resolver as questões inquietantes, mas utilizá-las como meio para abrir outras possibilidades de compreensão. É um outro modo de compreender o sentido das experiências sem, no entanto, levantar explicações plausíveis, muito menos lógicas. É uma discussão que transcende os limites do *chronos* (tempo cronológico), porque encontra sua morada num outro tempo, no tempo não absoluto, qualitativo, singular, tempo da sensibilidade (*kairós*).

É assim que a perspectiva fenomenológica se apresenta ao pesquisador: como o caminho que me dirige para algo que se apresenta. A inquietação nos obriga a buscar sentidos, põe-nos em movimento rumo a novas descobertas e ao desenvolvimento de nossa capacidade de criação diante da vida.

2. INICIANDO A TRAVESSIA: AS MARCAS DEIXADAS E OS ESPAÇOS CONQUISTADOS

O homem da modernidade colhe “o fruto mais amargo da abertura do mundo, da expansão cósmica das suas possibilidades, da multiplicação infinita de seus enigmas: a desorientação, o caos, a guerra total”. (FIGUEIREDO, 2002, p.22)

Nesse capítulo, a intenção é compreender o espaço de emergência do psicológico e da Psicologia Clínica, bem como o lugar que o homem ocupa na contemporaneidade. Esse percurso nos proporcionará perspectivas de compreensão acerca da condição atual e o conseqüente reflexo na clínica psicológica.

É importante deixar claro que não temos aqui a intenção de explorar fatos históricos. O objetivo é utilizá-los como ponte para a compreensão de como a humanidade foi se estruturando, construindo e consolidando a formação do conhecimento e as condições de emergência do psicológico. Perceberemos como o conhecimento, a ciência e os fatos relativos à história ajudaram a construir o homem psicológico marcado pelo descentramento, alheio à percepção de si e ao mesmo tempo perseverante quanto à conquista de sua liberdade subjetiva.

Assim, o homem contemporâneo é marcado por experiências de rupturas que se iniciaram desde a transição de poderes, ou seja, da passagem do que se convencionou chamar teocentrismo (Deus como centro do Universo) para o antropocentrismo (homem como senhor do conhecimento, centro de referência para a humanidade) (MELLO & COSTA, 1999).

Essa época gerou muitas transformações: levou ao desenvolvimento de características voltadas para o racionalismo (em oposição à fé), para a importância do homem enquanto senhor do Universo (e não mais o paradigma divino) e para o individualismo (em oposição ao coletivismo cristão). O Renascimento (séculos XIV ao XVII) foi o marco de abertura para a construção de novos espaços no mundo, o que se refletiu na renovação religiosa e no favorecimento de condições para a construção do conhecimento científico, promovendo o avanço das pesquisas científicas e descaracterizando valores do pensamento católico medieval, criando, conseqüentemente, novos paradigmas.

O homem do Renascimento se tornou livre, pôde estabelecer leis e criar novas formas de convívio social. O homem que (re)nasceu nesse período acreditava que podia tudo, lutava cada vez mais pelo poder. As pesquisas científicas eram cada vez mais velozes, o que instituiu lutas (disputas, competições) de todos contra todos, numa ininterrupta busca pelo conhecimento (MELLO & COSTA, 1999).

Tudo isso colaborou para o desenvolvimento da intelectualidade, da racionalidade e da lógica humanas e contribuiu para o progresso da humanidade em termos científicos e tecnológicos. Por outro lado, tanto poder e valor deixaram a desejar quanto à busca pela interioridade, pelo progresso moral, pelo valor da existência, da simplicidade e do próprio sentimento de humanidade (FIGUEIREDO, 2002).

Aspectos como esses constituem o espaço subjetivo das virtudes morais e dos valores humanos que foi significativamente reduzido e “confinado às esferas cada vez mais íntimas da privacidade” (ibidem, p.26), só vindo à tona com o tempo, quando foi possível exteriorizá-los por contestação aos modelos vigentes voltados para a razão e para a lógica.

Esse embate posterior de forças (sentimentos x razão) possibilitou abertura de espaço para que o movimento de emergência do “psicológico” se fortalecesse, provocando intensa instabilidade e desordem no mundo e abalando a certeza dos fatos, a lógica racional e a confiança adquiridas pela ciência. Esse foi o começo da busca do homem por unidade e sentido frente à existência, a busca pela liberdade do homem interior em relação ao mundo.

O homem interior ou a “verdadeira natureza humana” (FIGUEIREDO, 2002, p. 91) não podia ser conhecido (a), pois o que pudesse vir a aparecer por debaixo das “máscaras” seria digno de condenação e acusação moralizantes, sendo “inconveniente nos fazer lembrar o que deve ser esquecido” (ibidem, p.91). Seria inadmissível a perda do autocontrole a partir dessa revelação, pois o mundo da ordem, estabilidade e racionalidade não comportava um sujeito desestruturado, instável, fonte de variação e opiniões, cheio de desejos e instintos. Ao mundo “fictício”, sim, cabia um sujeito cuja subjetividade era confiável, regular e idêntica a todos os outros.

Em *Leviatã*, Thomas Hobbes (2004) defende esse caráter “fictício” do mundo, mas, por outro lado, revela que o que existe por trás da civilização é uma natureza intolerável, indispensável e preciosa ao mesmo tempo, mostrando, sem disfarces, a selvageria do homem, seu egoísmo, sua destrutividade.

“Hobbes incomoda porque ele faz lembrar ao homem pretensamente civilizado o monstro que carrega consigo, a sua divisão interna, a sua natureza intolerável e querida, motor e justificativa do mundo das representações, mas que também é para este maior valor. Se o homem natural é ‘o lobo do homem’, a civilização não o transforma em cordeiro nem em lobo realmente domado: continuamos feras, prudentes apenas bastante para escolher viver sob a tutela de um domador, no abrigo de nossas jaulas” (FIGUEIREDO, 2002, p. 98).

Era um cenário que demarcava a impossibilidade clara da representação de

uma suposta identidade individual. A vigilância que põe ordem, aplica leis e controla a vida em sociedade cria um espaço cercado por “feras” dominadoras, impedindo a passagem do lado “lobo” do homem.

O homem parece, portanto, dividido entre sua consciência individual e as exigências da classe dominadora. Ou ele se sentia culpado diante do governo ao aderir às suas razões interiores, ou diante de si mesmo, ao se submeter às razões do Estado (FIGUEIREDO, 2002).

Essa forma de estar no mundo instituiu a cisão entre o espaço privado e o público, entre o ‘interno’ e o ‘externo’. Em Hobbes, o homem se apresenta dividido entre esses dois espaços: “as ações e as obras são incondicionalmente subordinadas às leis do Estado; as opiniões, ao contrário, são livres ‘em segredo’” (KOSELLECK, 1972, p.37). Essa situação colocava o campo da consciência atravessado por uma contradição interna: enquanto espaço de liberdade e de possibilidades, mas também de privação.

O Iluminismo do século XVIII lutou pela autonomia das duas esferas, tanto pelo fortalecimento do campo da privacidade, em todas as dimensões da vida social, como pelas variadas formas de tornar público o privado. Como crítica ao Iluminismo, o Romantismo surgiu no final do século XVIII, defendendo a liberdade de expressão, a liberdade de ser diferente (FIGUEIREDO, 2000) e a valorização do coração acima da razão humana.

Firmava-se, assim, a diferença entre o “individualismo ilustrado”, defendido pelo ideário iluminista que amparava a igualdade de direitos e a liberdade individual, a onipotência do ‘eu’ e da razão universal e o “individualismo romântico”, que privilegiava a diferença qualitativa e a singularidade individual – é o momento da crise do sujeito moderno, quando seu ‘eu’ é destituído do lugar privilegiado de

senhor do conhecimento e da razão (FIGUEIREDO, 2000). As posições iluminista e romântica constituem diferentes versões, segundo Figueiredo (2002), do mesmo processo de constituição da subjetividade moderna em relação a essas duas esferas.

O Liberalismo (século XIX), fundado nos princípios iluministas, defendia que os homens eram iguais em capacidade e em direitos e valorizava o campo das experiências privadas que se voltavam “para o íntimo, para a privacidade, para as evidências que se dão ao ‘olho interior’ (...) como antídoto contra o intelectualismo racionalista e contra o mundo das representações convencionais” (ibidem, p.111). O Liberalismo colocava para o indivíduo a possibilidade de questionar e rejeitar doutrinas ortodoxas e dogmas. Era a defesa das experiências ‘interiores’ como constituintes da dimensão ‘psicológica’ no campo da teoria do conhecimento, o que provocou, ainda mais, o crescimento da subjetividade privatizada⁵.

A tese política do movimento liberal obrigava o Estado a não intervir na vida particular dos indivíduos, a não ser para regular as relações estabelecidas entre eles, de forma que ninguém tivesse a privacidade violada:

“o monopólio estatal do poder de fazer justiça e punir deveria estar completamente subordinado à função de salvaguarda dos direitos individuais, entre os quais se destacavam os direitos à liberdade e à propriedade” (FIGUEIREDO, 2002, p.130).

Essa posição política se voltou para o desenvolvimento de uma sociedade individualista e atomizada. Impôs, inclusive, a diminuição da influência do Estado na

⁵ Essas experiências privadas foram, aos poucos, reconquistando os espaços públicos no campo da literatura, do romance e dos dramas. A filosofia do iluminismo e os estilos românticos foram representando, expressando e trazendo para fora a esfera íntima, privada dos meios públicos. Esse movimento instaurava o desvelamento da liberdade da consciência e a autenticidade dos afetos e sentimentos. Essa abertura para o campo privado – campo do “psicológico” – efetivava as revoluções políticas, sociais, científicas; as artes, a música e a literatura foram igualmente influenciadas. Muito mais do que objeto de investigação *sui generis*, o “psicológico” conquistou espaços de forma a fecundar e transformar a sociedade e a cultura (FIGUEIREDO, 2002).

vida econômica, delegando à racionalidade individual essa iniciativa. Esse movimento combatia tudo o que obstruísse a livre ação individual e a defesa, pelos agentes sociais, de seus interesses e felicidade. As intervenções do poder público tinham que estar voltadas para o bem-estar coletivo, reunindo as satisfações de cada indivíduo (FIGUEIREDO, 2002).

Essa perspectiva liberal proposta por Jeremy Bentham (1989) foi duramente criticada pelos movimentos posteriores de reforma do Liberalismo; e, no século XX, o Estado, a educação e a família passaram a assumir novas funções, convertendo-se em agências disciplinadoras, destinadas a individualizar e normatizar crianças, jovens e adultos.

A transição do liberalismo para o regime disciplinar transformou, organizou e educou os indivíduos em uma rígida e produtiva disciplina, capaz de constituir em modelos de individualidade oitocentista. Esse regime concebia indivíduos destituídos de sentimentos, de sentido e de valores autênticos: “para vencer é preciso obedecer e para obedecer é preciso disciplinar a mente, eliminar todos os ‘subjativismos’” (FIGUEIREDO, 2000, p.55).

Essa crise disciplinar possibilitou a aproximação ao movimento romântico, levando a uma re-significação de valores e a mudanças da versão liberal, acarretando, conseqüentemente, reformulação de metas e formas de vida social e políticas voltadas para os valores românticos, como também a formulação de um projeto de vida individual de acordo com a personalidade do indivíduo. Isso caracteriza a liberdade como autonomia e autodesenvolvimento, enfatizando a diversidade, a singularidade, a espontaneidade e a interioridade dos indivíduos, próprios do ideário romântico (idem, 2002).

Os românticos criaram, portanto, uma noção de individualidade ou, melhor

dizendo, *personalidade*, “voltada pela capacidade de se autopropulsionar, autodesenvolver, de criar e, na própria criação, transcender-se e integrar-se às coletividades e tradições” (FIGUEIREDO, 2002, p.141). As idéias de isolamento, privacidade e identidade social começaram a se transformar.

Estabelece-se a transição para uma idéia de liberdade voltada para a autonomia e auto-engendramento, transformando os sujeitos naquilo que eles são de fato (personalidade singular), modificando, conseqüentemente, suas identidades convencionais. Isso significa tornar-se o que realmente se é, sem permanecer atado a papéis e máscaras sociais.

Por isso

“(...) a defesa romântica das paixões, dos impulsos, dos estados alterados da consciência (...), a defesa da absoluta liberdade de criação e transfiguração (...), a valorização da alienação, da loucura, dos desdobramentos da personalidade, da dissolução dos limites; o desdém para com as representações racionais e para com os interesses egoístas (ou egóicos); o cultivo da imersão nos processos vitais da natureza e da história e a procura de participação nas vivências míticas e arquetípicas, tudo isso faz sentido no bojo das grandes promessas restauradoras do romantismo” (FIGUEIREDO, 2002, p.142).

Essa “revolução” romântica, acoplada à recusa à subordinação aos ajustamentos sociais, poderia levar à condição da fragmentação da identidade. No entanto, essa conseqüência parece fazer parte do processo, já que a fragmentação “é a condição e a conseqüência de um processo de crescimento e florescimento da personalidade” (ibidem, p.142).

Nesse sentido, o ideal romântico se encaixa ao do Liberalismo por trazer os valores e metas que vão preencher o vazio deixado pela redução da vida social dentro de um regime puramente instrumental e racional. E se encaixa, inclusive, ao ideário Iluminista ao se voltar para a exteriorização das experiências privadas, atribuindo ao Liberalismo a necessidade de se transformar e recorrer ao ideário

romântico para se fortalecer contra os avanços do regime disciplinar.

Foi, portanto, no século XIX que conviveram três pólos de idéias e práticas de organização da vida em sociedade: o Liberalismo, o Romantismo e o Regime Disciplinar. Os três estabeleceram relações de complementaridade e conflito, resultando na formação de um novo território, onde as experiências individuais e coletivas se estabelecem, constroem e ganham sentido (FIGUEIREDO, 2002).

Assim, o pólo liberal contém o reinado do 'eu', com identidades delimitadas e autodominadas. Há, nesse pólo, uma separação das esferas privadas e públicas, onde nesta dominam as leis e os princípios de racionalidade e funcionalidade e na outra, o exercício da liberdade individual.

O pólo romântico acolhe valores de identidades fragilmente delimitadas, porque são atravessadas pelas 'forças da natureza', da coletividade e da história, ouvidas de 'dentro'. Essas forças promovem uma restauração do contato do homem com suas origens pré (pessoais, -racionais e -civilizadas do 'eu'), impulsionando, conseqüentemente, a um autodesenvolvimento, marcado por crises, experiências de desagregação, adoecimento, loucura e morte (ibidem).

O pólo disciplinar faz parte das novas tecnologias de poder, tanto sobre as identidades com base no princípio da razão funcional e administrativa, quanto sobre aquelas fragilmente estruturadas e fortemente influenciadas.

Os três pólos se atraem e se repelem, embora não sejam os mesmos aspectos que entram em contato com um ou outro pólo. Há aspectos, por exemplo, que se afinam entre o individualismo liberal e as práticas disciplinares e outros entre as idéias liberais e os modos românticos (ibidem).

Paralelamente às conexões de afinidades dos três pólos, existem outras que sinalizam a mútua rejeição que não é consumada, efetivamente, mas a tensão que

gera persiste, criando um território novo, porém desconhecido até o século XIX.

Esse espaço desconhecido é constituído por relações de coalizão e de conflito, caracterizando as afinidades entre liberalismo e romantismo, por um lado, e os procedimentos disciplinares, por outro, como alvos de sérias interdições cognitivas. Isso caracteriza o nascimento do espaço psicológico que vive precisamente da articulação conflitiva dessas três formas de pensar e praticar a vida em sociedade. É aí que se forma o território desconhecido e ignorado das representações identitárias ao longo das experiências históricas e sociais do homem, ou seja, o “excluído” do sujeito, a parte “negativa” de sua constituição (FIGUEIREDO, 2002).

Esses três pólos modelaram os processos de constituição das subjetividades e instituíram o “interdito cognitivo” (FIGUEIREDO, 2004, p.50), o impensável, o excluído. Cada um dos três pólos gera um conjunto de representações possíveis que vão se encontrar fora do campo das representações ou das experiências. São aspectos silenciados que, embora constitutivos da experiência, devem ser buscados para além dela, para além das aparências, pois não se mostram nela própria (ibidem). O psicológico, portanto, nos dá a possibilidade de compreendê-lo a partir da própria experiência do sujeito, constituída por momentos de encontro e de transformação.

Observamos, nesse sentido, que é no espaço de conflito e de marginalidade entre os três pólos que a subjetividade nasce e apresenta um homem em crise individual, social e cultural. Foi a irrupção desse espaço que permitiu vir à tona o sofrimento do homem, descentrado do mundo e centrado em si mesmo, procurando sentidos e parâmetros que o sustentem na busca por compreender o seu lugar no mundo.

O sofrimento provoca uma suspensão do ser no mundo, nos outros e em si mesmo, re-surgindo quando a realidade se mostra, reacendendo dores antigas, mas que, na verdade, são atuais. Isso ocorre quando eventos contemporâneos enfraquecem a manutenção da própria identidade e essas feridas cessam ou limitam o processo de re-significação dos fatos, comprometendo o “sentido da vida” (BARUS-MICHEL, 2001, p.21) e devolvendo o sujeito ao estado de “coisa”, deixando de trocar e de projetar-se.

Isso mostra um sujeito à parte no tempo e no espaço, “destinado a um aqui impossível de ser transposto, preso no presente indefinido do sofrimento” (ibidem, p. 19), da perda de sentido, da desordem das emoções, da impossibilidade de colocar em palavras, de se explicar e de se representar: é o peso da dor, o conflito que se transforma em crise interior, não passível de ser traduzido ou compartilhado. É o sofrimento, inibindo as capacidades dos homens e privando-os de sua linguagem.

Qualquer que seja ele, o sofrimento traz angústia, depressão, desmoronamento, sensação de vazio e medo, anunciando uma destruição, uma perda, um sentimento que pode chegar à sensação de morte: a impossibilidade de falar. As maneiras com as quais costumeiramente nos relacionamos nos impede de dar sentido às coisas e assim construímos patologias, inibindo ou despotencializando nosso potencial de liberdade, de criação e de responsabilidade para a qual fomos convidados.

O “eu” que passou, ao longo dos séculos, por períodos de mudanças significativas, sofreu metamorfoses em suas experiências. Sendo assim, não mais concebido como átomo social ou limitado a certas capacidades ou propriedades elementares, o homem re-surge como “organização emergente” (NAJMANOVICH, 1996, p.70), em meio às interações humanas.

Por essa razão, não se concebe o uso de descrições limitadas como essência, estrutura, ou coisa, para compreender os caminhos de construção da subjetividade contemporânea. Se dermos lugar às mudanças e à existência humana enquanto devir, “não faz sentido falar de identidade, mas de linhagens de transformações” (NAJMANOVICH, 1996, p.70), concebidas pelo vínculo “humano-mundo”, onde a subjetividade se constrói e se institui, para cada um de nós, enquanto espaço de liberdade e de criatividade: o espaço da ética⁶.

Depreende-se que a relação consigo mesmo, com o mundo e com o outro se encontram em crise na contemporaneidade, comprometendo o homem na busca por suas referências, limites e identificações. Essa é a expressão do mal-estar do sujeito, que solicita ser escutado numa relação de ajuda, a fim de que seja possível colocar em palavras seu sofrimento e palavras em suas angústias. Colocando o sujeito que sofre na relação, é-lhe permitido dar continuidade a um discurso inacabado ou interrompido, devolvendo-lhe, “dessa forma, a dor suportável, restaurando-lhe a palavra, envolvendo o sofrimento e reabsorvendo-o através do discurso” (BARUS-MICHEL, 2001, p.31).

Insistimos em buscar nas antigas maneiras de nos relacionar o sentido para os eventos (NAJMANOVICH, 1996); são formas que encontramos de construir o nosso mundo; não conseguimos encontrar outros caminhos, outras saídas, porque nosso foco de atenção está deslocado. É combatendo o sistema de crenças e de escolhas que será possível instituir mudanças frente à existência.

É aí onde se encontra a tarefa da clínica psicológica, ao buscar o lugar que o

⁶ Para além de sua concepção normal (princípios, valores, normas de ação e ideais), a ética é aqui entendida como reflexão, relação de si para consigo, autocomprometimento do sujeito, busca e explicitação do sentido ético da existência. A ética está voltada para a construção de modos de subjetivação. Isso é “habitar o mundo” (FIGUEIREDO, 2004, p.68), proporcionando ao homem acolhida e encontro consigo mesmo e com o outro, de acordo com o seu modo de ser.

psicólogo ocupa em relação à produção de sentido na terapia e na vida. Ao ir além da experiência, além das aparências, o terapeuta procura superar, junto ao cliente, a crise contemporânea, que é a da produção de sentido.

O primeiro passo para a emergência do sentido de si (SAFRA, 2004) é abrir caminhos na clínica psicológica para escutar esse homem, sua subjetividade, seu 'psicológico', interditado em suas experiências, de forma a criar condições para que sejam geradas novas possibilidades: “a tarefa que a configuração cultural contemporânea impõe às clínicas psicológicas é a da *escuta* desses *excluídos*. Esta parece ser a razão social e histórica do prestígio da clínica (...)”. (FIGUEIREDO, 2004, p.39)

Nesse sentido, a Psicologia Clínica dá sua contribuição ao instituir e propor o trânsito entre o fenomenal, aquilo que está no campo das representações e o das experiências, e o que resiste – campo do vedado, resistente e obscuro a essa mesma experiência. Uma das tarefas da Psicologia é verificar como se efetua o “reconhecimento e o acolhimento da experiência tal como se dá ao sujeito” (ibidem, p.53), pois somente a partir da experiência mesma é possível retirar o sentido buscado. Por essa razão, “mergulhar” na experiência direta é deixar-se atravessar por ela.

A clínica “está comprometida com a escuta do interditado” (ibidem, p.63), o que leva a defini-la por um *ethos* que oferece ao homem morada para sua experiência, instituindo o tempo e o espaço para que ele venha a ser. É a ética que define a clínica psicológica como clínica, como lugar de possibilidade e abertura, oferecendo ao homem um hábitat de reconhecimento do seu modo de ser (ser-no-mundo), como também espaço que lhe permite possíveis encontros com a alteridade.

Quando se desenvolve no homem a capacidade de habitar, é-lhe despertada a possibilidade de refletir: “só quem já é capaz de habitar pode construir uma casa” (FIGUEIREDO, 2004, p.71). As condições para as experiências com a alteridade se mostram a partir de um sentir-se em casa, ou seja, diante da constante renovação da “quietude do centro” (ibidem, p.73) que são oferecidas ao homem as condições para enfrentar acontecimentos desalojadores.

Esse é o sentido da experiência. Experimentar é entrar em contato com a alteridade: “fazer uma experiência com o que quer que seja, uma coisa, um ser humano, um deus, isto quer dizer: deixá-la vir sobre nós, para que nos atinja, nos caia em cima, nos transforme e nos faça outro” (ibidem, p.19/20). Porém, deixar-se transformar é apavorante por ser um acontecimento nunca vivenciado. O medo do que não se conhece fecha as condições de possibilidades, fazendo com que o homem se volte para o conhecido, para a estabilidade e para a quietude do seu centro.

Já disse Critelli (1996, p.16): “viver como homens é jamais alcançar qualquer fixidez”. O homem contemporâneo busca constantemente visualizar sentidos, recorrendo a parâmetros que o situem em sua existência. No entanto, falta-lhe visão crítica, capacidade humana de buscar compreender os fatos e suas origens dinâmicas, ou seja, participação com vistas a agir sobre a realidade. Não há mais espaço para uma existência submissa, alienada e covarde que gere um descentramento de si mesmo:

“Todas as histórias de todos os povos são simbólicas; isto é: a história e seus acontecimentos e protagonistas aduem a outra história oculta, são a manifestação visível de uma realidade escondida. Por isso nos perguntamos: o que significaram realmente as cruzadas, o descobrimento da América, o saqueio de Bagdá, o Terror Jacobino, a Guerra de Secessão norte-americana? Vivemos a história como se fosse uma representação de mascarados que traçam sobre o tablado figuras enigmáticas; apesar de

sabermos que nossos atos significam, dizem, não sabemos o que é que dizem e assim nos escapa o significado da peça que representamos” (PAZ, apud VOGT, 2005).

Assim, nos propomos dar continuidade a essas reflexões, situando-as no contexto da clínica psicológica, compreendendo-a como prática política que visa transformações e colocando a transformação dos homens em questão diante de um novo modo de subjetivar-se.

3. PERSEGUINDO CAMINHOS: ATRAVESSANDO A HISTÓRIA

“Um motivo estético diferente (...) é a admiração pela serenidade (...) que os heróis trágicos amiúde mostram quando em seu confronto com o irresistível destino e a derrota inevitável. Que tal admiração fosse capaz de encorajar o espectador ou o leitor a ser ele próprio sereno em suas ‘tragédias cotidianas’ (...)”. (GUMBRECHT, 2001, p.12)

Nesse capítulo abordaremos o sujeito contemporâneo no contexto da clínica psicológica, conceitualizando-a. Contemplaremos, ao longo desse estudo, fatos que podem nos ajudar a situar o homem em sua existência e tudo o que o leva a autenticar o seu modo de ser no espaço da clínica.

Sendo assim, estudamos no capítulo anterior o chamado ‘território da ignorância’. Esse fato divulgou o espaço psicológico como uma área de interdições cognitivas, resultantes de intensos conflitos e coalizões entre os três pólos (Liberalismo, Romantismo e Regime Disciplinar). O nascimento desse território veio revelar a existência de vidas cindidas e a exclusão, pelos três eixos, de aspectos significativos da experiência do homem, oferecendo a ele diferentes modos de ser e de viver individual e coletivamente (FIGUEIREDO, 2004).

O psicológico abriu espaço para o desenvolvimento de diversas pesquisas voltadas para o “conhecimento objetivo dos caracteres, ou seja, das identidades substantivadas nos diversos “tipos psicológicos”” (idem, 2002, p.101) e também para os processos cognitivos e demais estados subjetivos. O olhar para a Psicologia

como ciência do indivíduo surge nesse contexto, ainda fixada numa perspectiva instrumental racionalizada, sentindo a necessidade de fiscalizar, controlar, prever e corrigir aspectos que foram ao longo do tempo ‘interditados’.

A Psicologia restringia-se à construção de instrumentos de medição e previsão, além de se preocupar com a área de tratamento e intervenção que estavam sob o domínio da medicina. “A Psicologia estava ‘esquizofrenizada’: uma ciência que buscava estudar e descrever, porém, sem dispor de uma aplicabilidade direta” (MORATO, 1999, p.63), ou seja, a Psicologia não tinha ainda parâmetros de sustentação em que pudesse se amarrar e deles fazer uso; a prática pertencia aos médicos.

O modelo médico foi, portanto, a referência para a construção da clínica psicológica. Observamos que, frente a essa realidade, ainda tateando em busca de conquistar o seu espaço, a Psicologia se encontrava, naquela época, sem saída: a medicina impôs ao estudo do conhecimento do homem a perspectiva racional de medição e previsão, voltada para o tratamento e intervenção médicos.

Diante desse panorama, Augras (1986) apresenta o sentido de “clínica”, cuja palavra origina-se do grego e significa cama: época em que os médicos visitavam os doentes acamados com o propósito de atenção e cuidado. Debruçar-se sobre o leito do paciente nos remete à expressão de que Figueiredo (2004, p.166) faz uso – *inclinarse diante de* –, o que designa, no contexto da clínica psicológica, a atividade do profissional diante do *estar-com* o cliente.

Debruçar-se sobre para cuidar de um alguém gravemente enfermo faz parte tanto do âmbito médico quanto da psicologia clínica, *inclinando-se* para além dos limites do consultório, atingindo a sociedade, as organizações, os hospitais. Isso quer dizer que a “enfermidade” está tomando conta de dimensões na

contemporaneidade intensamente delicadas, questionando as formas de convívio social, o encontro com o outro, o estabelecimento das relações e o modo de ser do homem diante das circunstâncias e exigências da vida cotidiana. O que existe é a co-existência entre os diversos fatores e âmbitos de vida, onde a inter-relação homem-mundo/eu-nós gera uma mútua afetação de experiências tanto para o indivíduo, em seu processo de vir-a-ser, quanto para o mundo (AUGRAS, 1986).

Assim, o homem traz consigo um “mundo”. A partir dele se mostra e se apresenta diante do profissional – na clínica psicológica – ao buscar a reconstituição do sentido do singular e do plural, do *eu* e do *nós*. O encontro entre psicólogo e cliente é a presentificação da relação entre o eu e o outro, é a manifestação da intersubjetividade⁷. É o encontro onde duas subjetividades influem uma na outra. É o momento em que o psicólogo reconhece a si mesmo, transformando-se em ferramenta para compreender esse outro que se lhe apresenta: um outro marcado por um certo sofrimento, permeado por lamentações e questionamentos, onde se depara na clínica com a possibilidade de estar diante de sua existência, desafiando-o a ser ele mesmo e partindo em busca de possíveis sentidos dentro do incompreendido. É o momento de dirigir um novo olhar, uma nova perspectiva para o que está aí e para o que está por vir, apreendendo o sujeito em sua totalidade, ou seja, em todas as suas possíveis formas de se apresentar.

O contexto da clínica parece abrir para os envolvidos no processo um campo de aprendizagem incomensurável. No entanto, deixemos um pouco a imagem do psicólogo e debruçemo-nos no cliente, visto ser ele nosso foco de trabalho. Nesse sentido, nos deteremos em um sujeito inserido num contexto sociocultural, onde

⁷ Subjetividade aqui designada como elemento de construção do espaço psicológico, não como fator estanque, encapsulado, mas tão somente *afetação* e abertura que possibilita o encontro. Estão acopladas as atividades psíquicas, emocionais e sentimentais do homem.

figuram suas peculiaridades e a complexidade própria da situação do ser no mundo.

Um sujeito marcado por seus limites, existindo dentro de um contexto desumano e alienante, caracterizado pela fragmentação de si e do modo de ser humano. Voltemos à história e compreenderemos *como* o homem foi sendo moldado e “construído”. Ao perder a própria constituição de ser *humano*, o homem se destituiu de si mesmo, entrando numa corrida incessante pelo conhecimento científico, tendo, a partir daí, condições de exercer o poder diante da sociedade. Em meio ao turbilhão de acontecimentos, o homem foi se dirigindo e se acomodando a partir do que era exigido dele, o que acabou levando-o a ser “resultado” daquilo que ele mesmo buscou, ou seja, racional, objetivista e isento de qualquer sensibilidade.

Assim, o indivíduo que se apresenta à clínica está amparado por forças que ditam e regulam seu comportamento, sua expressão, suas decisões, seus pensamentos. São campos de forças dos mais diferentes níveis que encarnam no sujeito, produzindo modos de ser, de sentir, de estar no mundo. Há momentos em que não conseguimos nos ver como criadores e produtores de sentido para a nossa existência, visto que nos encontramos assujeitados a um sistema que fecha ou esgota o campo de possíveis e da própria criação humana.

Concordo com Augras quando diz: “o homem constrói sua vida na negação da sua realidade” (1986, p.31). Não é incomum presenciarmos na clínica a construção de um projeto de vida pautado em condições precariamente sustentáveis, ou seja, o homem vive sua trajetória imerso em contradições: ao mesmo tempo que olha para si, olha para o mundo, vive sob a tensão da vida e da morte, começo e fim, permanência e passagem, do ser para si mesmo e do ser com os outros.

O ser do projeto, lançado no mundo, o ser da criação e da transformação,

encontra sua morada na dúvida, na angústia, no medo, na incoerência, naquilo que não consegue significar. O caos existencial exprime primariamente a situação de estranheza na qual se encontra o homem: uma situação voltada para uma compreensão de si arbitrária, ambígua, dissimulada.

Vive-se, nesse sentido, a época da crise do sujeito:

“vivemos num tempo atônito que, ao debruçar-se sobre si próprio descobre que seus pés são um cruzamento de sombras, sombras que vêm do passado que ora pensamos já não ser, ora pensamos não ter ainda deixado de ser, ora pensamos nunca vir a ser”. (SANTOS, apud EIZIRIK, 1995, p.22)

Se antes a lógica e a razão asseguravam a verdade e o equilíbrio da existência humana, hoje nos encontramos imersos na incerteza, buscando caminhos para nos situarmos em nossa trajetória, pois permanecemos “possuídos pelo desejo quase desesperado de complementarmos o conhecimento das coisas, isto é, com o conhecimento de nós próprios” (ibidem, p.22).

Essa visão de mundo e de homem aberta a partir do século XX permite-nos ampliar nossa discussão e reconhecer a mudança de perspectiva em relação ao conhecimento. Antes, a união entre homem e conhecimento levou a uma organização complexa, e por que não contraditória, em relação à constituição humana.

As mudanças de foco e de compreensão da situação do homem no mundo nos enveredam por um caminho de reconhecimento da subjetividade enquanto campo de reflexão dentro da existência humana mesma. Nesse sentido, a subjetividade moderna – e suas manifestações – constantemente se reinventa, se recria, mostrando-se de diversas formas e sob diferentes aspectos: se apresenta desejosa de liberdade, de viver o presente, dissolvendo raízes e adquirindo valores

e formas de se inserir na sociedade. No entanto, o contexto social revela ao homem o diferente, o novo, o outro. Isso quer dizer que as ameaças encontradas no seio da existência inquietam o sujeito pela possibilidade da exposição de sua fragilidade. Tudo o que estiver sob território desconhecido é temido, o que contribui para a irrupção da situação de estranheza.

Eizirih (1995) afirma que é a partir do enfrentamento do estranho e do diferente que novas subjetividades se constroem, ou seja, há descobertas e criações no mundo humano, favorecendo o sujeito na busca pelo conhecimento de si, além de colocá-lo diante de fatores que podem ser determinantes de uma fala constituída de significações, ajudando a delinear o espaço ocupado pelo homem no mundo.

Por outro lado, a ilusão, a alienação e a dissimulação passaram a ser traços inerentes e necessários diante da insegurança e sensibilidade sobre o diferente. Encará-lo é correr o risco calculado de estar diante de indivíduos inteiramente fragmentados⁸. A sustentação de uma imagem irreal de si, o uso de “máscaras” socialmente convencionadas, mantêm o homem em condições de garantir a sobrevivência diante de si e dos outros.

Essa forma de estar no mundo, essa forma como a subjetividade é construída, “congela” o homem em sua capacidade criadora, fecha-o para as possibilidades, arquitetando ao seu redor um espaço “protetor” contra ameaças à sua estrutura. Assim, a máscara passou a ser um aspecto inseparável da personalidade: ela é a outra face. Não é à toa que alguns autores caracterizam a

⁸ Os outros com os quais o homem é-com imprimem nele a condição angustiante e ameaçadora. O outro adiciona à minha constituição o caráter desconhecido, estranho. O outro me permite pensar na possibilidade de existir outros em mim até então desconhecidos, ele me fornece um modelo para a construção da minha imagem. A pluralidade humana caracteriza a ambigüidade singular do homem ao fazê-lo se reconhecer enquanto ser multifacetado. A ambigüidade se apresenta pelo fato de o homem ser constituído de um outro imaterial que até então habitava um espaço completamente ignorado, passando esse outro a se apresentar diante de uma imagem concreta que o homem tinha de si mesmo. O espelho reflete essa imagem contrária, ele é “a porta para a visão do outro mundo” (AUGRAS, 1986, p.59).

civilização contemporânea como a cultura da máscara, obrigando os indivíduos a manter uma identidade social como questão de sobrevivência.

A máscara serve de sustentáculo do sujeito no meio social, assegurando uma personalidade irreal. Ela nos isenta da responsabilidade de assumir a nossa própria identidade, não havendo, inclusive, desejo de querer buscá-la. Esse acontecimento possibilita a formação de um profundo vazio existencial, o que nos torna criadores e mantenedores de personalidades simulacro.

Ainda que nos cause estranheza essa forma conflituosa de estar no mundo – ao mesmo tempo em que se busca libertar-se, busca esconder-se – a saída que o homem pode encontrar para escapar dessa condição é aceitando ele mesmo como outro para poder compreender o outro em sua multiplicidade (AUGRAS, 1986). No entanto, é impossível ao homem assumir a sua ambigüidade existencial, pois o maior temor do homem é o de perder sua constituição, tornar-se outro: eu e outro, vivo e mortal, concreto e imaginário, são condições de possibilidade da existência.

Ver-se “dividido” alimenta a “crise” do sujeito e, conseqüentemente, a “crise” da sociedade. Tanta dor e angústia transformam o sujeito num peregrino, procurando incessantemente um espaço onde possa se encontrar e (re)estabelecer o sentido de si. Por ter a sociedade sofrido igualmente uma afetação, ela se tornou um parâmetro desprovido de referência para o homem, pois se encontra bifurcada por fragmentos do *ethos*⁹ numa intensa criação de focos humanos que obedecem alienantemente¹⁰ aos ditames sociais.

⁹ Segundo Forte (2003), há dois sentidos para a palavra *ethos*: práxis, costume e morada, pátria. O sentido que se quer aqui estudar é o segundo, pois o que está em discussão são as condições que possibilitam o homem *morar* no mundo com outros.

¹⁰ De acordo com Augras (1986, p.66), o sentido original da palavra alienado é: “que não pertence mais ao dono, que se tornou outro”. Além disso, a recusa da própria alteridade é também um tipo de alienação, segundo essa mesma autora.

É essa alienação que obstrui o sentido de uma verdadeira escuta, mas principalmente bloqueia o desenvolvimento de uma fala genuína, pois o alienado, por perder-se de si mesmo, entrega-se à fraqueza de sua linguagem, danificando-a enquanto condição de morada.

Perdendo-se em sua própria condição, o homem passa a desenvolver um discurso alienado, a linguagem perde o sentido e as palavras deixam de ecoar. Institui-se o abandono da propriedade de si mesmo. É nesse momento que sua exposição desordenada pode levá-lo a encontrar sentidos para sua existência, à medida que vai se destituindo de suas próprias amarras e se deparando com os possíveis caminhos que podem surgir ao permitir deixar-se mostrar inteira e completamente a partir de uma fala aparentemente desconexa. Nesse sentido, entregar-se à transformação pelo encontro com a alteridade é uma forma de construir subjetividade, acrescentando a isso a possibilidade de ser afetado e provocado a iniciar um processo de re-significação de sua situação no mundo.

“A angústia decorrente da revelação da ambigüidade existencial, fundamentada que está na especificidade real-irreal humana, e apoiada na difícil aceitação da liberdade para a morte, faz do auto(hetero)-reconhecimento um processo dilacerante. A cultura contemporânea impinge máscaras e transforma ‘os outros’ em massa, quando os meios de comunicação se revelam meios de alienação”. (AUGRAS, 1986, p.69).

As formas que o homem encontra para se situar em suas questões na contemporaneidade levam-no a sentir-se impotente frente à angústia e incapaz de discernimento porque vive sob o efeito de uma “drogadição de identidade” (ROLNIK, 1995). Ou seja, o mundo está sufocado por estímulos apelativos e desconexos. Tudo parece se encontrar no campo do pré-definido, ou seja, pensamentos e ações já se encontram na “vitrine” muito antes de haver uma necessidade de “uso”. Os “utensílios” aqui não são os objetos do nosso dia a dia, mas o que nos tornamos a

partir dessa sociedade tecnológica e institucional.

Dessa forma, o homem cumpre somente sua tarefa de cuidar da existência, habituando-se a ser dispensável e dispensado. Esse possível modo de ser torna o homem *consumável*. Ser si-mesmo converte-se em algo *consumável* e o existir, também como objeto e mercadoria, é alienado de si mesmo. Voltado para a consumação de ser, o existir se desenraiza de si mesmo como desimplicamento do homem ante a existência (CRITELLI, 1988).

Fugindo de si mesmo enquanto destinação, o homem constrói sua subjetividade imerso num certo mal-estar, em impasses existenciais, conflitos, indecisão e desconexão das próprias emoções, quando expressas em palavras. Fatores como esses caracterizam o homem em seu estar no mundo, enquanto incompletude e ambigüidade.

Todas essas formas de se estar no mundo caracterizam o sofrimento do homem. Esse sofrimento é representado pela mitologia através das tragédias gregas, quando, por intermédio da figura do artista trágico, o sofrimento se apresenta ao espectador como condição inerente à vida. É assim que o trágico se revela enquanto conflito ineludível de normas, valores ou sentimentos (PFEIFFER, 2001), bem como pela busca da descoberta de si mesmo, o enfrentamento da própria consciência, o reconhecimento dos próprios erros, despojando-se de tudo frente ao maior juiz que é si mesmo.

Ao levarmos em consideração que as tragédias gregas são metáforas da condição humana, elas repercutem na nossa época contemporânea, justificando nosso modo de ser ao se apresentarem em forma de enfrentamento de si, temor pela desestabilização daquilo que se é, dor da finitude, além da dor do sofrimento existencial ligado à questão do ser no mundo, que é a questão do sentido.

Aspectos como esses aterrorizam o homem e o fazem fugir da responsabilidade de ser si mesmo, travestindo-se de variadas formas e buscando meios frágeis de alcançar o equilíbrio. Não é à toa que as sociedades contemporâneas fornecem “instrumentos poderosos de *desparadoxificação*, ou seja, instrumentos que lhes permitem remover todo e qualquer potencial de tragédia do espaço público” (GUMBRECHT, 2001, p.15), porque o objetivo é evitar o sofrimento, fugir do homem enquanto *destinação*.

Assim, o homem reforça cada vez mais a insustentabilidade diante da vida, negligenciando o cuidado consigo mesmo e desvirtuando o sentido da própria existência. É por isso que a ambigüidade provoca (o homem se vê impelido a superá-la) a condição humana, pois ainda que o homem esteja, segundo Critelli (1988), destinado a cuidar de si, ele o faz seguindo dois caminhos: o modo próprio de enfrentamento ou o modo impróprio.

Essas duas formas de existência revelam que o ser humano está compelido a tornar-se o *eu* que cada homem pode ser. Assim sendo, constituindo-se em um poder-ser peculiar, a constituição do homem revela uma tendência de fugir dessa tarefa de ser si mesmo, ou seja, fugir da implicação de ser si-próprio, decidido e orientado para as escolhas de sua vida.

Como este trabalho parte da compreensão da própria experiência do homem, do seu vivido, encontramos na clínica indivíduos que vivem um processo de assujeitamento social, atribuindo ao “eu” inúmeras características e máscaras que permitem o convívio no espaço público, ainda que precise enfrentar conseqüências no campo do privado.

Esse homem que ainda vive sob a influência da metafísica, ou seja, voltado para concepções racionais e objetivistas, vê-se forçado a se distanciar do seu

próprio ser, pois a razão converte o homem para a impessoalidade e para o anonimato. A impropriedade torna-se o modo de ser do homem, assim perdendo, conseqüentemente, sua possibilidade de projetar-se diante das circunstâncias da vida, fazendo escolhas a partir delas. Nesse sentido, impelido a viver na impropriedade, o homem se vê destinado a habituar-se a um certo pragmatismo social em prol de sua sobrevivência: o mundo é o modo-de-ser do homem onde cada ente vem a ser o que é e como é.

Sobre essa questão, Critelli (1988, p.72) afirma que “ser si-mesmo ‘impropriamente’ é, ontologicamente, o movimento básico, cotidiano, imediato e regular de cada homem”. Em outras palavras, não se responsabilizar pelo seu poder-ser é uma tendência característica de cada homem; a urbanização só ratifica e configura essa existência como o meio de o ser humano assumir sua impropriedade. Vista dessa maneira, a urbanização é apenas o *modo* que os homens incorporaram para viver anonimamente.

A partir dessa reflexão, compreendemos melhor as transformações ao longo dos séculos¹¹ que impediram o homem de refletir sobre si mesmo, terminando por acarretar a construção de barreiras que tinham por objetivo impedir a avalanche de transformações que ocorriam dentro dele. Fixou-se no conhecido e passou a atribuir sentidos ao que parecia sem sentido. Este indivíduo, atravessado por conflitos, desumanizado e alienado de si mesmo, se apresenta à clínica, desvelando de tal forma um conhecimento a respeito de si que parece brotar da própria angústia a revelação das dimensões do sofrimento e da fragilidade humanas (SAFRA, 2004).

É esse sujeito que necessariamente define a clínica pela ética, colocando o psicólogo na posição de aprendiz ao

¹¹ Ver capítulo anterior

“reconhecer o ‘outro’ na sua alteridade irreduzível a qualquer representação teórica, o ‘outro’ resistente a qualquer assimilação ao ‘mesmo’, refratário ao ‘idêntico’ articulado num sistema teórico de capturas conceituais e/ou num sistema tecnológico de controle e manipulação de recursos disponíveis”. (LÉVINAS, apud FIGUEIREDO, 2004, p.166)

O cliente vem buscar no consultório uma imagem de si, atribui ao mundo um sentido para, então, construir-se a si mesmo, participando da compreensão do seu existir. Nessa perspectiva, ele existe como ser fora de si mesmo, ou seja, como ser-no-mundo. “No mundo” é o modo de ser do homem, definido pela e como abertura e incompletude. Nesse sentido, ética tem a ver com o habitar o mundo e, seu objeto – *ethos* – como morada. É o ambiente protetor, sustentador e acolhedor que aquietta o homem, tanto em seu sentido material quanto no simbólico, proporcionado pelo *ethos*. Somente sentindo-se em casa as condições para as experiências do encontro com a alteridade são criadas, assim como para os acontecimentos desalojadores (FIGUEIREDO, 2004).

É pela reflexividade ética (compreendida como princípio relacional, comprometimento, subjetivação e *ethos*) que as relações do homem para consigo tornam-se autônomas e ele as assume, sem relegar aos outros. Então, se clínica é definida pela ética, ela diz respeito à ação política, pois rompe com o estabelecido e re-inicia a história do homem em sua existência, além de se voltar à afirmação da vida em sua potência criadora, dependendo da relação que se estabelece com o trágico.

Nesse sentido, Safrá (2004) sugere compreender o homem a partir da criatividade, ou seja, como ação que possibilita o acontecer e o aparecimento do singular de si mesmo. Se é este encontro consigo mesmo que se está tentando resgatar, então estamos envolvendo uma visão de ser humano onde sua própria experiência de liberdade se posiciona neste conflito entre o ser e o não-ser. A

questão fundamental deste homem criativo é o medo de não vir a alcançar a possibilidade de ser o que é, sendo cercado pelo rosto do não-ser, tolhendo-lhe a possibilidade de vir-a-ser.

O lugar do criativo no acontecer humano determina um lugar ético na situação clínica, colocando o homem numa situação de desamparo ao se posicionar entre o ser e o não-ser. É um estado que possibilita ao homem, por meio de seu gesto, ter como *destinação* o risco, assentado na perspectiva de que um acontecer é possível. Vendo por este ângulo, ousando arriscar-se, o homem passa da posição de estático, sem sentido, para *processo*, mobilizado pela possibilidade de cair no não-ser. A presença do outro¹² oferece ao sujeito o não-ser (não ser si mesmo; ou não-eu) como possibilidade de liberdade, isentando-o de ser de necessidades para ser como ato criativo em meio às necessidades – agindo sobre e não submetendo-se a (SAFRA, 2004).

Nesse sentido, um dos objetivos a serem alcançados na clínica, pelo sujeito criativo, é colocar as questões fundamentais da sua existência em constante processo. Somente mobilizando sua existência pode compreender os aspectos paradoxais de seu ser, colocando o sentido de sua própria existência sempre em transformação ao longo da vida. É a clínica da produção do sentido e de seus múltiplos deslocamentos no campo do humano (ibidem).

O problema é que, como o homem se encontra destituído do seu *ethos*, ele busca incessantemente a liberdade, visto viver uma existência atormentada. Porém, encarcerado na imanência do mundo, o homem busca, racionalmente, a liberdade

¹² Como já foi explicado anteriormente, o outro é tudo aquilo que me constitui, ainda que se encontre em campo desconhecido e interdito. Safra (2004) acrescenta que o outro é representante da humanidade: o mistério, o contemporâneo, o ancestral, o descendente, a natureza, as coisas. Utilizando as palavras de Augras (1986, p.56): "(...) os outros são aqueles dos quais a gente *não* se distingue, e entre os quais se encontra também".

no caminho do niilismo, ou seja, vazio de sentido, sem acesso à criatividade e à liberdade. É o drama do homem que se mostra por uma fala do sem sentido, por viver num processo psicopatológico específico, onde ele já se encontra totalmente classificado em categorias conceituais e estruturais (SAFRA, 2004). As situações-limite colocam o homem frente a esse caminho, de sofrimento, de culpa e fracasso, além de despertar nele a compreensão de que a sua vida é um constante processo de criação e destruição (AUGRAS, 1986).

É assim que a ação humana cria o si-mesmo e o não-eu, porque é o não-eu que dá ao homem os limites de si-mesmo, possibilitando a experiência entre outros. O outro é o limite do si-mesmo, refletindo a existência e o reconhecimento de si, ou seja, o outro nos oferece uma posição existencial antes inexistente, por isso doa ao sentido de si a posição reflexiva. Para reconhecer o outro é preciso encontrar dentro de nós a presença da alteridade. Isso é conhecimento (ou des-cobrimento?). Utilizando as palavras de Augras (1986, p.21): “como reconhecer o outro como tal, sem encontrar, dentro de si, a presença da alteridade?”.

O outro, assim compreendido, permite o morar, possibilitando o estabelecimento do *ethos* humano. O indivíduo responde como ser singular, mas fazendo parte de um outro: o trabalho na clínica permeia o singular e o plural, o eu e o nós (SAFRA, 2004).

E, assim, a coexistência, sendo uma das condições do homem ser no mundo, expressa-se a partir da construção recíproca de sistemas de significações, onde a compreensão é o próprio caminho para o desenvolvimento de elaborações. Dito de outra forma, o individual e o coletivo, o singular e o plural, estão intrinsecamente em relação e em oposição, e são apoiados pela alteridade (a alteridade é também um componente do si mesmo).

“É da natureza do início que se comece algo novo, algo que não pode ser previsto a partir de coisa alguma que tenha ocorrido antes. Esse cunho de surpreendente imprevisibilidade é inerente a todo início e a toda origem. Assim a origem da vida a partir da matéria inorgânica é o resultado infinitamente improvável de processos inorgânicos, como o é o surgimento da Terra, do ponto de vista dos processos do universo, ou a evolução da vida humana a partir da vida animal. O novo sempre acontece à revelia da esmagadora força das leis estatísticas e de sua probabilidade que, para fins práticos e cotidianos, equivale à certeza; assim, o novo sempre surge sob o disfarce do milagre. O fato de que o homem é capaz de agir significa que se pode esperar dele o inesperado, que ele é capaz de realizar o infinitamente improvável. E isto, por sua vez, só é possível porque cada homem é singular, de sorte que, a cada nascimento, vem ao mundo algo singularmente novo. Desse alguém que é singular pode-se dizer, com certeza, que antes dele não havia ninguém. Se a ação, como início, corresponde ao fato do nascimento, se é a efetivação da condição humana da natalidade, o discurso corresponde ao fato da distinção e é a efetivação da condição humana da pluralidade, isto é, viver como ser distinto e singular entre iguais” (ARENDR, 2004, p.190/191).

Na situação clínica é fundamental que os clientes encontrem o reconhecimento do que lhes é singular, a partir do contato com o outro. É condição originária sermos em comunidade. Sem isso estamos destinados a um sofrimento infinito pela agonia da falta do outro. Não há como compreender a nós mesmos sem antes conhecer o que nos constitui, o que atravessa a nossa existência.

“Cada ser humano é a singularização da vida de muitos. Compreender o ser humano como a singularização da vida de muitos implica em dizer que cada ser humano é a singularização da vida de seus ancestrais e é o pressentimento daqueles que virão. (...) O sentido de si é um fenômeno ontológico comunitário, isto é, acontece em meio à comunidade e *como* comunidade (...) A verdade de si mesmo acontece e se revela somente pelo reflexo do rosto do outro (...) O ser é comunidade” (SAFRA, 2004, p.43).

O sujeito se origina no reconhecimento de ser entre iguais e de ser em sua singularidade, mas também em sua capacidade de retomar suas escolhas e seus projetos. Nesse sentido, conhecer-se ou reconhecer-se é passagem, é uma longa caminhada sem pausa e sem tempo para fixar-se, pois ao passo que se avança, se retrocessa, numa constante busca por compreender a si mesmo, sem chegar a atingir esse fim em definitivo, porque o homem é processo, eterno vir-a-ser. Este percurso está pautado num conhecimento de si mesmo que não é aprendido, nem

pensado: é por apropriar-se de uma ética que o indivíduo encontra as condições necessárias para seu acontecer humano; em outras palavras, parte de suas experiências o conhecimento de que precisa para ir em busca de novas ancoragens.

A clínica contemporânea exige do terapeuta posicionamento e manejo em relação ao mal-estar de nosso tempo que inviabiliza as condições fundamentais para o emergir do sentido de si. Há uma ruptura/esfacelamento do *ethos* humano, irrompendo sofrimento e angústias contemporâneas.

Os tipos de sofrimento que aparecem na clínica demandam uma modificação significativa na forma de conduzir o processo terapêutico. “Cada vez mais nos deparamos na clínica com um tipo de problemática humana que nos coloca, como foco e com urgência, o restabelecimento do *ethos*” (SAFRA, 2004, p.33), de forma que seja criada uma situação que possibilite o acontecer da condição humana. É a clínica que exige do profissional uma escuta diferenciada da dor do cliente no momento do seu aparecimento e que solicita uma fala autêntica, destituída de pré-conceitos, funcionando como um mecanismo de desdobramento do momento existencial desse sujeito.

Essa necessidade surge em decorrência de que o sofrimento do nosso século tem sua justificativa no desenraizamento, na coisificação do ser humano, reduzido puramente a idéias ou abstrações. A tecnologia reduziu o homem a um ser que pensa e produz, limitando-o em suas possibilidades e aumentando seu sofrimento. O homem jamais será plenamente revelado ou explicado. Essa é uma questão que mexe com a ética do ser, pois o homem só autentica sua condição no enigmático, no obscuro, no indizível, no mistério (ibidem).

A própria natureza do homem desconstrói qualquer formulação racional ou teórica, porém teorizar sobre ele, suspendendo sua condição humana de ser,

reduzindo-o a um objeto ou a um conceito, é adoecê-lo, instaurando nele uma situação de barbárie silenciosa, só podendo ser compreendida quando seus efeitos já forem inegáveis.

Nessa perspectiva, o sofrimento inerente à condição humana manifesta -se na clínica por uma fala destituída de sentido. O sofrimento é, propriamente, a expressão do mal-estar do sujeito que apela por uma necessidade de ser ouvido, numa relação de ajuda, de forma que encontre meios de colocar em palavras sua angústia. Na relação terapêutica ele tem a possibilidade de dar continuidade a um discurso inacabado ou interrompido, colocando-o no caminho da dor suportável, restaurando-lhe o sentido da sua fala e resgatando sua identidade.

“Tratando de dar uma coerência ao caos das excitações e às exigências que o agitaram, ele tenta, com perseverança, falar. Ser de linguagem, nascido no meio de linguagem, ele encontra sua unidade e continuidade apenas na construção da linguagem: poder reunir os elementos disparadores e contraditórios de sua experiência, para colocar para si, em palavras, para contar a si mesmo, na temporalidade (seu passado, seu presente, seu porvir), na sua relação com os outros”. (BARUS-MICHEL, 2001, p.25)

A psicoterapia é um contexto significativo que acolhe o sujeito em sua diferença, ao mesmo tempo em que lhe devolve a responsabilidade e a liberdade de escolha. Em seu campo perceptivo, ele pode visualizar o que lhe aflige, elaborando e operando mudanças no seu modo de sofrimento. Reinvestindo em si mesmo ele se torna o enunciador do sentido de si. É o trabalho de existir que torna o sentido uma *destinação*.

Figueiredo diz:

“A confiança que falta é a de cada um em relação a si mesmo, em relação à própria existência e continuidade, à própria capacidade de assumir uma história e fazer promessas. Um maciço investimento de si no ‘si mesmo’ (sem passado nem futuro), um investimento concentrado e excludente,

parece, então, ser a condição indispensável à sobrevivência física e psíquica do indivíduo” (FIGUEIREDO, 2004, p.89/90).

É pela experiência direta, pelo contato com o desconhecido que o sujeito passa a refletir sobre si mesmo. Atravessado por essa experiência, ele autentica sua condição de abertura e incompletude, abrindo caminhos para que a linguagem, enquanto fala, configure sentidos¹³ e atribua à realidade vivida criatividade e liberdade a fim de gerar novas formas de ver e de existir no mundo.

¹³ Há várias formas de compreensão e definição para a palavra “sentido”. Tendo em vista a importância que essa palavra tem para a Psicologia e para a Clínica e, além disso, respeitando autores e teóricos que a têm como instrumento de pesquisa, “sentido” no nosso trabalho é caminho, meio, destino (ação); também pode significar a dimensão e a significância de alguma coisa para alguém; é algo que se apresenta como dispositivo, como impulsionador da existência humana, é a engrenagem da máquina, é o que faz funcionar (os modos de ser humanos).

4. A LINGUAGEM EM TRÂNSITO: A VIDA EM MOVIMENTO

Mencionamos, ao longo do nosso percurso, aspectos que caracterizam o homem em sua condição de ser-no-mundo. E aí podemos lembrar o sentimento de estranheza em relação ao estar-no-mundo-com-outros, a busca do homem pelo sentido de sua existência, a relação identidade-alteridade, a questão da subjetividade e as formas do homem se apresentar diante de si e dos outros, bem como sua expressão pela fala, seu *dizer* próprio.

A partir de agora, discutiremos a linguagem para compreendermos, finalmente, o seu modo de ser, suas formas de se apresentar e sua significação ao longo da História, o que levou o homem a assumir formas de expressões peculiares na contemporaneidade. O que nos move a essa discussão é a importância que a linguagem adquiriu ao longo do trabalho na clínica psicológica, ou seja, o sentido de sua manifestação e sua importância revelada ao homem na organização de seu próprio mundo.

Nesses termos, o significado de *linguagem* aqui abordado é aquele onde ressoa a necessidade de dar um encaminhamento para o que se encontra já mobilizado no homem – “ouvir antes de falar, o dizer silencioso do ser – condição de possibilidade para todo o falar humano” (BEAINI, 1981, p.14). E aí, perguntamos: o que significa, afinal, essa escuta primeira, onde, a partir dela, torna-se possível a fala humana?; uma fala aberta para o surgimento de novas concepções de ser, para novas organizações de mundo?

É a travessia humana em busca de sentidos: ao abrir-me para tudo o que

germina em mim, para o meu silêncio barulhento, é possível captar o sentido dos sentimentos, a fala do pensamento, a dimensão do ser existindo-no-mundo. É a partir dessa escuta diferenciada que é possível fazer verdadeiramente uma experiência com a linguagem e ser por ela transformado, pois algo passa a criar uma presença e, portanto, uma realidade. Algo passa a ser falado e a palavra nos põe em contato com essa realidade, ela amplia nossa visão e modifica nossa existência.

Compreender a linguagem na singularidade de *fala em processo de libertação* nos leva a refletir que somente “ouvindo” o apelo do ser, o apelo que mobiliza a quietude do centro do homem, é que será possível torná-lo palavra e abrir espaços para que as coisas e o mundo renasçam e adquiram sentidos. Para habitar na linguagem é preciso assumir as questões de sentido ligadas à abertura da pre-sença para, então, ser possível estruturar a experiência, definir e redefinir o viver, provocando uma mudança no modo de existir. Será que os homens se encontram preparados para ouvir o apelo do ser e ser por ele transformados?

É, portanto, a partir desse encontro homem-linguagem que as coisas que nos solicitam passam a se apresentar em seu *é* à medida que se mostram. É nesse processo que a linguagem – enquanto fala – autêntica “cria o mundo segundo o homem e o homem para o mundo, para além do mundo dado e do homem dado” (AMATUZZI, 1989, p.29).

“Cria mundo” quando falar é decidir, quando a fala for o próprio pensamento em ato, quando brota da relação mesma uma fala genuína, destituída do instituído, uma fala aberta e disposta a abarcar toda a ebulição que germina no homem, trazendo-o para fora, despertando nele outras formas de compreensão ao cumprir a fala do sentimento e do pensamento presentes.

Já disse Heidegger (2003, p.12): “No dito, a fala se consuma, mas não acaba.

No dito, a fala se resguarda. No dito, a fala recolhe e reúne tanto os modos em que ela perdura como o que pela fala perdura – seu perdurar, seu vigorar, sua essência”. Assim, pensamentos e sentimentos pedem passagem por alguma forma de expressão. Eles solicitam uma nomeação e ressoam no homem, chamando à palavra. Nomear é chamar a ser, deixar-se mostrar, presentificar-se, provocando uma evocação daquilo que se encontra à distância para que entre em vigor o que antes se encontrava ausente.

Esse chamado é a essência do falar: “O dizer confia o mundo para as coisas, abrigando ao mesmo tempo as coisas no brilho do mundo. O mundo concede às coisas sua essência. As coisas são gestos de mundo. O mundo concede coisas”. (HEIDEGGER, 2003, p.18/19)

É alcançar o dizer genuíno de tal maneira que atinja a plenitude do dizer, própria ao dito (ibidem). Essa é a *luz* que caracteriza o *des-velamento* do ser e que permite ao ente ser captado (BEAINI, 1981) O ser é aquilo que, quando descoberto e compreendido, permite a abertura do ente em sua compreensibilidade. O ser é, portanto, o fundamento do ente, e não ele mesmo. O ser “dá-se” a conhecer enquanto presença do mostrar-se do ente. À medida que o ente vai se mostrando, o ser o acompanha, por constituí-lo e atribuir-lhe sentido: “o ser é a essência do ente que somos e de tudo o que é” (ibidem, p.24). Ao conhecer *ser*, o homem tem, portanto, a capacidade de exprimi-lo, apresentando suas experiências fidedignamente. Dessa forma, o ser traz à luz as coisas, deixando-as ser e manifestarem-se em suas essências.

É assim que o homem se apropria de sua linguagem, da fala que aponta um sentido, uma direção. Para se chegar a compreender o indivíduo em seu mostrar-se, é preciso todo um percurso de busca de seu sentido de ser. A busca de sentidos do

homem é uma tentativa de respostas para o seu existir. Ser finito e imperfeito, o homem se projeta num vir-a-ser, desdobrando-se em diversidades e instituindo-se como unidade contraditória, modeladora do mundo e modelada por ele. Em seu movimento ontológico de abertura ao mundo, o homem busca poder-ser a partir de um assumir-se existencial, abrindo espaço para que as coisas se apresentem e os eventos lhe aconteçam (BUBER, 1982).

Dessa forma, a linguagem, enquanto condição humana de ser e de existir no mundo, permite ao sujeito dizer de si, mostrar-se em seu *sendo*. No entanto, longe de ser meramente meio de comunicação ou forma de expressão, a linguagem abre caminho para que o *dizer* responda à revelação do ser implícito na aparição dos entes. É um dizer que, originalmente, *ouve* o ser. É o silêncio da escuta que traz à palavra, é a escuta do chamado, da quietude do centro que evoca coisa e mundo:

“Antes de falar, o homem terá que deixar-se apelar pelo Ser mesmo, com o risco de sob tal apelo ter pouco ou raramente algo a dizer. Somente assim se restituirá à palavra a preciosidade de sua Essência, e, ao homem, a habitação para morar na Verdade do Ser” (HEIDEGGER, 2003, p.34)

Abrindo-se para sua própria experiência, o homem torna presente aquilo que, ao se mostrar, “deixa ser”. “Deixando ser” o ente, permite que as coisas igualmente se *presentifiquem* ao advirem dessa abertura. Nesse sentido, deixar-ser é *desvelamento*, *revelação* de algo, é dar andamento a um processo sem previsão de fim, pois o que foi des-velado carrega consigo sua condição obscura, assim como o que se apresenta velado igualmente pode indicar aspectos de sua constituição.

Isso significa que o homem não pode ser plenamente dito porque ele se encontra no entre: “entre o dito e o indizível, entre o desvelar e o ocultar, entre o singular e o múltiplo, entre o encontro e a solidão, entre o claro e o escuro, entre o finito e o infinito, entre o viver e o morrer” (SAFRA, 2004, p.24).

Por essa razão, a fala do cliente abre-o para esse não-dito, para seu lado sombra, num tatear em busca de sentido para essa situação entre o dizer e o indizível. Isso é abertura, disponibilidade, busca, saída de si para fora, para aquilo que o aguarda, que o solicita, que o chama para se apresentar: esse não-dito é vital “na clínica contemporânea, pois nela é fundamental estar-se posicionado no não-saber para que a revelação da singularidade do analisando possa aparecer” (SAFRA, 2004, p.46).

Esse “encontro” consigo mesmo que a linguagem possibilita advém da abertura do ser-no-mundo, da disponibilidade para o enfrentamento, do reconhecimento da importância de viver essa experiência.

No entanto, observamos que, em nossa história, a abertura para regiões de si foi maculada. A história da humanidade encontrou sua morada no seio de uma sociedade tecnológica, institucional, instrumental e disciplinadora que acabou por “prender” o homem em seu poder-ser, possibilitando que a linguagem escapasse à sua verdadeira origem. As diversas formas como o *ser* foi sendo apreendido nas diferentes épocas interferiram no modo de apreensão da linguagem, decidiram os modos de produção da verdade e intervieram nos rumos da História (BEAINI, 1981).

Em cada época, o ser do homem foi se transformando. Ele foi sendo revelado diante do modo de ser do ente dado “no” mundo, enquanto pertencente ao mundo, ou “intramundano” (“mundanidade” é a estrutura constitutiva do ser-no-mundo e “mundo” pode significar tanto o mundo “público” do nós como o mundo circundante mais próximo – privado – e “próprio”). A *mundaneidade* do mundo estruturou modos de se fazer mundo (HEIDEGGER, 2002).

O mundo não é estagnado, inerte, ele se *mundaniza*. Segundo Beaini (1981), os acontecimentos que marcaram a História levaram o homem a conhecer o seu

destino, assumindo sua posição no mundo e adquirindo, enquanto ser histórico, o reconhecimento de seu espaço, tomando para si suas responsabilidades, fazendo História e construindo-se a si mesmo.

Ao fazer História, o homem experiencia, ininterruptamente, seu constante recriar-se, conquistando a si mesmo e a sua situação no mundo, adaptando-se, conseqüentemente, às novas possibilidades de ser que foram sendo construídas enquanto modos de agir a partir de gerações anteriores. O homem, portanto, transforma a História na verdade de seu acontecer humano, assumindo a existência segundo o modo da historicidade.

Isso quer dizer que o *eu* do homem é determinado pela sua localização espaço-temporal. Vinculado nesses termos, o homem adquire consciência do seu *eu* e projeta seu futuro, ainda que limitado pelo seu *já ser* humano. Ou seja, a facticidade, enquanto condição humana de ser e de existir no mundo, justifica o modo próprio de ser-no-mundo, onde o homem está inserido. O homem é como é, isto é, *encontra-se sendo* devido à facticidade de seu passado, estando ainda afetado no tempo presente por tudo o que veio adquirindo como modos de ser (BEAINI, 1981).

Nesse sentido, o presente é o *decaimento*, ou seja, condição de possibilidade de ser-no-mundo do homem, ao compreender historicamente seu próprio ser. Assim, o homem é compreendido como 'disposição' (passado) do 'Dasein' ou da 'presença', como 'decaída' (presente) e como 'compreensão' (futuro), ao se abrir para possibilidades outras. Embalado nesse caminho, o homem se projeta, enquanto ser *ec-sistente*, ou seja, não se fecha em sua autopresença, mas se abre para o mundo, acontece como ser para fora de si mesmo, projetando-se sempre: "o homem só é plenamente enquanto não se fixa em uma das dimensões de sua temporalidade,

mas abre-se às outras que fazem dele o ser uno que é” (BEAINI, 1981, p.42).

A abertura para o mundo permite, inclusive, ao homem estabelecer relações com outros. Ele existe em meio aos demais entes, o que autentica a condição humana de co-existência. A co-existência é condição *sine qua non* do mundo humano, possibilitando ao homem definir-se enquanto ser social. Se a característica primordial do homem é co-existir, é justamente esse fator que permite ao ser humano se tornar autêntico, ou seja, mais ele próprio, “ou então ficar disperso e engolido na massificação, reduzido a um mero objeto, coisificado” (SPANOUDIS, 1997, p.57).

Essa ambigüidade na qual o homem se encontra – entre ser-próprio ou ser-impróprio – coloca-o diante de um jogo constante. Por não se encontrar pronto para ouvir seu ser e revelar-se em sua existência, o homem se depara permanentemente com a incumbência de assumir a si mesmo, pelo medo de perder sua identidade, ou constituição mais própria de ser:

“A pre-sença (ser-aí) é o ente que sempre eu mesmo sou, o ser é sempre meu. Essa determinação *indica* uma *constituição ontológica*, mas também só isso. Ao mesmo tempo, contém a indicação *ôntica*, se bem que a grosso modo, de que sempre este ente é um eu e não um outro” (HEIDEGGER, 2002, p.165).

Segundo Heidegger (2002), *quem* eu sou responde a partir de um eu mesmo, do “sujeito”, do próprio. *Quem* é aquele que, independente das mudanças de atitude e vivências, se mantém idêntico, embora continue a referir-se enquanto “eu” múltiplo. Por outro lado, é importante afirmar que o *quem* da pre-sença cotidiana pode *não* ser sempre eu mesmo. Posso me assumir enquanto “eu” e enquanto “não eu”. E aí Heidegger questiona de forma intrigante: “E se a constituição de ser sempre minha da pre-sença fosse uma razão para ela, na maior parte das vezes e antes de tudo,

não ser ela própria?” (HEIDEGGER, 2002, p.166).

Isso quer dizer que, em cada contexto, eu posso me revelar como o meu “contrário”. Compreendido nessa direção, o “não eu” não significa que, em sua essência, esteja desprovido de “eu”, mas pelo contrário, indica um determinado modo de ser do próprio “eu” – perda de si próprio:

“(…) a ‘essência’ da pre-sença está fundada em sua existência. *Para que possa ser uma constituição essencial da pre-sença, o ‘eu’ deve ser interpretado existencialmente.* Desse modo, a pergunta quem só pode ser respondida na de-monstração fenomenal de um determinado modo de ser da pre-sença. Se a pre-sença só é ela própria *existindo*, a constância desse ser-próprio assim como a sua possível ‘inconstância’ exigem uma colocação ontológico-existencial da questão, enquanto único acesso adequado à sua problemática” (HEIDEGGER, 2002, p.168).

Se *quem* pode adquirir essa característica ambígua, pode igualmente apresentar-se como um *quem* neutro, ou melhor, como *a gente*. Nesse sentido, o impessoal está por toda parte, ele retira a responsabilidade de cada pre-sença e assume tudo facilmente, respondendo por tudo, “já que não há ninguém que precise responsabilizar-se por alguma coisa. O impessoal sempre ‘foi’ quem...e, no entanto, pode-se dizer que não foi ‘ninguém’” (ibidem, p.180).

Ainda assim, segundo Heidegger, o impessoal não é um nada, ele se revela como “o sujeito mais real” (ibidem, p.181) da cotidianidade, não decidindo em nada sobre o seu modo de ser. O *próprio impessoal* é o próprio da pre-sença cotidiana, o que significa dizer que seu sentido é diferente do si mesmo *em sua propriedade*. Ser impropriamente é o modo de ser cotidiano, encontrando o homem disperso na impessoalidade, sem uma direção, perdido de si mesmo.

Dessa forma, “ ‘eu’ não ‘sou’ no sentido do propriamente si mesmo e sim os outros nos moldes do impessoal” (ibidem, p.182). Isso quer dizer que a pre-sença é impessoal, permanecendo assim até que abra a si mesma para descobrir o mundo,

para descobrir a si própria, seu próprio ser para, então, eliminar tudo o que a obscurece e vela.

É isso que buscamos compreender na clínica, a abertura do sujeito para regiões de si, a permissão para adentrar em seu ser e resgatar uma fala geradora de novas possibilidades, uma fala-atitude, mobilizadora, investigativa. Uma fala-peregrina, sempre à procura de compreender seu modo de ser e de se mostrar. Uma fala criadora e renovadora, uma fala própria, singular.

Porém, enquanto vive no modo impessoal, o homem alimenta uma dependência em relação aos outros, igualando-se a eles até o ponto de se perceber dominado. Isso significa que ele começa a produzir um discurso pronto, pasteurizado, sem conteúdo próprio, banal e, até mesmo, isento de responsabilidade consigo mesmo. O “outro” dominador é, inclusive, um impessoal, é o próprio homem em sua existência inautêntica. (BEAINI, 1981)

Esse encontro com o outro me abre portas de esconderijos, mostra-me máscaras de dissimulação, desvia o meu querer e me iguala a “todo-o-mundo”. O homem destituído de seu ser é o homem da linguagem inautêntica do cotidiano – “na qual, fruto de seu tempo, está perdido no palavreado e na opinião de ‘todo-o-mundo’; e na linguagem científica – que, buscando dominar o ser, o dissipa, tornando-o nada” (ibidem, p.16).

A sociedade da aparência, da valorização, da forma e da beleza, a sociedade do consumismo, do medo, das doenças psicopatológicas, da fuga de responsabilidades, do desespero, da perdição, do impessoal, da alienação, colocou o homem num caminho onde não é possível reconhecer seu ser. Por essa razão não resta outra alternativa, senão distanciar-se de seu próprio ser e deserdá-lo.

Por essa razão, o discurso da contemporaneidade possui, em sua essência,

um modo de ser especificamente *mundano*. O estar-no-mundo cotidiano traz o *falatório* como fenômeno ligado à pre-sença, abordando *a mesma coisa* numa *mesma* medianidade a partir de uma compreensão em comum (HEIDEGGER, 2002). A questão aqui é falar, sem necessariamente haver preocupação com a veracidade de um ponto de referência, pois o que faz sentido é repetir e passar adiante a fala (ibidem).

É essa fala sem sustância reproduzida que constitui um dos modos de ser do homem, nunca acrescentando algo verdadeiramente à condição existencial, mas, pelo contrário, alimentando uma compreensão mediana, sem alcançar a possibilidade de compreender a condição originária do que foi falado ou “ouvido dizer”. Assim o impessoal se mostra pelo *falatório* ao compreender tudo sem ao menos se apropriar da coisa mesma. Por não se apropriar, não corre o risco de fracassar, não assume responsabilidades e elabora uma compreensibilidade indiferente, sem nada excluir, mas também sem nada autenticar (ibidem).

O falatório encobre os entes intramundanos, pois se apresenta como modo de ser que não mostra *conscientemente* algo como algo. Ou seja, como não tem fundamento o seu discurso, por transformar a abertura em fechadura, o falatório é por si mesmo fechamento por se abster de aprofundar-se e fixar-se no referencial. Mas esse é seu objetivo: ‘reprimir, postergar e retardar toda e qualquer questão e discussão’ (ibidem, p.229).

Esse modo de ser já é próprio da pre-sença. É por essa razão que muito pouco conseguimos apreender além da medianidade. Toda nova forma de compreensão e comunicação passa primeiro pelo crivo do falatório, sendo a interpretação pública o juiz que sintoniza o modo em que o mundo é tocado pela pre-sença, ou seja, o impessoal determina o quê e como se ‘vê’ (HEIDEGGER,

2002).

O falatório é, segundo Heidegger (2002), desenraizado, destituído de sentido e sem laços suficientemente fortes que o prendam entre aqueles que sintonizam e convivem no mundo. O falatório tira da pre-sença a condição de resgatar sua originalidade ontológica primordial com seu poder-ser próprio e com outros (co-pre-sença). Por se manter oscilante, a pre-sença confirma a disposição de “não-ser” desenraizado, construindo a “realidade” cotidiana.

Essa é a alienação sobre a qual fizemos referência no capítulo anterior. O homem perdeu o acesso a si mesmo, não reconhece o que gosta, o que quer, o que deseja. O homem massificou o seu querer por viver numa sociedade cujos campos de força ditam e regulam seus modos de ser. Perdeu-se, portanto, o sentido da fala, seu significado e sua significância. Falar muito sobre algo não garante uma compreensão maior. Essa forma de se apresentar ao mundo obscurece o caminho e limita a clareza que poderia ser alcançada, mas não o é pela incompreensão trivial.

A trivialidade própria do falatório inibe o acesso ao ser e a escuta do seu apelo, somente possível de ser alcançado a partir do *silêncio* que constitui o discurso autêntico: “Para poder silenciar, a pre-sença deve ter algo a dizer, isto é, deve dispor de uma abertura própria e rica de si mesma. Pois só então é que o estar em silêncio se revela e, assim, abafa a ‘falação’” (ibidem, p.224).

“Fazer silêncio”(..)”rompe o falatório” (DUBOIS, 2004, p.151). É assim que a pre-sença em sua constituição própria de ser e de se dispor no mundo apresenta-se como discurso que quebra o instituído. O falatório é discurso impessoal e de ninguém, abre caminhos para o cego universal de si mesmo, para o senso comum, onde tudo se compreende e todos são compreendidos de qualquer forma e de qualquer jeito, sem a responsabilidade do dizer algo e do compreender.

O discurso próprio e verdadeiro somente pode ser re-enraizado no “fazer silêncio”, quando há uma apropriação de si enquanto relação própria de si para si e de si para o outro. Retirado o falatório, é permitida a compreensão genuína e restaurada a escuta e a fala em sua singularidade. O discurso singular “me chama para a verdade de mim mesmo” (DUBOIS, 2004, p.152).

Isso quer dizer que, calando-se a si mesmo é possível reencontrar a possibilidade de uma fala outra. O que apela para essa fala verdadeira é um dizer íntimo e privado, chamando silenciosamente ao silêncio, pela via do discurso, a fonte de toda *discursividade* verdadeira. Por isso o silêncio é falante (ibidem).

É dessa forma que o homem deve testemunhar aquilo que é, anunciando e enunciando o sentido de si, numa abertura que dá acesso a muitas outras possibilidades de ser em função de si mesmo, para outros e com outros, buscando na linguagem a significância de abertura de si para o mundo, apropriando-se de seu espaço, sem perder de vista sua condição de ser e fazendo uso da fala como sua mais própria morada. Para que isso ocorra é necessário fazer experiências, ou seja, encontrar caminhos possíveis para que seja permitido ao homem desdobrar-se e aí abrir-se para poder dar-se a conhecer. É deixando-se vir ao encontro da fala que o homem se põe no caminho:

“Fazer uma experiência com algo, seja com uma coisa, com um ser humano, com um deus, significa que esse algo nos atropela, nos vem ao encontro, chega até nós, nos avassala e transforma. (...) Fazer tem aqui o sentido de atravessar, sofrer, receber o que nos vem ao encontro, harmonizando-nos e sintonizando-nos com ele. É esse algo que se faz, que se envia, que se articula”. (HEIDEGGER, 2003, p.121)

Fazer uma experiência é permitir o aparecimento e o vigor de uma coisa como a coisa que ela é, em seu ser. É permitir-se estar próximo daquilo que se retrai em si mesmo, no silêncio da quietude, à espera do anúncio inaugural (ibidem). Fazer uma

experiência é, nesse sentido, percorrer um caminho: o caminho da relação entre o dizer e o próprio ser. O dizer leva ao ser, dá ser, traz à palavra o próprio ser. A palavra doa ser ao instaurar um mundo. Doar é nomear, não no sentido corriqueiro de atribuir um significado ou um rótulo, mas nomear é permitir mostrar-se, chamar a coisa para que lhe seja doado um modo de ser. É como um convite para que a coisa saia do obscurecimento e ganhe vida, sendo convidada a ser presença (DUBOIS, 2004).

Nesse surgimento singular, a palavra permite que as coisas habitem o mundo em seu ser-coisa. Ao nomear, a palavra se desdobra numa doação ao mundo das coisas e as coisas do mundo, instaurando a diferença de suas relações e instituindo a relação entre eles. Esse caminho leva ao reconhecimento de uma apropriação das coisas ao mundo e vice-versa para aí chegar à apropriação de nós mesmos, à doação do nosso sentido de ser-no-mundo, a nossa constituição de ser, o estabelecimento de nossas relações, nossa projeção futura, nosso reconhecimento presente.

A partir dessas palavras, podemos afirmar com Beaini (1981) que o homem não está condenado à banalidade, ao inautêntico ou ao impessoal. Ao assumir-se e escolher-se, ele mesmo busca os reais caminhos de seu ser, abrindo-se para as possibilidades e permitindo a emergência do sentido de si, constituindo-se ao sair de si:

“Por ec-sistir, ou seja, por ultrapassar-se continuamente rumo ao ser, por transcender-se, o homem tem experiência de si como ligado, vinculado essencialmente ao ser, próximo de seu mostrar-se, que requer o homem e dele necessita” (BEAINI, 1981, p.47).

É essa a questão que torna a linguagem como fundamento da revelação do ser. Ec-sistindo, o homem se aproxima do ser e o redimensiona. O mundo se

transforma, nesse sentido, na *clareira do ser* que o convida a uma proximidade. Só assim é possível entrar em contato com a verdade de si mesmo que constitui a liberdade de deixar-se o ente, no ato humano, abrir-se ao ser.

A linguagem é, portanto, discurso pronunciado, ou seja, é o falar. Nesses termos, o homem pode habitá-la enquanto casa do ser, pois o falar implica, acima de tudo, revelação, tendo o discurso como modo constitutivo da essência (modo de ser) do homem. Por isso, o ouvir e o silêncio, já mencionados anteriormente, são importantes nesse processo por facilitarem o des-velamento do homem no discurso e por possibilitarem ao homem uma compreensão maior do que o ser lhe diz (BEAINI, 1981).

“A linguagem é o pronunciamento do discurso. Como um ente intramundano, essa totalidade de palavras em que e como tal o discurso possui seu próprio ser ‘mundano’, pode ser encontrada à maneira de um manual. Nesse caso, a linguagem pode ser estilhaçada em coisas-palavras simplesmente dadas. Existencialmente, o discurso é linguagem porque aquele ente, cuja abertura se articula em significações, possui o modo de ser-lançado-no-mundo, dependente de um ‘mundo’. O discurso é constitutivo da existência da pre-sença, uma vez que perfaz a constituição existencial de sua abertura. A *escuta* e o *silêncio* pertencem à linguagem discursiva como possibilidades intrínsecas” (HEIDEGGER, 2002, p. 219/220).

Se a linguagem depende do ser, esse dizer silencioso do ser é o que permite ao homem falar. É aí onde deriva o falar originário humano, onde ao primeiramente calar-se, o homem é tocado em seu silêncio para que o dizer do ser se manifeste, apresente-se, mostre-se, venha a dar-se (BEAINI, 1981).

Para modular a existência, a fala que define e redefine o viver e provoca mudanças no modo de existir é aquela que assume o processo de transição – fala falada para fala falante, ou seja, apropriada e assumida. Nesses termos, o objetivo da psicoterapia é caminhar para uma fala criadora de sentidos, buscando sua organização e estruturação e, além disso, observando para onde o discurso do

cliente o leva, como sua narrativa é estruturada. A compreensão da fala do indivíduo é a ponte para a investigação da sua situação no mundo, como fonte de encontro com o outro e consigo mesmo. (AUGRAS, 1986)

Dessa forma, cliente e terapeuta estabelecem uma relação de encontro, de abertura de possibilidades, de contato direto entre mundos. É nesse espaço que o falar se *dirige a* para, então, *tocar* o outro e, nessa descoberta, ser reciprocamente tocado no seu centro pessoal (AMATUZZI, 1989).

Ao ser tocado, o cliente se despe, diz de si, dá-se a conhecer, pois é somente nessa fala que o outro a quem o terapeuta se dirige se constitui como pessoa e não simplesmente como uma esfera fictícia cujo fato de viver se reduz a ser escutado. Assim, uma fala só será verdadeiramente fala se for *dirigida a*, possibilitando a descoberta do outro (BUBER, 1982).

Esse acontecimento revela o falar como atitude, como tomada de posição. Perceber-se interpelado na relação com o outro é permitir abertura para que as coisas me falem e os eventos me aconteçam, somente sendo possível por implicar um posicionamento do sujeito para fora, face ao outro e ao mundo. É *saindo de mim* que eu me coloco e me confirmo no *entre* da relação, constituindo-me como presença e como sujeito atuante.

Nesse *entregar-se* é possível reconhecer-se enquanto sujeito histórico, munido de um olhar ético e disposto a enxergar valores próprios. Esse acontecimento é possibilitado quando, na clínica, se cuida para que o mal-estar do nosso tempo não inviabilize as condições fundamentais para o emergir do sentido de si. Por isso a linguagem tem importância fundamental quando

“permite que o *dizer* humano seja gesto humano, ação transgeracional geradora de possibilidades de existência. Linguagem que se apresenta ao homem como poesia,” (ou seja, que preserva, resiste e revela algo do

originário da condição humana, diz e preserva o mistério) “que o visita e que o gera: *linguagem revelação*” (SAFRA, 2004, p.46).

É esse o sentido da linguagem que nos aponta para uma direção, quando ela “possibilita a aparição do fenômeno humano, revela a condição humana” (ibidem, p.46) e re-instaura o *ethos*. Essa perspectiva de linguagem enquanto organização de mundo estabelece um modo de enfrentamento, interpretado como resgate originário das fraturas/adoecimento que o homem vive em seu *ethos* na contemporaneidade.

Estamos falando de uma linguagem que cria e organiza o mundo, tendo o homem como agente dessa criação e recriação, criação e revelação:

“A função da linguagem, portanto, não é apenas comunicativa. É a pura revelação da situação de um ente que existe em si e para os outros, como singular e idêntico, como um feixe de contrários, cuja síntese é constantemente destruída”. (AUGRAS, 1986, p.76)

A linguagem acolhe esse indivíduo de forma a colocá-lo no trânsito da transformação por um novo modo de subjetivar-se, buscando novos modos de ser frente às inquietações inerentes à sociedade contemporânea, de forma que chegam a provocar em nós uma constante sensação de que algo está fora do lugar ou de foco:

“Investir em mudanças no campo subjetivo é combater práticas de assujeitamento que fecham ou esgotam o campo de possíveis, propiciando a criação de outros possíveis ou mesmo do próprio possível, quando o campo parece esgotado” (GONDAR, 2003, p.14).

A clínica é o lugar de viver essa experiência com a linguagem, como um meio potencializador de luta contra a ordem do mundo para, então, ser possível criar, dentro desse mundo, um “modo singular de existência” (ibidem, p.14). Esse modo singular soa como resgate ou reconquista da experiência individual em meio à

sociedade, pois a arte de falar sobre si mesmo para outrem, ou seja, contar histórias, compartilhar vivências e experiências, passou a não fazer mais sentido em nosso tempo.

Estamos tentando compreender a importância da fala para o sujeito, que sentido ela aponta, que repercussões são possíveis na vida do sujeito a partir do momento em que ele é interpelado por ela. No entanto, nos deparamos com uma realidade: não se vive mais experiências. A sociedade caminha em direção a um esfacelamento, desagregando suas criaturas.

O que fazer, então, diante dessa situação onde cada vez mais são fechados os campos dos possíveis? Como contribuir na abertura do sujeito para viver, em sua vida, um obra aberta, um contar histórias, um falar sobre si sem buscar explicações, mas simplesmente permitir mostrar-se?

O indivíduo precisa, de antemão, ser transparente a si mesmo, precisa dar-se por si mesmo, ao seu modo próprio. A psicoterapia facilita o processo na busca pela compreensão de si, tematizando sentidos e permitindo ao sujeito a saída do enclausuramento – regido por leis da situação no mundo –, colocando-o no trânsito da abertura para si mesmo, para o mundo, para os outros. É a conquista da própria liberdade, da libertação de si, proporcionando reflexão sobre o sentido das coisas e discernindo o mundo da publicidade, da impessoalidade, e buscando resgatar a sua singularidade.

Isso gera possibilidades de encontro com a própria história de vida, adquirindo a importância de re-significá-la. Por essa razão, é imensamente válida a proposta de Benjamin (1994), quando afirma que narrar não é simplesmente falar, mas construir, desconstruir e reconstruir acontecimentos e afetos ligados à experiência do sujeito através da linguagem. A busca pela questão do sentido se

encontra nessa travessia de des-velamento, de se permitir ser interpelado, atravessado pela experiência, de forma que esse acontecimento abra para outras descobertas, como também possibilite a compreensão do que foi vivido.

Esse é o sentido da fala criadora, transformadora e mobilizadora. Criação e transformação partem daí, do resgate da experiência, da re-instauração do *ethos*, da busca pela compreensão de si mesmo. Isso é modo de enfrentamento diante de uma realidade fragmentada, destituída de sentido, geradora e transmissora de falas medianas, onde prevalece a univocidade da palavra e a destruição da possibilidade de novas significações (BENJAMIN, 1994).

A narrativa abre para a dimensão existencial e para os significados vivenciados pelo sujeito no seu estar-no-mundo. Abre, inclusive, o campo perceptual do indivíduo para tudo o que lhe afeta a experiência no momento. À medida que narra, o indivíduo vai tecendo sentidos, construindo pontes e intercambiando experiências (DUTRA, 2002).

“A narrativa é preciosa, pois conecta cada um à sua experiência, à do outro e à do antepassado, amalgamando o pessoal e o coletivo. E o faz de uma maneira democrática ou, mais precisamente, da única maneira possível para que uma prática social seja democrática – fazendo circular a palavra, concedendo a cada um e a todos o direito de ouvir, de falar e de protagonizar o vivido e sua reflexão sobre ele” (SCHMIDT, 1990, p.51).

A narrativa contempla dimensões como emoção, razão, ação e expressão, muito maiores e mais abrangentes quando se “mergulha” na experiência. Esse acontecimento redimensiona o sentido clínico de linguagem, por abarcar situações onde o episódio narrado é reconstruído à medida que é trazido à tona, criando cada vez mais sentidos e alcançando significados ímpares. Em outras palavras, a importância da narrativa está em sua condição única: fazer conexões ao se contar histórias, abrindo o homem e revelando sua experiência ao mundo.

Compreender a narrativa que possibilita uma fala acontecimental (FIGUEIREDO, 1994) é encontrar nela a afetabilidade de uma dimensão de compreensão: a elaboração e reflexão das experiências. O sentido dessa fala, imerso na dimensão existencial do vivido, sendo, portanto, pré-reflexivo, é elaborado na clínica pelo cliente, quando este se abre para a compreensibilidade daquilo que se mostra, ou chama a ser. Isso é pura compreensão de ser, ao ver-se (o homem) projetando seu ser para possibilidades, reconhecendo o seu modo de ser dentro de uma estrutura total de significância, que é o próprio mundo.

Nesse sentido, o homem entra num movimento de trânsito entre desalojamento e alojamento, ao permitir que, pela abertura, o estranho se torne familiar e o indizível se torne dizível, ao mesmo tempo em que arrisca outras tramas de sentido. Assim, ao reconhecer sua história e ao (re)contar sua experiência, o sujeito tem a possibilidade de elaborar e (re)tecer tudo o que foi vivido, refletindo acerca de outros rumos a seguir. Isso significa possibilidade de criação de sentido, inaugurando, no momento da narrativa, outra experiência.

A partir dessa compreensão, a narrativa pode, portanto, se apresentar como clínica, abrindo-se para o sujeito tornar-se narrador ao atravessar o caminho entre o vivido e a experiência. É essa a clínica da emergência do sentido, da fala viva e autêntica, comprometida com a experiência da criação/recriação, re-significação de outro caminhar. Até que ponto, afinal, a clínica está investindo nessa proposta? Ou seja, contribuindo para que essa experiência se transforme em narrativa viva, possibilitando ao sujeito ouvir/dizer, elaborar/refletir acerca de suas experiências?

Assim, é importante levar em consideração o sentido da linguagem para cada um de nós, o que ela representa, para onde ela nos leva, que direção ela nos aponta, que desdobramentos são possíveis quando nos permitimos vivê-la, tê-la

como nossa própria morada, como nossa mais genuína forma de expressão e revelação.

Se “a fala torna possível o mundo” (AUGRAS, 1986, p.80), ela nos abre reflexões acerca de nossa situação no mundo, enuncia o sentido do encontro com o outro e restitui o recolhimento do indivíduo para o problema de sua existência, seus dilemas e horizontes desejantes. Para que o homem aconteça em sua própria humanidade é indiscutível que ele se reconheça enquanto produtor e criador de sua própria peregrinação, amplamente responsável por si, construindo campos de forças de possibilidades de sentido, na emergência mesma do horizonte humano, sendo constantemente marcado por suas experiências.

5. TECENDO UMA METODOLOGIA

5.1 Compreendendo esse transitar

Método vem do grego *methos* que quer dizer caminho – que me dirige para algo que se apresenta; é *por onde* eu me dirijo; um *modo como* fazer o caminho; é um *meio* a partir do qual a *questão* me leva.

Uma questão simplesmente se apresenta diante de mim, inquietando-me. É necessário ao menos, uma tentativa de resposta que me conforte e traga sentido para o que surge. Porém, como é algo que me põe em constante movimento, de nada adianta iludir-me, perseguindo uma solução. Assim como eu estou diante da vida, a questão me levará por muitos caminhos, a outras indagações que me farão vislumbrar novas descobertas.

Esta é a condição humana de ser e estar no mundo: estar lançado e aberto ao ser, ao mesmo tempo em que o mundo é aberto ao homem. Assim, os muitos (possíveis) caminhos nos colocam diante do imprevisível, do desconhecido, do surpreendente. Ao nos permitir, somos lançados, juntos à inquietação, a doar significado e a desenvolver nossa capacidade de criação diante da vida.

Perseguir a questão do sentido acaba por se tornar angustiante, tendo em vista que nossa condição, também, é de incompletude diante da busca de respostas para nossas aflições. Por essa razão, trata-se de uma pesquisa em ação, ao nos vermos “mergulhados” em um não saber... Apesar de haver um norte: a questão que

guia e orienta, abrindo ao mesmo tempo possibilidades outras de compreensão.

Dessa forma, quando a questão surge em nós, mobilizando-nos, chamamos isso de fenômeno. E, como tal, nos obriga a tomar uma posição ética e política em relação ao que se mostra. *Como* eu vou pesquisar é somente o meu *modo* de agir, é o meu olhar para algo que me envolve e me deixa “sem chão”.

Assim: Que sentido pode ser apontado a partir da experiência do sujeito, na clínica psicológica, ao falar de si? Que possíveis repercussões (dessa experiência) acontecem nos lugares onde esse indivíduo atua?

Essa é a questão-norte da nossa pesquisa em direção a uma reflexão acerca da clínica psicológica e suas repercussões como um lugar de abertura de possibilidades a um falar desconstrutor e criador de sentidos. Para compreender essa clínica, buscamos nesses sujeitos, a partir de seus depoimentos, a compreensão e reflexão necessárias para esse fazer clínico.

Para que isso se tornasse possível, recorreremos à narrativa como elaboração e registro da experiência, na perspectiva de Walter Benjamin, conforme proposta por Schmidt (2004) como metodologia. A narrativa é, segundo Benjamin (1985), uma forma artesanal de comunicação, onde a experiência do narrador é a matéria-prima a ser trabalhada. Mais do que isso, abrange dados que se desdobram ao longo da vida, constituindo a forma de construção da experiência e da memória, como também de sedimentação e reconstrução do processo vivido.

Isso significa entrar em contato com a experiência vivida e somente a partir desse encontro é possível re-significá-la ao ser atravessado pelo processo de desvelamento próprio da abertura do homem diante da busca pela compreensão de si mesmo. A narrativa permite que o viver humano seja permanentemente colocado em evidência.

A opção por essa metodologia se dá devido à importância da relação entre experiência e narrativa. A experiência se refere a uma elaboração do fluxo do vivido que ocorre pela consolidação e incorporação do singular e do plural que compõem a vida do indivíduo, e a narrativa é a forma de expressar essa pluralidade de conteúdos, em constante mutação, no tempo (SCHMIDT, 2004). Isso acontece porque a narrativa abre para a dimensão existencial do homem no mundo fenomenal, para sua singularidade e para suas experiências.

A importância dessa forma de pesquisa se encontra justamente pela evidência atual de desaparecimento da forma de comunicação mais adequada ao ser humano: contar histórias, compartilhar experiências, criar e recriar acontecimentos. É a narrativa, pela sua característica oral, que permite ao homem reconstruir sua história à medida que vai sendo relatada. Por essa razão, a narrativa é um caminho para se chegar à experiência tal qual ela é vivida pelo narrador, com seus valores e percepções presentes naquele momento (BENJAMIN, 1985).

Aquele que narra não informa sobre a sua experiência, mas conta sobre ela, dá oportunidade para que outros a escutem e a transformem cada um segundo sua interpretação. Mas o mais interessante é que contar e ouvir amplia a experiência, desdobra o processo vivido e autentica a experiência do sujeito como uma obra aberta (ECO, 1993), confirmando a sua dimensão fenomenológica e existencial.

A narrativa resgata o que falamos, aqui, ao longo do nosso trabalho: a experiência de estar-no-mundo-com-outros, a relação de intersubjetividades imersas numa teia de valores e afetos, presentificando o passado e reconstruindo-o para transcender o mundo daquele que conta e ouve.

Nesse sentido, a perspectiva fenomenológica existencial é um recurso, bem como a narrativa, para compreender e respaldar questionamentos que envolvem o

tema da pesquisa. Essa é uma articulação metodológica possível, considerando-se a inter-relação entre homem e mundo, fundada no modo de ser e de existir efetivamente construído a partir das dimensões do público e do privado. Nesse sentido, a compreensão fenomenológica existencial implica um modo de ação e relação, desvelando a trama da vida a partir daquele que se despe ao narrar sua própria história. Essa é uma maneira possível de abordar e compreender essa clínica, a partir de relações de intersubjetividades, próprias do existir humano e da própria clínica, o que requer a abertura dos sujeitos – pesquisado e pesquisador – à experiência, numa mútua afetação.

Assim, a pesquisa fenomenológica pretende dar conta do que acontece ao construir uma compreensão de algo. É um método de acesso à realidade do mundo, uma forma de compreender o existir humano, alcançando o significado da realidade e do mundo para um sujeito que se encontra na condição de ator e protagonista de sua própria história. Dessa forma, é importante situar o sujeito enquanto presença no mundo, pois só ele pode se voltar à sua vivência, resgatando a dimensão do vivido e entrando num processo de descoberta de sua própria humanidade (HOLANDA, 2005).

Durante todo o nosso trabalho tentamos buscar questões e reflexões como tentativas de compreensão do sujeito na contemporaneidade e o sentido que sua fala, seu discurso, aponta. A clínica é, portanto, comprometida com a compreensão, seja pelo processo de interpretação da palavra falada, ou por ter o dizer e o ouvir, em seu bojo, o ato de interpretar. Dessa forma, o pesquisador está envolvido a partir do momento em que transcende seu próprio horizonte e se vê situado em outros, permanecendo ativo e presente como um interlocutor que solicita e acolhe. Cabe, então, ao pesquisador, “colocar-se mais como um recolhedor da experiência,

inspirado pela vontade de compreender, do que como um analisador à cata de explicações” (SCHMIDT, 1990, p.70).

Para chegar a compreender a clínica como um lugar de abertura de possibilidade a um falar, consideramos importante abrir um espaço para que sujeitos usuários pudessem refletir acerca de suas experiências, de forma a reavaliar sua história, tecendo sentidos e construindo pontes a partir de um se mostrar e se contar. O espaço criado para colher essas narrativas é a própria experiência em ação, é abertura para cuidar de si mesmo, tendo em vista que o caminho que se pretende investigar, dentro desse espaço criado, permite chegar às coisas no modo como elas se apresentam; aquilo que se mostra dá-se, a seu modo próprio, a partir de si mesmo, em sua genuína e fidedigna expressão:

“Muitas vezes as pessoas nunca tiveram oportunidade de efetivamente dizer sua experiência. Fazem-no então pela primeira vez, e freqüentemente surpreendem-se com o que dizem. A pesquisa fenomenológica é a pesquisa do vivido, e ele pode não ter sido acessado antes. O “vivido” não é necessariamente “sabido” de antemão. É no ato da relação pessoal, quando surge a oportunidade de dizê-lo, que ele é acessado. Diríamos que o vivido é surpreendido na relação, pela própria pessoa, que então o comunica, facilitada pelo pesquisador” (AMATUZZI, 2005, p.19)

A escuta e o registro dessas experiências são pontos de partida para compreender essa clínica, em suas dimensões ética e política, estendendo-se para uma reflexão acerca dos trâmites socioculturais contemporâneos em que esse sujeito se encontra imerso frente à necessidade de construir um novo modo de subjetivar-se. O que queremos dizer com isso é que os padrões culturais em nossa sociedade interferem no nosso acesso aos fatos e determinam a forma como os vemos ou dizemos (ibidem). Isso significa que o social tolhe o ser de possibilidades que somos, tira-nos da responsabilidade.

Assim moldado, o homem pode perder-se e desconhecer-se, fugir de si, pode

dedicar a existência numa espécie de faz de conta como coisa determinada, dependendo da maneira como lida com as coisas e com o outro. Isso ocorre porque ser pura possibilidade nos desenraiza e nos desestabiliza. Essa é a raiz de toda angústia e de todo o sofrimento (HEIDEGGER, 2002). A linguagem é o meio, o caminho para se chegar a compreender tudo isso, muito embora ela não alcance a dimensão daquilo de que se diz, mas seja o sentido da busca do homem em ser “ele mesmo”.

Nesse sentido, foi feita uma pergunta ampla e disparadora – *como é/foi para você a experiência de terapia?* – de forma que deu margens para o sujeito se colocar e responder com liberdade, podendo transitar pelos fatos e acontecimentos vividos. Três pessoas foram convidadas para uma entrevista, não levamos em conta idade, nem sexo, pois tínhamos o objetivo de colher narrativas acerca da experiência na clínica psicológica, sem especificidades. O acesso a essas pessoas não se estabeleceu via instituição, mas a partir de um contato prévio com colegas de profissão, o que possibilitou a interlocução direta com elas.

Os depoimentos foram gravados em áudio, transcritos e literalizados (ou seja, são corrigidos os vícios de linguagem, concordâncias e tempos verbais, sem alterar as falas e o sentido delas, usando pontuações gráficas para expressar o ritmo da fala do narrador e assim poder permitir a *leitura do leitor* com sua própria interpretação (SOUZA, 2001)), submetendo-os, após, à apreciação dos entrevistados para que autentiquem a sua fidelidade. A interpretação percorreu uma escuta clínica, a partir da qual foi possível uma hermenêutica que, articulada à interlocução com autores que refletem acerca da fala e da clínica psicológica, permitiu uma reflexão crítica.

“A interpretação é, portanto, talvez o ato essencial do pensamento humano; na verdade, o próprio fato de existir pode ser considerado como um processo constante de interpretação. Ao tomar a hermenêutica como processo de compreensão de significados ou decifração de um sentido, e que tanto o significado quanto o sentido está relacionado ao seu contexto histórico e situacional, não cabe mais interpretar como explicar princípios, mas interpretar como acompanhar o acontecimento em sua historicidade. Neste sentido, a hermenêutica é o estudo do encontro histórico que apela para a experiência pessoal do que está no mundo” (PALMER, 1999, p.20).

Compreensão e interpretação são dimensões originárias do estar-no-mundo. Isso quer dizer que o homem é compreensão, é abertura ao ser, ao mundo, interpretando os entes que se mostram a ele dentro do mundo. A compreensão se funde à interpretação: “interpretar não é tomar conhecimento do que se compreendeu, mas elaborar as possibilidades projetadas na compreensão” (HEIDEGGER, 2002, p.204) Assim, é possível interpretar o fenômeno na compreensão do mundo, isto é, na compreensão do modo de ser impróprio, próprio do homem.

Na abertura ao mundo, o homem dá-se a compreender. O que se compreende é o ente e o ser. O sentido dessa compreensão se encontra articulado na abertura da compreensão, ou seja, “o sentido é aquilo em que se sustenta a compreensibilidade de alguma coisa” (ibidem, p.208). Assim, algo é possível de ser compreendido como algo a partir do mostrar-se do fenômeno/do seu ser. Não se pode compreender ser se ele não se dá. Sem isso nada pode vir ao encontro, não há sentido (de ser). Sentido é, na verdade, um existencial da pre-sença, assim como a compreensão:

“A pré-sença só “tem” sentido na medida em que a abertura do ser-no-mundo pode ser “preenchida” por um ente que nela se pode descobrir. *Somente a pre-sença pode ser com sentido ou sem sentido.* Isso significa: o seu próprio ser e o ente que se lhe abre podem ser apropriados na compreensão ou recusados na incompreensão” (HEIDEGGER, 2002, p.208).

O que estamos investigando é, portanto, o ser mesmo na medida em que ele se dá dentro da compreensibilidade da pre-sença, ou seja, pela sua abertura. O homem é o descobridor que atribui às coisas a dimensão descoberta. Para isso, o ser precisa ser desvelado e essa decisão cabe a ele, já que tem a possibilidade de escolher que caminho quer seguir.

Assim, ao contar sua experiência através da narrativa, o homem está exercitando a sua compreensibilidade, carregando consigo tudo o que lhe constitui em seu estar-no-mundo, articulando, pela linguagem, a compreensão num modo de existência (DUTRA, 2002). Nesse sentido, o método de interpretação – hermenêutica – de Heidegger (2002) se dá a partir da compreensão ligada à pre-sença, ou seja, ao ser-no-mundo, ou ser-aí.

Essa é a finalidade do método: “desvelar um fenômeno que se interroga para vir a compreendê-lo e interpretá-lo” (BRUNS & TRINDADE, 2005, p.67). É importante acrescentar que na interpretação está implicada e envolvida a subjetividade de quem interpreta. Dessa forma, essa abordagem teórico-metodológica é uma possibilidade de compreender e interpretar um fenômeno que se apresente ao pesquisador, já que se busca desvelar aspectos da existência humana que se encontrem velados, ampliando a compreensão existencial humana a que se lançou (ibidem).

A hermenêutica entende o homem-no-mundo-com-outros ao mesmo tempo que compreende o homem em sua singularidade dentro de seu contexto histórico. O homem é abertura para o ser e, nesse sentido, a direção não lhe é fornecida. Por isso, faz parte da tarefa existencial do homem ter que imprimir sentido à sua vida. Ele é o único ente dotado de fala e capaz de questionar sobre si mesmo e sobre o mundo. Em razão disso, ele se projeta no mundo, partindo de si mesmo,

escolhendo-se como possibilidade de ser-no-mundo. A linguagem, sendo

“o elemento que permite ao homem elaborar a compreensão e a interpretação, (...) manifesta-se de acordo com o modo de existência do homem. Sendo a interpretação o desenvolvimento da compreensão, ela também pode vir a ocorrer de modo mais ou menos próximo do modo de existir autêntico. Em estado inautêntico, a linguagem pode manifestar-se como palavrório, limitando a possibilidade de desvelamento do discurso” (BRUNS & TRINDADE, 2005, p.76), do ouvir a “voz do ser” (BEAINI, 1981).

A partir do espaço criado para o desenvolvimento dessa pesquisa, os sujeitos tiveram a possibilidade de refletir acerca de suas experiências (em ação, no momento da pesquisa), de forma que suas falas adquirissem a dimensão de cuidado, cuidado de si. O sujeito se revela e se desvela ao contar sua história, tendo sido provocado ao reviver sua experiência. É aí que o sujeito se sentirá impelido a transitar pela sua vida, criando sentidos, construindo caminhos.

Nesses termos, adotar a narrativa como pesquisa fenomenológica é, concordando com Dutra (2002), adotar como horizonte teórico e filosófico a existência, compreendida na experiência vivida. O fenômeno a ser pesquisado nunca se esgota, pois faz parte do campo de possíveis dentro da existência humana mesma, constantemente em processo, em vir-a-ser.

6. COMPREENSÃO DAS ENTREVISTAS: ESCUTANDO/DIZENDO EXPERIÊNCIAS

A experiência é fonte extremamente rica de sensações e sentimentos que se desenrolam na narrativa daquele que conta sua história. (Re)viver experiências é caminho que se abre, é descoberta que se apresenta, é criação de possibilidade, é modo de enfrentamento, é disponibilidade para o que está por se mostrar.

É assim que a narrativa se apresenta na pesquisa fenomenológica existencial, como campo de possíveis, como momento de colher, acolher e recolher, como momento de aprendizagem, de compreensão e de conhecimento. É momento de crescimento, é modo de ser.

Nesse sentido, as três entrevistas realizadas perpassaram por situações singulares em relação à história de vida de cada entrevistada: semelhanças e diferenças se apresentaram como aquilo que constitui a experiência direta, em particular, de todas elas.

A entrevista oferece um espaço onde estão envolvidas emoção, razão, ação e expressão, o que leva a apresentar relatos de experiência que possuem em seu bojo a intensidade e a intimidade de cada pessoa que se propôs a colaborar. Em razão disso, foi preferível proteger os nomes das entrevistadas, sendo cada uma de suas narrativas apresentadas com sua respectiva compreensão em ordem cronológica na qual foram realizadas.

A primeira entrevistada recebeu o nome de Júlia e se mostrou disponível para falar de sua experiência. Eu, enquanto entrevistadora, fui tocada pelo seu relato à

medida em que ia me mostrando aspectos de si envolvidos por sofrimentos incalculáveis, ao mesmo tempo em que também passava pela minha percepção uma necessidade de se mostrar diante da vida como alguém forte e sempre pronta para enfrentar seus medos mais sombrios.

A segunda entrevistada se chamou Cristina e, assim como a primeira, se prontificou em relatar sua história. Cristina me afetou no modo de compreender como é ser realmente interpelado, atravessado, pela experiência direta. Ela foi, na minha percepção afetada daquele encontro, a pura abertura à experiência, o resgate primeiro e mais genuíno do que é entrar verdadeiramente em contato com a própria história de vida, com os próprios medos e anseios, com o mundo, com o outro.

O que eu ouvi de Cristina teve uma dimensão tal que somente um falar como o que saiu dela tem o poder de mensurar, “visualizar”, sentir, interpretar, observar, traduzir, nomear, compreender. Identificar a importância que teve para ela falar de si na clínica revela e aufere o valor “da experiência da fala na clínica psicológica às suas possíveis repercussões”.

Foi atribuída à terceira entrevistada o nome de Solange. A entrevista com ela me tirou do eixo, do centro da pesquisa, do foco de estudo, da quietude do meu próprio centro. A afetação com Solange foi provocada pelo fato de ela não se deter na entrevista, mas nela mesma. Enquanto a entrevistadora estava preocupada com a “técnica”, a entrevistada se mostrou à vontade para falar dela. E só após a leitura da entrevista percebi o quanto Solange foi autêntica, foi ela mesma, transparente. A “técnica” não alcançaria a dimensão de sua experiência, a mobilização de sua vida ou, inclusive, a afetação do encontro consigo mesma.

As entrevistas mostraram um aspecto muito importante do que é viver experiências: aprender a partir delas. O conhecimento adquirido, as mudanças de

atitude, as diferentes visões de mundo e de vida, o modo de se mostrar para o outro, foram aspectos observados em cada uma delas e, paralelamente, percebido o grau de significância do que é viver experiência. O conceito de *Aprendizagem Significativa* cabe muito bem nesse espaço, por abarcar dimensões cognitivas e afetivas somente percebidas quando as entrevistas começaram a ser compreendidas e o sentido de viver experiências passou por um processo de mudança de foco da própria entrevistadora.

Nesse sentido, a aprendizagem se revela não como aquisição de informações ou conteúdos, mas tão somente como possibilidade de o aprendiz ser o verdadeiro sujeito de sua própria experiência, resgatando o desejo de aprender a aprender. Segundo Gendlin (1973), a aprendizagem significativa passa primeiro pelo processo de compreensão e conhecimento para chegar à atribuição de sentido a relações e situações experienciadas.

Isso quer dizer que aprendizagem significativa é uma ação compreensivamente articulada, que permite ao homem aberturas e mudanças, a partir de experiências de encontro consigo mesmo, com o mundo e com outros homens. Uma compreensão assim permite que se aprenda nas situações experienciadas, nas quais, “podendo ‘trazer-se de volta’ (atualizar o passado) para, lançando-se adiante (projetando-se ao futuro), transformar-se” (MORATO, 1999, p.36). Isso significa que, compreender algo na própria ação, leva à compreensão de si e de seu modo de ser humano. Assim, aprendizagem significativa é criação de sentido, onde afeto e cognição estão articulados, ampliando o campo de aproximação entre pedagógico e psicológico.

O processo de crescimento pessoal inerente ao conceito de aprendizagem significativa mexe com noções de intersubjetividade, experiência e criatividade. Para

que esses aspectos ganhem corpo e se apresentem como manifestação de vida, de desenvolvimento e expressão viva, é necessário criar condições facilitadoras dentro de um certo contexto sociopsicológico, e aí podemos citar a clínica psicológica, a escola etc.

A experiência precisa ser valorizada como matéria-prima a ser trabalhada, como fonte de aprendizagem, como algo que provoca uma modificação, independente se ela venha a se apresentar num planejamento futuro, no comportamento do indivíduo, nas suas atitudes ou na sua personalidade. “É uma aprendizagem penetrante, que não se limita a um aumento de conhecimentos, mas que penetra profundamente todas as parcelas da sua existência” (ROGERS, 1978, p.258)

Essa relação com a linguagem, com articular pensamentos, é o caminho onde se busca compreender e conhecer para então ser possível atribuir significados, permitindo o ultrapassamento para novas possibilidades. Isso se dá nas relações e situações vividas pela pessoa, consigo mesma, com o mundo ou com os outros (MORATO & SCHMIDT, 1999).

Foi assim que as entrevistas se apresentaram: como aprendizagem. Cada afetação se desdobrou em conhecimentos, levando a criar sentido dentro do que parecia sem sentido. Para facilitar a leitura das narrativas, ficaram diferenciadas as letras relacionadas aos dizeres da pesquisadora. Vamos, então, acompanhar o descortinar das experiências.

6.1 Entrevista com Júlia: “É a única hora da semana que eu olho para mim, (...) para as coisas que mais me doem”.

Como foi/é para você a experiência de terapia?

É o seguinte... Eu já fiz psicanálise e não gostei. Ela era muito fechada, muito calada, só eu falava. Não sei... Chegou uma hora lá que eu não conseguia mais encarar, sabe? Agora, eu acho que eu passei uns dois anos. Diante disso, eu acho que já descobri uma coisa da minha vida. Assim... tipo... ela mexeu numa teclazinha que eu não conseguia me envolver. Sempre me viram como uma santa. Eu nunca falei nada da minha vida. Nesse aspecto aí eu acho que ela conseguiu fazer com que eu enxergasse algumas coisas da minha mãe que eu não enxergava, não admitia...

Júlia começa a entrar em contato com a pergunta formulada e o sentido que imediatamente surge a partir do contato com a terapia: descoberta, mudança, envolvimento, clareza e sofrimento. A relação com o profissional se delinea e adquire uma significação marcante, quando o caminhar junto passa a representar a construção de sentido dentro do incompreendido, ou da ordem do indizível. Os primeiros passos da entrevista com Júlia já nos dizem muito de sua experiência. O desvelamento de si já é um mostrar-se nesse começo de

trajetória.

No final eu já estava com abuso tão grande de olhar para a cara dela que eu não agüentava mais e aí saí, sabendo que um dia eu teria que voltar. Foi uma fase em que eu estava na faculdade, tinha casado, estava só em casa, estava me sentindo muito só. E aí eu pensei: meu Deus, daqui a dois anos vou ser uma profissional. Isso me deixava numa angústia enorme. Aí pensei em fazer vestibular de novo. A terapia me ajudou a enfrentar esse problema, mas teve o lado bom, sempre tem um lado bom, está mexendo, está falando... você mesmo vai se descobrindo... muitas vezes ajudado, lógico, por um profissional, mas você mesmo vai se descobrindo... Eu acho muito bom, eu sempre achei muito bom. Eu sempre me dispus, sabe, só que eu fiz esse tempo e parei e depois veio o casamento e eu tenho muita neurose com doença e aí parece que chama. Eu tenho muito problema a enfrentar...

Quando ela diz: "sabendo que um dia eu teria que voltar" logo no começo desse trecho, isso nos faz refletir que a terapia ressoou de alguma forma e tocou o seu modo de ser. Saber que um dia voltaria é abertura de possibilidade para novos/outros desdobramentos.

A narrativa de Júlia nos mostra dois lados do que é estar em terapia: ao mesmo tempo em que se sente, de certa forma, invadida pelo profissional e instigada a enfrentar aspectos de si até então ainda não mexidos, o que a leva a desistir do processo, por outro lado, o enfrentamento de uma problemática ou o

trabalho em cima de uma problemática é o "lado bom", permitindo que ela mesma conduza seu caminhar, cortando as arestas ou se permitindo conhecer a dor e o sofrimento inerentes ao enfrentamento.

Assumir-se ao afirmar "eu sempre me dispus" ou "eu tenho muito problema a enfrentar" permite que nós, pesquisadores, compreendamos a dimensão da importância em desejar "mergulhar" em si mesma, ainda que as conseqüências sejam as mais dolorosas.

Apreender os próprios problemas, assumi-los e discutir sobre eles contemplam a dimensão do aprendizado em ouvir a si mesma, em permitir ser tocada pela afetação própria do contato com a experiência e ser por ela atravessada, marcada, desconstruída. Fazer uma experiência é permitir ser interpelado, acolhido e devolvido à realidade significativa para aí ser compreendido o que foi vivido, sentido, refletido.

Aí nasce minha filha com problema de asma. Todos os dois têm, mas ela fez cirurgia cardíaca. Essa situação eu não conseguia enfrentar, eu entrava em desespero, eu ficava louca e aí fui fazer terapia com Ana que é corporal. Assim... ela conversa mais, eu me sentia mais normal, vamos dizer assim... Só que essa parte corporal, essa coisa de fazer os movimentos, ela fazia muitos movimentos, eu não conseguia... por exemplo... "está com raiva de sua sogra? Então bata nesse travesseiro"... Ela me mandava bater no travesseiro, eu não conseguia ver minha sogra no travesseiro, sabe como é, eu não conseguia entrar na coisa dela de ser...

materializar o sentimento ali, dar um grito e tal... mas assim... ela me ajudou em muita coisa, eu já via coisas que eu não via...eu dizia muito sim a todo mundo...ela me mostrou muita coisa da minha relação com meu marido que não estava certo, ele era muito dependente em muitos aspectos, e eu levando tudo, levando tudo, levando tudo e cada vez mais ele ficava na barra da minha saia... Isso estava começando a me pesar demais... Ela focou outras coisas, sabe... tem coisas que não se clareiam só numa sessão, com o tempo você vai clareando, tocando mais...

O acolhimento, próprio do tipo de pesquisa que estamos nos propondo estudar, bem como o espaço criado para que sua narrativa seja da melhor forma possível relatada sem maiores interferências, propiciaram Júlia entrar em contato com pequenos detalhes de sua história: "essa situação eu não conseguia enfrentar" - o falar da filha lhe remeteu aos próprios limites enquanto mãe e ser humano, enquanto sujeito sofrente. Esse foi o momento em que Júlia recorreu à clínica para, de alguma forma, compartilhar seu sofrimento e ser acolhida por aquele que se propõe a oferecer morada.

A terapia corporal abriu-lhe outras portas e lhe mostrou um lado que ainda não havia experimentado: a possibilidade de escutar algo vindo do profissional de forma que a fizesse se sentir "normal". A relação terapêutica se autentica aqui como relação de troca, de caminhada em conjunto, de mútua afetação, de revelação. É esse "inclinar-se diante de" (FIGUEIREDO, 2004, p.166) para cuidar de alguém que delimita a presentificação da relação entre eu e outro.

Se, por um lado, a terapia corporal não lhe preencheu as expectativas pelo fato de não conseguir "mergulhar" em sua experiência, por outro, Júlia foi se permitindo tocar e deixar-se tocar por outros aspectos de seu próprio vivido a partir do caminhar junto com o terapeuta. Foi "mexendo nas feridas" que ela se percebeu forte e capaz de transformar e redimensionar seu percurso, sua rota.

Lá eu consegui dizer não a muita coisa porque a gente tem uma síndrome lá em casa de ser boazinha com todo mundo, de não dizer não a ninguém, você tem que ser para aquela pessoa o que aquela pessoa quer que você seja, você não tem suas vontades... eu acho que nesses casos... e inclusive no meu casamento também era para dizer: não, não quero; não posso; estou cansada agora; não quero fazer isso... colocar limite sabe, eu ainda tenho muita dificuldade... mas assim.. isso foi começando a mudar...foi muita coisa... eu pensava: ai, meu Deus, será que fulaninho pensou isso de mim... não!... que pense! Sabe como é... isso me ajudou a ser muito mais feliz... às vezes eu acho que eu estou conseguindo encarar melhor, mas já me deu uma coisa, um fantasma muito grande, eu estou até me surpreendendo como estou reagindo aos problemas que eu tenho...

O indivíduo se apresenta à clínica amparado por um mundo que previamente já dita e regula seu comportamento, seus pensamentos. O ser do projeto, lançado no mundo é aquele que assume os riscos e as conseqüências da travessia. Conseguir dizer "não" pareceu um salto significativo na vida de Júlia, quando afetou, inclusive, sua relação dentro da família. O caos existencial anteriormente

vivido de sufocamento de vontades e desejos foi se moldando e provocando estranheza em todos aqueles que se depararam com a mudança de perspectiva na qual Júlia começava a investir: o olhar para si e o olhar para o mundo.

A subjetividade se apresenta aqui como desejo de liberdade de viver, de se posicionar, de dissolver raízes e adquirir outros valores. Assumir-se diante da vida é modo de enfrentamento, muitas vezes conflituoso, podendo gerar mal-estar entre aqueles que até então não se pré-ocupavam com a mudança de estrutura daquela pessoa que parecia ser o sustentáculo silencioso e amparador de um seio familiar.

Qualquer problema de saúde eu fico: meu Deus, eu vou morrer...eu estou perto de morrer; meu Deus, minha casa, eu não vou ver minha casa; quem vai cuidar dos meus filhos... A morte é presença constante na minha vida... A neurose...que eu sei que isso tem a ver com minha mãe... Eu... queria ver a vida de uma maneira muito mais otimista, sabe, esse desafio porque eu estou passando agora talvez seja o maior desafio...eu estou tão... vamos dizer assim... eu acho que eu tenho que ser otimista, eu tenho que ser... você está entendendo? Mas é difícil assim...eu fico já olhando meus filhos de uma maneira diferente, sabe como é, como se fosse uma despedida... isso aí é uma questão que falta muita coisa para trabalhar, mas já começou lá em Ana....ela fez uma coisa muito interessante..ela me colocou de frente para parede com se fosse uma tela, e disse para eu ver minha mãe, meu pai...eu os via bem mais novos, e veio a coisa do primeiro filho dela que tem a ver com essa coisa de doença...então ela fez como se fosse uma cena de

teatro de despedida desse irmão...foi uma coisa bem interessante, foi também uma coisa que eu sempre tenho lá dentro e ela trouxe à tona e mexeu...

A narrativa de Júlia nos leva para muitos caminhos. Todo o processo de peregrinação em seu relato, iniciando com a questão da "morte", nos leva a constatar que essa travessia foi em busca de sentidos: ao admitir que "queria ver a vida de uma maneira muito mais otimista", ou ao reconhecer que "o desafio que eu estou passando agora talvez seja o maior desafio". Mostrar-se aberta para tudo o que germina nela, para o seu silêncio, para a escuta do seu ser, para captar a fala de seu pensamento...e a dimensão de sua existência, fizeram com que ela se apropriasse da necessidade de enfrentar seus "monstros", de organizar suas relações com o mundo e consigo mesma, de re-significar sua história e atribuir novos significados à sua busca.

Falar de si a levou para caminhos onde era possível criar uma realidade que ampliasse sua visão e modificasse sua existência. Isso é fala em processo de libertação, de mobilização do centro pessoal, de abertura para que coisa e mundo se tornem presentes e adquiram sentidos.

Chega um momento em que você satura um pouco daquela psicóloga... eu acho que tem disso... aquela coisa quando você percebe que não vai mais para frente...perdeu o sentido, não contribuía mais para nada...eu fui lá para Dr. Artur....e como eu estava com dificuldade financeira e eu tinha Unimed...eu ia dizer para ela

que ia ficar só com ele...ela não queria...mas eu fiquei e foi muito bom eu ter ficado com ele naquele momento...eu acho assim...ele é melhor, ele é pior...o que é melhor para você? Não sei. É o momento. Eu senti nele o que ...eu estava precisando no momento, sabe, de uma pessoa que me desse um respaldo de um pai que eu nunca tive... a verdade é essa... para me dar conselhos, ele me orientou, eu via as coisas muito práticas, eu sabia que eu precisava ainda entrar lá nas minhas raízes e mexer com tudo, mas naquela hora eu precisava de uma coisa assim “você vai lá para São Paulo cuidar de sua filha... você já viu todas as possibilidades? O que seu coração está dizendo para você?” Sabe... ele era muito prático “olhe, você está vendo que isso é assim, vale a pena investir nisso, você acha isso, aquilo, você é nova...diga não...” sabe, era uma coisa superficial, mas quando eu escutava ele parecia que eu estava escutando a verdade...

Falar de si na terapia lhe abriu para outros solicitações, para outros chamados, para a singularidade de si mesma. O desvelamento de si e o enfrentamento de suas problemáticas lhe proporcionaram morar no seu acontecer humano, no seu desabrochar.

Observamos que a terapia proporcionou, em certo sentido, autonomia a Júlia, de forma que foi possível reconhecer o limite de sua caminhada naquele espaço clínico. Os sentidos/direções começaram a se delinear e a serem construídas pontes de acesso a lugares outros, a pessoas outras, a modos outros de existência.

A busca por novas ancoragens fez Júlia recorrer à psiquiatria como

encontro possível e necessário para atender ao apelo do seu ser. O acolhimento proporcionado pelo médico fê-la estabelecer uma relação profundamente íntima e confiante, quando o se sentir compreendida perpassou por caminhos de se sentir cuidada.

Isso não modificou o sentido do enfrentamento de si, mas potencializou a necessidade do encontro consigo para algum outro momento, pois esse encontro, aí, no consultório médico, já estava por demais preenchido, já estava sendo abrigado, finalmente encontrada a morada tão buscada para seu sofrimento e angústia.

Eu tenho um carinho muito grande por ele...é como se ele para mim fosse a verdade, a sabedoria, que embora seja uma pessoa muito humilde, não é arrogante nem inacessível, ele é para mim sábio...sabe aquelas historinhas...de corujão...que sabe de tudo, eu ainda tenho ele assim... Eu sei que tenho ele para contar...eu acho que às vezes eu tento transferir a imagem do meu pai, eu estou querendo substituí-lo, porque ele foi uma pessoa muito importante para mim, eu tive muita coragem, muito equilíbrio, eu passei dez dias em São Paulo...as pessoas disseram que eu não tinha estrutura... minha filha ia fazer um procedimento cardíaco, tinha sete anos... eu tive muito equilíbrio, eu tinha que achar uma solução mais certa, o hospital... fazia uns três ou quatro anos que a gente estava procurando... o meu plano cobria, entendeu? então assim...é...foi tudo muito pensado e muito bem elaborado. Eu devo isso a ele! Tudo aqui em casa que vai ser elaborado, tudo aqui é comigo, a responsabilidade é muito grande; eu escolhi esse negócio e penso: meu Deus, será

que vai dar certo? Porque tem muita gente aqui ao redor... porque é um sacrifício muito grande...ele me dava força...é um fardo muito grande na minha vida... com o tempo fiquei confiante...

A imagem do pai aqui criada por Júlia na figura do médico nos lembra proteção e é a partir desse sentimento, dessa troca, dessa afetação, que Júlia assume os compromissos pendentes e investe na responsabilidade que assumiu a partir das escolhas realizadas em sua vida. Ouvir do profissional palavras de apoio e de compreensão provocou em Júlia uma fala outra, um apelo que pedia passagem pela ação, pelo agir, pelo se posicionar, pelo tomar atitudes. Essa é a fala do sentimento, acolhedora-instituinte, à qual Amatuzzi (1989) fazia referência quando afirmou que falar-ao-outro é o que atribui sentido à experiência. Então é possível pensar que a relação terapêutica propicia a tomada de posição, a criação de sentidos no cliente?

Sentir-se cuidada parece ter despertado em Júlia um modo de enfrentamento que lhe abriu possibilidades de construção de novas subjetividades, colocando-a no caminho onde é possível delinear seu próprio espaço no mundo. Por ter vivido muito tempo "congelada", ou seja, dentro dos limites impostos pelo meio onde vivia, Júlia se viu sem capacidade criadora, fechada para o que poderia vir a se apresentar.

Ao se permitir entrar num processo de transformação, começou a quebrar paradigmas, a assumir responsabilidades e a delegar aos outros, igualmente,

tarefas. Entrou num processo de peregrinação para encontrar e (re)estabelecer o sentido de si, transformar o seu discurso e apropriar-se de si mesma. O encontro com a alteridade proporcionou-lhe construção de novas subjetividades, provocando-a a iniciar um processo de re-significação de sua situação no mundo.

Hoje eu faço terapia de casal. Essa psicóloga de casal está ajudando muito nosso relacionamento, que acho que é outra coisa já nosso relacionamento...eu acho que...ela me indicou para terapia...e faz mais de ano, é corporal, mas não é como Ana que você tem que “pápápá”...eu acho bom porque lá eu me solto, lá eu falo coisas que eu não posso...não é que eu não posso, mas eu não devo falar...por censura...lá me vem a raiva, me vem o choro, eu trabalho muito isso...mas...eu realmente...eu não acredito muito na profissional que eu estou...eu vou porque é uma válvula de escape para mim, mas sei que pode chegar um ponto que...ela me clareie algumas coisas, mas agora...eu acho que não...às vezes, ela não leva para o lado muito...às vezes, eu acho ela muito insensível...eu acho que é isso e que não faz sentido para mim, sabe? Eu ainda não encontrei uma grande descoberta com ela, ela não me trouxe nada que me alertasse...

A experiência de se sentir escutada pela entrevistadora e acolhida em sua narrativa favoreceu a experiência de também escutar as próprias angústias, sentimentos e sensações, que propiciaram e revelaram seu dizer próprio, seu mostrar-se, sua abertura à experiência. Assim, Figueiredo (1994, p.112) acrescenta: “conduzido o homem a esta condição, posto à escuta, não lhe resta

alternativa senão falar”.

E Júlia foi narrando sua história, envolvendo emoção, razão e expressão - próprios da narrativa e da clínica - levando-a a se desvelar durante a entrevista de modo transparente, facilitando, inclusive, a organização e a elaboração de suas percepções. Ela foi, na verdade, buscando o caminho da própria estruturação, do próprio equilíbrio. Ela foi, em sua peregrinação, construindo pontes, relacionando experiências e discernindo o que era dela e o que era do outro.

A clínica é, portanto, prática política quando permite ao sujeito abrir-se para novas possibilidades, numa atitude incessante de enfrentamento e mudança no modo de existir. Assim, faz sentido completar com Eizirih (1995, p.25), quando afirma que “novas subjetividades se constroem, na ação e no exercício do estranhamento e da diferenciação, na articulação dos encontros e das trocas. (...) Construir-se como sujeito é reinventar-se a cada momento”.

O espaço da clínica é, para ela, um local de “escape”. Sentir-se provocada parece ser um sentido que aponta para uma direção: do movimento, da mobilização, da inquietação, da transformação. Suas descobertas, suas experiências vividas ao longo de seus processos fizeram-na perceber diferenças entre os profissionais e entre os modos de se fazer clínica. Criticamente observa que o espaço da clínica é um apoio necessário, mas não mais um apoio que provoque o impacto por ela esperado.

A terapia é um momento que...é a única hora da semana que eu olho para mim, para dentro de mim, para as coisas que mais me doem, para as coisas que mais me machucam e por que me machucam...porque...ah, eu fico com tanta raiva e me pergunto: mas por que eu estou com tanta raiva disso? E é isso...eu busco me conhecer e curar essas coisas que me doem tanto, tantas coisinhas que me doem, me machucam...que dão raiva..e...é o lugar só meu, porque a terapia de casal a gente faz junto, acho que a gente teve muita mudança, meu marido eu já vejo ele muito diferente...ele sempre foi assim...ele quis mudar mesmo, ele viu que ou mudava ou não dava... ele não demonstrava nenhuma emoção, nada... e ontem demonstrou emoção, chorou...fiquei tão surpresa, ele está se mostrando... às vezes é difícil, mas eu quero isso, acho que esse é o caminho para ser feliz mesmo...eu dizia: fale alguma coisa; e ele não falava nada...ele nunca externava...agora eu vejo ele externando...eu sei que tem muitos efeitos bons, entendeu? Muitos efeitos bons...

Sem sombras de dúvidas, o ambiente do consultório se mostra para o cliente como um meio para se buscar uma imagem de si, de forma a atribuir ao mundo um sentido para, então, construir-se a si mesmo, participando da compreensão do próprio existir.

Foi a essa reflexão que Júlia chegou quando os poucos minutos seus, somente seus, eram espaços que precisavam ser habitados para atingir o encontro esperado, o encontro com aquilo que machuca, que dói, para daí extrair um sentido e compreender seu espaço criado e conquistado no mundo.

Aquilo que dói, fala. É o apelo do ser (HEIDEGGER, 2003) que solicita o

chamado para a "verdade de mim mesmo" (DUBOIS, 2004, p.152). É esse dizer íntimo e privado que solicita, pela via do discurso, o testemunho de si, permitindo ao homem desdobrar-se e aí abrir-se para poder dar-se a conhecer. A busca por dar sentido à sua angústia fê-la sair de si mesma, colocar-se e confirmar-se no entre da relação terapêutica, constituindo-se como sujeito atuante no processo.

Quando você vai para uma terapia você tem muitas coisas que lhe incomodam...que você não sabe o que dizer muitas vezes, eu acho que o profissional sinte isso, e busque meios para você falar de tal assunto, não sei...e...por exemplo, eu chego lá na terapia e digo: não sei nem o que dizer...estou tão cansada. E ela diria "mas por que está tão cansada?" Está entendendo? O que você diz, qualquer coisa, ela já vai buscando outras coisas, e nessas coisas vai desenrolando...eu não sentia isso, nem muita receptividade... "Você está angustiada porque não tem o que dizer? Por que está tão angustiada?" Sabe...é isso...eu notava que era muito eu, tudo dependia muito de mim, não estou dizendo que ela é má profissional, eu só não me sentia bem...ela era muito misteriosa, sei lá, não me sentia bem. Lá em Dr. Artur me sentia muito segura, era o sábio...tava na minha cara e eu não conseguia enxergar..eu sabia que para eu curar aquelas coisas da infância e tudo aquilo ali não me servia..servia naquele momento por uma mãe que estava ali que ia com a filha para São Paulo fazer uma cirurgia e que estava precisando de uma força..sabe..de um conforto...e eu sabia que eu tinha que fazer terapia depois...sempre quando eu tocava de coisa da minha infância ele voltava sempre para o atual..entendeu..."olhe isso, e isso, esqueça sua mãe, esqueça seu pai, você tem que fazer isso, tem que ser forte"...então ele me dizia isso, o que me ajudava em

muita coisa..

Júlia apresenta o ideal de profissional: aquele que acompanha, que caminha junto, que acolhe, que tem presença. Tanta dor e angústia transformam o sujeito num peregrino, procurando incessantemente um espaço onde possa se encontrar e (re)estabelecer o sentido de si. Dr. Artur exercia esse papel, de instigador e acolhedor, provocador e cuidador.

As condições facilitadoras que propiciaram a manifestação da vida, do sentido de si, se apresentaram em Júlia pela figura do Dr. Artur, atribuindo o significado de "profissional modelo", ainda que somente necessário em um determinado momento de sua vida.

A aprendizagem aparece como um resgate do desejo de aprender a aprender, colocando o indivíduo em contato direto com sua história de vida, colocando-se como autor e enunciador da própria experiência. O encontro consigo mesmo se deu a partir do momento em que Júlia permitiu-se abrir para o mundo e para os outros homens e, especialmente, disponibilizou-se para reconquistar a sua experiência individual, o seu "modo singular de existência" (GONDAR, 2003, p.14).

O dizer de si se estendeu para o outro, para o mundo. Transitar pelos fatos de sua própria vida e delimitar o que é de Júlia hoje e o que era de Júlia tempos atrás, fez com que ela adquirisse, significativamente, um conhecimento

de si somente possível quando arriscou atravessar o encontro com a alteridade e, conseqüentemente, "libertar a palavra para seu outro dizer, para seu dizer outro" (FIGUEIREDO, 1994, p.119).

O que me ajudava na terapia era que eu sentia uma obrigação de me resolver...está entendendo? E tinha também que minha irmã achava que essa psicóloga era muito boa, uma sumidade, eu sentia que...tinha que resolver, não tinha outras experiências, achava que era aquilo ali...eu tinha que me resolver ali...e eu consegui agüentar...

Responsabilizar-se pelo seu poder-ser é um caminho possível que coloca o sujeito num processo de transição fala falada - fala falante. Ao se sentir na "obrigação" de tomar conta de sua existência, de dar um encaminhamento ao que estava em processo de germinação, leva a refletir acerca da entrega de si para si, na abertura para desconstruções e reconstruções, num percurso onde era possível conhecer-se ou reconhecer-se, entregar-se a uma caminhada sem pausa e sem tempo para fixar-se. Apropriando-se de si é possível encontrar meios que facilitem o acontecer humano.

A terapia proporciona muito sofrimento, proporciona sim...porque mexe com as tristezas, com as neuras, e você mexer, reviver aquilo, embora saiba que para você se curar tem que passar a ter contato com tudo...eu acho doloroso, quantas vezes não se chora... Com certeza, a terapia me abriu para descobertas; algumas

coisas me ajudaram a enxergar melhor meus pais, minha criação, com o marido, dar limites, eu falava de boca, gritava e agia totalmente diferente, eu evoluía calmamente, é tão difícil para mim calmamente, você dizer um não e não ficar com pena... meu Deus, o que será que fulano...vai ficar pensando de mim?...eu fico pensando no meu trabalho, sabe, eu me relaciono muito bem no meu trabalho...mas assim qualquer atrito bobo que eu tinha razão...meu Deus, sabe aquela coisa...de culpa demais....acho que melhorou muito, sabe, você dizer não, não e ..não ter esse tipo de postura e eu acho que me ajudou demais...acho que essa coisa que...busque as soluções, veja por qual você vai optar, veja o que seu coração está dizendo..assim...eu achei assim...tem muita coisa interessante em tudo isso, entendeu? Essa coisa também...de terapia de...começar, puxar as coisas... Acho que cada um...me ajudou...dentro da sua meta...é muito doloroso...até você chegar... até falar de uma coisa importante, aquele profissional nem dá tanta importância...tem que coincidir, o que você bota e o que ele vai cavar também...

Já disse Buber (1982) que fala verdadeira é aquela que é dirigida a, possibilitando a descoberta do outro e estabelecendo entre cliente e terapeuta uma relação de encontro, de abertura de possibilidades, de contato direto entre mundos.

A terapia abre bifurcações nos modos de ser do indivíduo, em seus aspectos pessoal, social, familiar e profissional. Falar ao outro, ser tocado pelo outro, ser atravessado pela fala outra, aquela que inicia o desdobramento do sujeito em meio à existência, são condições possibilitadas pela clínica, no

trabalho que constitui um investimento de si para si e de si para o outro/mundo.

Encontrar-se com a própria história de vida e enfrentar o sofrimento inerente à condição humana de ser e estar no mundo, reconhecendo os próprios erros e as próprias necessidades, são passos no processo de transformação, o início da metamorfose. Esses são pilares de sustentação ao assumir a tarefa de ser si mesmo, destinando o eu para fora, para a condição de lançado no mundo.

Eu tenho facilidade de falar... você deve ter visto.... eu estou aqui falando, falando.. Já falei tanta coisa, mas assim.. .eu sei também que isso pode facilitar para alguma coisa, mas tem muita coisa que fica encoberto que você nem sabe, que você protege inconscientemente...e depois você vai cavando... Tem determinadas coisas que é difícil falar mesmo, que é difícil conviver com isso, mas esse é o caminho, então você tem que falar, eu não sinto tanta dificuldade... Falar para você da minha experiência...Eu estou aqui, eu acho bom estar cooperando com você, sei que você tem que fazer um trabalho, eu gosto disso, sabe, eu sinto você, estou confiando em você, que isso é profissional, sigiloso...para mim não tem problema nenhum...espero que tenha sido útil. Foi super legal.

A linguagem coloca o homem na travessia da busca de sentido, para a abertura de regiões de si que permite o surgimento de novas concepções de ser, novas organizações de mundo. A clínica é o modo de inclinação da existência, abrindo o sujeito a um outro que o escute e o confirme no mundo, a partir do seu des-velamento, da sua revel-ação.

A fala que facilita algo, que mobiliza aspectos da constituição do si mesmo, que vai "descavando" a história de vida, é aquela que abre espaço para que as coisas se apresentem, venham a dar-se. Abrindo-se para sua própria experiência, o homem torna presente aquilo que, ao se mostrar, "deixa ser".

A revelação da singularidade de cada sujeito que se destina transparece na clínica como afetabilidade que proporciona o trânsito para as experiências desalojadoras e mobilizadoras de novos acontecer humanos.

Júlia diz sua experiência, enfatizando a dificuldade em expressar pela fala aspectos de sua existência, assumindo-se no mundo e para o mundo. No entanto, reconhece a importância e a necessidade de "conviver com isso" para, então, transformar-se a si mesma.

A confiança em alguém que se diz ser "da área" de alguma forma facilita essa fala, essa narrativa viva, esse dizer autêntico e gerador de novas possibilidades. A busca por compreender o desalojamento que o enfrentamento de si proporciona, permeia aspectos da experiência e da aprendizagem que se apresentam como matérias-primas para o crescimento pessoal.

A aprendizagem é um processo de conhecimentos cognitivos e afetivos que, atrelados à experiência, devolvem o sujeito para sua realidade e a transforma de acordo com o modo de se viver experiências. A fala abre para o sujeito se revelar, ela implica antes de tudo revelação. Por isso ela provoca e redefine o viver.

Assim Júlia se mostrou na entrevista: como aquela que se despe ao narrar a própria história, (re)conhecendo a si mesma a partir de relações de intersubjetividades. O sofrimento inerente à sua existência mobiliza-a para cuidar das condições fundamentais de si, re-instaurando o seu espaço e revelando-a para o mundo, a partir da revelação para si mesma. É a luz que atinge o outro, é a clareira que se abre.

6.2 Entrevista com Cristina: “Estou aprendendo a viver, estou aprendendo a crescer”.

Como é para você a experiência de terapia?

Para mim está sendo ótimo, melhorei acho que sessenta por cento. Muito bom, muito bom mesmo. Estou adorando porque sinto mais liberdade para falar, que eu era muito receosa para falar, eu tinha muita vergonha, eu era muito tímida, às vezes queria dizer uma coisa, mas tinha medo do que as pessoas poderiam pensar. Não tinha opinião própria, entendeu? E hoje em dia não, não me sinto totalmente à vontade para chegar e conversar, ainda tenho um pouco de timidez, agora bem menos, já chego, já...às vezes...numa conversa assim com uma pessoa que diz sua opinião eu vou e falo minha opinião sem nem querendo derrubar a opinião da outra pessoa, mas eu pondo a minha opinião também. Antes eu não fazia isso, antes eu concordava com o que aquela pessoa dizia e eu ficava calada, mesmo sabendo que eu poderia ter a minha opinião e hoje em dia não. Eu era muito ansiosa, chorava por tudo, tinha tique nervoso, e hoje em dia não. Estou mais calma, mais pé no chão, sabe, tenho dificuldades, mas vou em frente, quero batalhar para mim...como é que se diz...é...resolver aquela situação, estou numa situação difícil, vou para lá resolver até...mesmo que eu não consiga totalmente, mas estou ali, vou lá batalhar para ver se dá certo. Entendeu? Se eu tivesse qualquer decepção baixava a cabeça, saía com o rabinho entre as pernas, ia embora, sabe...não queria saber de mais nada,

agora não...vou atrás, vou procurar saber, eu digo: não é assim, tem que ser assado, vamos lá, vamos resolver...levanta a cabeça. Mesmo que alguém me magoe, levanto a cabeça: não, não é assim não...e minha opinião também, eu quero dizer minha opinião, não é só você que tem opinião, eu também tenho opinião..se você pode falar, eu também posso falar. São coisas assim que eu estou começando a aprender agora com Cláudia. antes eu não fazia isso...de jeito nenhum...

A impressão desse início de entrevista foi a disponibilidade para falar de si com a tranqüilidade ou a compreensibilidade própria daquele que fez de sua experiência o estopim para muitos outros aspectos de vida. O contato com a pergunta disparadora levou-a a fazer uma breve síntese do resto da entrevista. O ponto chave de sua experiência, a mudança ocorrida, foi imediatamente revelada. Essa mudança veio carregada do sentido atribuído à terapia e à sua experiência com a fala: "Sinto mais liberdade para falar" ou "Não tinha opinião própria, entendeu?".

Cristina falou em liberdade. Ter liberdade ou se sentir em liberdade é abertura para o que precisa se mostrar, ser dito e compreendido inicialmente num espaço de "proteção" - a clínica - e, posteriormente, o mundo.

Compreender o seu mundo interior fez com que ela compreendesse o modo de investimento em si mesma: "falo minha opinião sem nem querendo derrubar a opinião da outra pessoa". Percebeu que também tem o direito de conquistar o seu espaço, sem ser por isso agredida, mas, sim, integrada.

Tomar decisões e posicionar-se transformaram-se no sentido de aprendizagem já estudado: aprendizagem significativa é uma ação compreensivamente articulada, que permite ao homem aberturas e mudanças, a partir de experiências de encontro consigo mesmo, com o mundo e com outros homens (MORATO, 1999, p.36). O passado é constantemente presentificado em comparação, fazendo-a projetar-se para o futuro, enquanto nova construção.

Estou me assumindo...estou me assumindo aos poucos, mas estou sim...eu tava dizendo hoje para Cláudia eu tive problemas semana passada, chorei, mas...chorei de cabeça erguida, porque eu fui e tentei resolver o problema, não resolvi todo, mas resolvi a maior parte. Consegui, então sou apta a fazer isso, como qualquer outra pessoa...eu estou me achando assim... o máximo, estou me achando o máximo.

Nesse trecho as palavras revelaram o sentimento vivo da experiência de Cristina: "chorei de cabeça erguida", ou "consegui, então sou apta a fazer isso", ou "estou me achando o máximo". Encontrar-se no espaço clínico diante de um profissional resgatou de dentro dela a liberdade tolhida, a fala escondida, o sentimento sufocado.

Desprender-se dessas amarras possibilitou-lhe "gritar" e se fazer ouvir, atravessando a si mesma e se entregando a tudo o que lhe solicitava passagem. Parecia urgente, parecia imediato ser recebida pelo mundo ou permitir que o

mundo a conhecesse.

As mudanças que estão ocorrendo, estão indo para a minha vida, estou aprendendo a viver, estou aprendendo a crescer, sabe... eu ficava com o coração preso, era uma angústia muito grande, justamente eu procurei essa terapia porque eu era muito angustiada, muito depressiva...quase tive um infarto por causa disso e o neurologista encaminhou imediatamente, estou tomando remédio controlado e eu era ansiosa, a taquicardia era demais, qualquer problema que eu tinha eu não contava para ninguém, era para mim, era como se eu tivesse o meu problema e como só eu resolvesse os problemas do mundo todinho...então eu tomava conta de tudo quanto era problema, de família, de amigo, de tudo, era para mim...

Quem entra em processo terapêutico corre o risco do enfrentamento ao se deparar com uma imagem de si até então "protegida" pelo medo de ser revelada. O espelho que reflete essa imagem é a "porta para a visão do outro mundo" (AUGRAS, 1986, p.59). A imagem refletida oferece ao indivíduo condições de compreensão que se estendem para outros modos de ser, ou seja, ultrapassam os limites do consultório, refletindo mudanças, provocando o aprendizado: "estou aprendendo a viver, estou aprendendo a crescer".

Observar-se em processo de mudança passa a ser "garantia" de possibilidade de desdobramento, ou seja, quando os pontos que mais incomodam são refletidos criticamente pela própria pessoa, causando incômodo e abrindo caminhos para novos acontecimentos.

Não resolvia com eles, tentava resolver só, não podia, ficava angustiada porque não podia resolver só, não é, e ficava naquela tensão, fica nervosa, chorando, ficava deprimida, ficava com vontade de morrer, com vontade de meter a cabeça na parede, de não fazer nada, de chegar a não poder nem me levantar porque ficava com dores no corpo, dor que eu não sabia de onde vinha aquela dor, procurei tudo que era de médico, ortopedista, neurologista, e ninguém sabia que dor era aquela. E simplesmente foram melhorando as minhas dores. Fazia todo tipo de exame que você pode imaginar eu fiz, osteoporose, sangue, toda semana eu fazia um exame de sangue...ortopedista, reumatologista, batia radiografias e ninguém encontrava que dor era essa, eu vivia tomando antibiótico para as dores passarem, mas depois voltava tudo de novo...aí quer dizer, foram problemas que foram acontecendo a partir de problemas que eu estava acumulando só para mim, sem poder colocar para fora e agora não, agora eu estou resolvendo aos poucos, estou tentando falar mais, dialogar mais, me comunicar mais, sabe...comecei a freqüentar centro espírita de orações e estou melhorando...mas bem, bem demais...continuo tomando meus remédios porque o médico falou que eu tenho que fazer várias sessões enquanto eu não terminasse.

Os problemas de saúde sufocavam Cristina quando passaram a macular tudo o que dentro dela transitava por um silêncio barulhento: "(...) No fluir da situação clínica (...) a palavra não se fecha, mas se abre para o não-dito" (SAFRA, 2004, p.25) Observamos, em sua narrativa, detalhes que se mostraram a partir do momento em que Cristina se abriu para si mesma: "foram problemas que foram acontecendo a partir de problemas que eu tava acumulando só para mim, sem

poder colocar para fora”.

Uma observação como essa não poderia ficar de fora. É uma fala extremamente rica em termos de desprendimento e conhecimento de si mesma. Houve todo um desencadeamento que permitiu Cristina se observar enquanto personagem principal de suas próprias dificuldades, atrelando a essa aprendizagem a religião, enquanto norte para o seu posicionar-se no mundo.

Ao tentar “falar mais, dialogar mais, me comunicar mais”, Cristina permite que as pessoas se constituam enquanto partes importantes de seu processo de crescimento. Sentir-se importante e ver-se como alguém disponível para ajudar reflete nela a dimensão que seu “falar” pode atingir: um falar que mobiliza, que provoca, que inquieta aquele que se colocar à escuta. Um falar que a transforma em agente de seu próprio caminhar.

Falar de mim foi horrível, foi horrível...primeiro...antes da terapia que foi péssimo, eu chorei muito...foram duas triagens que eu passei, todas as duas eu saía chorando, e depois com Cláudia todas as primeiras sessões eu saía chorando, chorava direto, porque assim... você nunca teve essa oportunidade de colocar sua vida, principalmente para alguém que você nunca viu na sua vida, eu ficava pensando: quando eu sair daqui ela vai falar para fulano, quando eu chegar na outra sessão todo mundo vai estar sabendo da minha angústia, entendeu? Aí quer dizer...foi um medo, e uma curiosidade de saber, porque eu procurava saber de tudo que era forma o que era terapia, eu sabia que era um estudo, mas não sabia de qual maneira, como era que ia ser...quer dizer, você já entra naquela tensão...quando

entrei, Cláudia ficou calada porque eu que tinha que conversar...aí eu fui olhando para ela, ela olhando para mim e eu comecei a chorar. Aí ela perguntou por que eu estava chorando e eu disse: eu não sei o que é realmente o que eu estou fazendo aqui, chorando assim..porque eu não sei como é que eu vou começar, o que é que eu tenho que fazer. Aí ela foi me explicando...eu disse: vai ser muito difícil, porque eu nunca fiz...nem com meu pai, fui criada sem mãe, fui criada com madrasta, então...eu nunca tive oportunidade de conversar meus problemas com ninguém, então vai ficar difícil para mim...e ela dizia: “não tem problema nenhum, quando você quiser conversar a gente conversa, se quiser ficar calada, fique calada, a gente está aqui para resolver o seu problema, no dia que você chegar aqui e não quiser dizer nada, eu sento aqui, você senta aí e ficamos olhando uma para a cara da outra. E se você chegar e quiser conversar, pronto”.

A narrativa de Cristina nos afeta em toda a sua estrutura por nos mostrar toda a ebulição que se encontrava dentro dela, gritando/apelando para se presentificar, para ser escutada, compreendida, acolhida. Os espaços proporcionados para ela, ainda que não fossem voltados à terapia, eram momentos fundamentais/necessários, onde sua fala - seu choro - era recolhido e cuidado.

Sentir-se cuidada é sentir-se acolhida em seu acontecer humano: “você nunca teve essa oportunidade de colocar sua vida”. A oportunidade se apresentou em diferentes momentos e afetaram Cristina ao se deparar com um misto de sensações: uma necessidade de se dizer, de se mostrar, de falar e, por outro

lado, um medo do que o outro vai fazer com suas questões.

Onde eu posso me abrir, me sentir protegida? Seria o ambiente da clínica um lugar diferenciado onde eu efetivamente encontraria condições para isso? Questões como essas surgiam em Cristina quando se misturavam emoção e razão, expressão e recolhimento.

Sua disponibilidade provocou-lhe modos de enfrentamento potencializados pela abertura do profissional em acolhê-la da forma em que Cristina viesse a se apresentar. Era um espaço que lhe propiciava segurança e uma escuta diferenciada, o que a levou a entrar num processo de escuta íntima para, enfim, trazer à tona suas angústias, seus medos, e compreendê-los da forma em que se mostrassem. Afinal, o que fazer com tanta dor? Como dar conta de tanto sofrimento?

A clínica foi um caminho/espço de escuta e fala somente possíveis quando partiu da própria pessoa um querer voltado para esse encontro consigo mesmo, para esse risco de olhar para si provocado pelo olhar do outro, disponível para escutar o seu dizer.

Fui adquirindo confiança...disse para ela hoje que essa semana que eu passei muito tensa, com uma perturbação. Eu tive muita vontade de ligar para ela, eu estou sentindo ela como se ela fosse da minha família, da minha casa, está fazendo parte de mim, ela também está com meus problemas, queira ou não, está com meus problemas...eu cheguei a perguntar a ela assim...porque você chega você conta

seus problemas para ela e aí como é que vai ser...todo mundo diz: “Por que você está indo para lá? Está resolvendo alguma coisa?” Aí eu disse: para mim está resolvendo, até demais. Até curiosidade para saber, sabe, mas se fosse para todo mundo saber eu não tinha por que estar na terapia. Eu estou me sentindo bem, todo mundo está notando a diferença em casa, o pessoal, a minha família, meus irmãos, eu estou descobrindo que eu tenho como fazer e estou fazendo, antes eu tinha medo de fazer, eu estou descobrindo...eu não tinha opinião própria, você chegava para mim e dizia “isso aqui é uma pedra”, mesmo que não fosse pedra, fosse papel, é pedra, é pedra e pronto, eu vendo que não era uma pedra, mas para não te contrariar e você ficar bem eu dizia que era uma pedra, mas só que eu não estava me sentindo bem, sabendo que eu estava errada...Está sendo muito difícil, é uma luta diária, está sendo difícil porque toda a vida você sempre teve a opinião dos outros, assim...sempre concordou com a opinião dos outros e nunca teve a sua, aí vai contra aquela opinião e as pessoas ficarem assim: “mas é você que está falando isso? você, aquela menina chorona?” É verdade, tudo eu chorava, só vivia chorando e agora não, eu vou lá e falo, sabe, estou no assunto, quando minha família se reunia eu ficava ali, no cantinho só escutando...

Ao buscar uma imagem de si, o indivíduo encontra no terapeuta a possibilidade de se projetar adiante. Companheiro de jornada, o psicólogo reflete um posicionamento e maneja a relação terapêutica de forma a cuidar para que o mal-estar, próprio de nosso tempo, não inviabilize as condições para o emergir do sentido de si. Assim, ele cuida para “reconhecer o ‘outro’ na sua alteridade irreduzível a qualquer representação teórica, o ‘outro’ resistente a qualquer

assimilação ao 'mesmo', refratário ao 'idêntico' (...)" (LÉVINAS, apud FIGUEIREDO, 2004, p.166).

A confiança adquirida ao longo do processo terapêutico fez Cristina adicionar a terapeuta à sua família, como alguém de importância significativa, referência e testemunha de sua dor, de seu sofrimento, de suas transformações. Ao mesmo tempo em que "todo mundo está notando a diferença em casa", a "luz" que reflete o processo de Cristina atinge o outro, afeta, inquieta: "Por que você está indo para lá? Está resolvendo alguma coisa?".

É essa ação política que rompe com o estabelecido: "eu não tinha opinião própria, você chegava para mim e dizia 'isso aqui é uma pedra', mesmo que não fosse pedra, fosse papel, é pedra, é pedra e pronto" e re-inicia a história do homem em sua existência, além de se voltar à afirmação da vida em sua potência criadora: "eu estou descobrindo que eu tenho como fazer e estou fazendo" (...) "só vivia chorando e agora não, eu vou lá e falo".

Cristina redimensiona o sentido de suas relações e o espaço que ocupa no mundo. Esse outro - terapeuta/clínica - abriu-lhe a possibilidade da liberdade, de agir sobre os acontecimentos e não submeter-se a eles. É o emergir do sujeito criativo, colocando as questões fundamentais de sua existência em constante processo (SAFRA, 2004).

Você cresce, você cresce fisicamente, você cresce moralmente, você cresce

em tudo, em tudo, toda vez você se considerou um zero à esquerda, de repente começa a vencer 1, 2, 3... isso é muito bom, muito bom, crescer, opinar, poder dizer as coisas...eu ia a um congresso na empresa em que eu trabalhava, eu nunca falava, cinco anos na empresa, nos congressos eu nunca falava na minha vida, sempre me escondendo por trás dos outros eu dizia: eu nunca vou falar igual a todo mundo, ela está falando bem demais, eu nunca vou falar assim. Sempre me escondendo, e sabendo falar...eu tinha minha opinião, eu tinha como dizer que eu não estava concordando com ela, e eu não tinha coragem para falar, para dizer...

O crescimento faz parte do processo de aprendizagem quando o próprio mundo se abre para os outros e para as coisas, provocando afetação e mobilização da própria estrutura. As condições facilitadoras para o emergir de si mesmo promovem o espaço e transformam a experiência em fonte de aprendizagem: "É uma aprendizagem penetrante, que não se limita a um aumento de conhecimentos, mas que penetra profundamente todas as parcelas da sua existência" (ROGERS, 1978, p.258).

Reconhecer o próprio potencial e a capacidade de influenciar e modificar outras existências articulam o modo como o homem se encontra em relação à sua destinação: "Você cresce, você cresce fisicamente, você cresce moralmente, você cresce em tudo, em tudo" (...) "isso é muito bom, muito bom, crescer, opinar, poder dizer as coisas" (...) "Sempre me escondendo, e sabendo falar...eu tinha minha opinião, eu tinha como dizer que eu não tava concordando com ela".

O sentido hoje da minha vida é só de crescer, crescer e...viver bem, sabe, de viver bem, de ser feliz, porque eu tenho um objetivo de...porque todo mundo tem, de ver minha família toda unida. Cláudia disse que é muito difícil, mas eu sei que vou ver, não gosto de ver minha família assim, não gosto de ver as pessoas tristes, sabe, se maltratando...Eu tinha medo de me olhar no espelho...eu achava que eu não podia fazer isso, eu vestia uma roupa e dizia: será que fulano vai gostar? Agora não, eu estou me sentindo bem, eu saio. Estou bem demais. Eu não enfrentava o homem que vive comigo, ele dizia uma coisa e eu sempre concordava, e ele estando errado e eu sempre concordava. Hoje em dia não, ele diz assim: "você nunca disse isso". E eu: mas agora eu estou dizendo. Isso é para você aprender que não é só você que está certo, eu também estou certa, entendeu? Essas coisas assim, de pouquinho em pouquinho...não é de uma vez...eu estou indo aos poucos...

Ao ser interpelada pelo comentário da psicóloga ao dizer "é muito difícil", Cristina assumiu seu querer e decidiu por si mesma. Sua ação passou a refletir o encontro e o reconhecimento do que lhe é singular, provocando uma modificação significativa na forma de conduzir não só o processo terapêutico, como também sua própria vida: "Eu tinha medo de me olhar no espelho...eu achava que eu não podia fazer isso"(...) "Eu não enfrentava o homem que vive comigo".

O sofrimento é a expressão do mal-estar do sujeito que apela por uma necessidade de ser ouvido, numa relação de ajuda, de forma que encontre meios de colocar em palavras sua angústia.

Foi na relação terapêutica que Cristina encontrou a possibilidade de dar

continuidade a um discurso interrompido, resgatando sua identidade e dando coerência ao caos no qual se encontrava, tentando, inclusive, pela linguagem, organizar os elementos disparadores e contraditórios de sua experiência.

Na narrativa de Cristina observa-se que surgiram surpresa e estranhamento a partir de suas mudanças. Essas reações também refletiram nela quando se viu atravessada pela experiência direta e pelo contato com o desconhecido. Afinal, como tanta mudança poderia influenciar nas suas relações, nos seus sentimentos, na sua vida? É a partir do enfrentamento do estranho e do diferente que novas subjetividades se constroem, ou seja, há descobertas e criações no mundo humano, favorecendo o sujeito na busca pelo conhecimento de si (EIZIRIH, 1995).

Falar de mim não dói, mas no começo eu sentia dificuldade...primeiro porque eu vivo há dois anos com um homem que tem outra família, isso já dificultava, até para falar com Cláudia eu senti dificuldade, só depois de umas 3 ou 4 sessões foi que eu comecei a falar com ela, e eu tinha medo de falar, não era medo de expor, acho que era de...da sociedade em si...mas agora não, eu falo tudo, não escondo nada, acho que eu faço errado, sou pecadora, não sou a primeira nem serei a última...Muitas pessoas acham que é frescura...inclusive até A., o homem com quem eu vivo: “por que você está fazendo isso? é bom parar”. E eu: eu não vou parar, eu estou me sentindo bem. Isso eu nunca ia dizer. Eu não vou parar, eu disse que só ia parar quando eu achasse que dava para parar, fala que não tem para que, que é besteira, que não vai ajudar em nada, falei até para Cláudia e ela disse que não

interessa que falem, o que interessa somos nós duas: “você está se sentindo bem? Então pronto. O que os outros falam não importa”. Aí pronto, eu tomei força, cada sessão que vou com ela mais força ela me dá, as primeiras sessões todas eu chorava, agora não...eu vinha hoje achando que eu ia chorar pelo que eu passei semana passada, mas eu não chorei, eu mesma me admirei, e nem comentei com ela. Eu não chorei porque esses dias antes de vir tudo passou e eu fui...me re-estabelecendo, pensando, analisando, resolvendo aos poucos; hoje quando eu vi me senti bem mais forte, por isso eu não chorei..

Observamos ao longo da história da humanidade - melhor relatada nos capítulos desse trabalho - que a abertura para regiões de si esteve maculada. A sociedade tolheu o processo criativo do homem, limitou seu poder-ser e moldou sua linguagem.

Na narrativa de Cristina vê-se de forma muito clara a dimensão temerosa de se expor diante da sociedade, o medo de “o que vão fazer com o que eu tenho para dizer?”.

É reconhecendo a importância de viver sua experiência e, com isso, modificar o seu discurso, que Cristina descobre uma (nova) forma de compreensão e comunicação que ultrapassa a massificação social e encontra meios que chamam para a verdade de si mesma.

Para testemunhar aquilo que é, é preciso (re)encontrar em seu próprio dizer a desconstrução e a re-significação da base sedimentada, estendendo-se para um discurso verdadeiro e gerador de outras possibilidades de ser.

É assim que, ao se sentir forte, Cristina resgata seu "modo singular de existência" (GONDAR, 2003, p.14), luta contra a ordem do mundo e se percebe no trânsito em direção à conquista da própria liberdade, na travessia do seu desvelamento, no encontro com sua própria história de vida.

O consultório, só de você chegar no prédio, saber que você vai entrar naquela sala, você já vai leve, é como se você fosse levada, sabe...no início era lá na universidade, eu ia muito tensa, eu sempre dizia a ela: Cláudia, acho que eu não estou tendo resultado, porque cada vez que eu venho eu me sinto mais tensa ainda. Aí ela disse: "não se preocupe". Aí eu fui relaxando, hoje eu já venho normal...É esse cuidado, de ser ouvida, você ser ouvida...se você falar alguma coisa que ela não esteja de acordo, ela fala: "você acha que é assim?" Sabe, ela não vai contra você, ela faz uma pergunta que você mesma vai ver que você está errada, não está do jeito que você queria fazer, é muito bom. Isso me ajuda a investir na terapia e a atenção dela também...eu falava para ela que eu tinha receio de eu chegar e contar, ela tem os problemas dela, e eu chegar com os meus problemas, falar para ela que não tem nada a ver... e ela dizia: "mas eu estou aqui para isso". Quer dizer, você se sente...nunca ninguém lhe disse isso, ninguém nunca chegou... Sabe, o pessoal da sua família, vendo que você está com problemas nunca chegou e perguntou: "venha aqui, vamos conversar"...só crítica, crítica, crítica, de repente chegar uma pessoa e...eu sei que é o trabalho dela, mas tem tantos que não dão certa atenção, ainda mais que é pela universidade, não é uma coisa particular, estou me sentindo realizada, enquanto eu estiver bem...um dia eu posso chegar para ela e dizer: Cláudia, hoje é a nossa última sessão, porque eu estou me sentindo bem...

Cristina descreve o que sente em relação à clínica, o ambiente, o profissional. A sensação descrita por ela denuncia segurança e a certeza de que encontrará ali o que precisa para sua própria tranquilidade, por estar convicta de que pode falar tudo, dizer tudo, ser ouvida e cuidada.

Ela parece encontrar nesse espaço a fortaleza necessária para o enfrentamento. E, sem inicialmente imaginar para onde apontaria seu investimento, comunica, pelos sentimentos em ebulição, sua preocupação em não alcançar a mudança esperada.

É essa necessidade de investimento "de si no 'si mesmo' (...), um investimento concentrado e excludente, parece, então, ser a condição indispensável à sobrevivência física e psíquica do indivíduo" (FIGUEIREDO, 2004, p.89/90).

Ser acompanhada em seu vir-a-ser pelo profissional levou-a a acreditar na possibilidade de uma reestruturação de vida. Por essa razão, passa a admirar a conquista de sua singularidade, a liberdade e a apropriação de seu querer mais próprio.

Cristina passa a agir em seu processo, desenvolvendo autonomia e discernindo o que quer do que não quer. Lamenta as condições nas quais se encontra em termos de relações estabelecidas, no entanto, toma as rédeas de suas escolhas e procura, ao falar, se ouvir. É quase uma repetição para si mesma, um exercício, para que ela assuma seu (novo) modo de ser e potencialize suas

conquistas.

Antes eu tava me sentindo muito pisada, muito...como se eu não valesse nada, como se eu fosse igual a qualquer outra pessoa, com visão, mão, corpo perfeito e as pessoas lhe pisando como se você não soubesse falar, nem se expressar e você sabendo fazer tudo isso...é muita coisa, sabe... E eu ao mesmo tempo podendo ajudar muitas pessoas e com receio de ajudá-las e não ser compreendida, e hoje eu faço por poucas pessoas, porque eu ainda não tenho segurança de comandar muita coisa, mas as poucas que eu estou ajudando, estou indo para lá, sabe, é ajudar e conversar com elas, isso já está sendo dez. Cláudia disse que eu quero resolver o mundo todo...e eu não, é porque eu gosto. As pessoas dizem: “ela deve ser pirada, ou então quer ser santa demais”. Mas não é não, eu me sinto bem vendo você bem, vendo meu irmão bem, minha família bem, me sinto bem vendo minha família unida. O espiritismo me ajudou muito também...já faz uns dois meses que freqüento, duas vezes por semana eu não consigo faltar...eu me sinto bem demais...eu me sinto assim...por exemplo, como eu cheguei aqui...só a gente aqui, você se sente bem aliviada...só o fato de você chegar lá, orar, pedir a Deus só coisas boas, esquecer de tudo o que tem ali fora, só ali dentro, só coisas boas, é bom demais...

O contato que Cristina estabelece com sua história é incomensuravelmente permeado de sentimentos e conquistas. É uma narrativa que envolve todo o processo que constitui reflexão-ação, nesse trânsito estabelecido quando um “se jogar” na experiência é consumado.

Ela se percebe todo o tempo com a necessidade de expandir a si mesma, de transcender seus limites, justamente por acreditar no benefício de sua contribuição para os outros.

Cristina é a pessoa que só precisava falar e ter alguém para escutá-la. Ela precisava de uma testemunha que confirmasse sua grandeza, sua disponibilidade para o outro e que garantisse o reconhecimento de sua força, a luta por sobreviver a tantos "fechamentos" de seu poder-ser.

Ela precisava, na verdade, de um alicerce, suficientemente firme, que gerasse segurança e confiança em si mesma. Esse pareceu ser o ponto-chave de seu processo.

É um grupamento, sabe, a psicoterapia, o centro de orações...está tudo se agrupando, era tudo isso que estava me faltando; como eu disse para Cláudia desde criança, eu freqüentava a Igreja Católica, mas eu não me sentia bem, eu ia, lógico, mas não me sentia bem; fui crescendo e continuou assim, fui para evangélico, fui para mórmons, mas não era aquilo que eu tava procurando; papai era muito católico: "vai à missa, vamos rezar um terço". Mas eu não me sinto bem, não adianta eu estar fazendo uma coisa porque eu não me sinto bem... não adianta eu estar rezando o terço e não estar bem comigo, que que adianta eu estar rezando, rezando, eu não estou em mim, eu fui procurar o que eu queria então...faz 4 anos que eu estou desempregada, isso me abalou demais, porque desde os 14 anos que eu trabalho, já parei por isso, pelas dores, pela tensão, nervosismos, eu não tinha mais habilidade, eu ficava nervosa, quando eu entrava na loja começava a chorar, foi

preciso sair do trabalho por conta disso, quando eu comecei a ficar em casa, dependendo de outras pessoas, foi aumentando, aumentando...tudo...aí cheguei ao ponto de ficar como se fosse doida, louca, sem noção do tempo, como se ele tivesse parado para mim, e eu com uma filha para criar, um rapaz...

Cristina mostra nesse relato a importância para ela do entrelaçamento psicologia-religião, o quanto cada ciência a ajudou a compreender e a reerguer seu modo de ser e a realizar escolhas dentro do que ela projetava para sua vida.

Concluiu que o apegar-se a uma religião e à terapia carregava métodos, meios e formas que a ajudariam naquele crescimento que ela própria delimitava e transformava num objetivo a atingir. E reconhece que isto só não basta e reúne as suas próprias capacidades para lançar-se a campo e agir, buscando exatamente o que via, às vezes, tão distante.

O cuidado consigo mesma modificou suas formas de ver o mundo e suas atitudes, de acordo com as mudanças de perspectivas estabelecidas ao longo do seu processo.

A fala para ela se abriu como caminho possível para alcançar um equilíbrio, para compreender o seu momento existencial, para re-significar a imagem de si mesma e, finalmente, para atribuir ao mundo um sentido, participando da compreensão do seu existir.

Foi simples falar tudo isso para você, se fosse tempos atrás eu não estaria

falando tudo isso, com certeza. Para você ver que eu não vim tensa, não vim de jeito nenhum, eu vim normalmente... Noutros tempos, eu não falaria que eu sou espírita, eu ficava preocupada com você não ser, mas eu falei tranquilamente, porque eu me preocupava demais com a opinião do povo, com o que você ia achar, que você ia achar que eu estava errada, mesmo que eu estivesse certa, mas se me achar errada, que não era isso que você seguia... Hoje eu me preocupo com os outros sim, mas...é mais controlado, me preocupo comigo também, vejo primeiro o que eu estou sentindo para ver o do outro...primeiro era ligando para um e para outro, dava um absurdo porque meu telefone é interurbano, e ninguém ligava para mim. Aí quer dizer, chega uma época que...porque ninguém liga para você, será que você não existe? Eu passei esse tempo todo desempregada, e ninguém ligou perguntando se eu tinha comida, se eu tinha um feijão, uma carne para fazer uma sopa...todos eles comendo do bom e do melhor...e eu me preocupando...são muitas coisas, sabe... Todo mundo está vendo que eu estou tendo a minha opinião também. Quando eu não ligo, alguém liga para mim, entendeu? Ligam para saber por que eu não liguei...hoje eu vejo todos eles e eles me vêem. Só sei que eu estou bem demais, enquanto eu não conseguir o que eu quero eu vou ficar em terapia...

É fundamental para o cliente uma avaliação madura, concreta e de uma realidade fantástica como essa. O terapeuta, peça fundamental no processo de crescimento do seu cliente, deve facilitar sempre essa análise, pois somente a partir de uma reflexão profunda, verdadeira e despida de qualquer subterfúgio, tem o poder de encaminhar um processo já existente para a sua continuidade, através da fala, quando o cliente expressa, em palavras, o que a dor provoca em

seu existir.

Continua Cristina refletindo e re-significando experiências passadas. Sentir, comunicar e expressar o seu dizer são fatores integrantes do seu desabrochar. Sua narrativa se desenrola no sentido de atribuir significados ao seu momento existencial sob referências anteriores, o que a leva a enveredar por caminhos que mobilizam suas atitudes, enriquecem seu dizer próprio, oficializam sua peregrinação em busca da compreensão do seu modo de ser, favorecem a revelação de si e abrem para que ouça a si mesma e mostre-se ao mundo.

A fluência de sua narrativa e a tomada de posição são possibilidades que marcam a transição de sua experiência, redimensiona o sentido de sua fala e re-significa suas relações. O medo anterior de se expor fez parte do processo que chegou a impedir seu dizer e interromper seu desdobramento.

Percebemos sua forma de se colocar na vida muito temerosa até quebrar o construído e desenvolver uma auto-crítica que passou a levá-la a ser Cristina em todos os sentidos.

Estou cuidando dos outros, mas com moderação, pensando mais em mim, na minha casa. Qualquer coisa eu deixava e ia atrás de onde me chamavam...quando eu precisava ninguém...vinha...eu quero ver todo mundo bem ao meu redor. E Cláudia dizia: “e você, não quer se ver bem não?” Eu quero sim. “Então primeiro você”. Realmente, eu estou me colocando em primeiro. A terapia está me ajudando, mas eu não vou me envolver com a terapia demais, sabe, porque de repente a

terapia acaba...e aí, como eu vou resolver? Quando aconteceu aquele problema semana passada, eu fiquei querendo ligar para Cláudia para desabafar, mas aí eu pensei: o problema é aqui, está acontecendo comigo, não está acontecendo lá...eu que tenho que controlar, fui devagarzinho, hoje eu vim pensando que eu ia chorar e não chorei e resolvi. Não vou depender sempre de Cláudia, sempre da terapia. Perguntei a ela: Cláudia, quando é que a gente vai terminar essa terapia? Ela disse: “não, a gente vai e você vai dizer quando é que você está pronta para terminar. Não sou eu que vou dizer: ‘Cristina, pronto, não quero mais’. Mas sim você: ‘estou bem, estou conseguindo resolver meus problemas’”...

Cristina desenvolveu uma confiança em mim, enquanto entrevistadora, que atingiu e afetou minhas expectativas com a própria entrevista. Totalmente sem censuras e pronta para se revelar, ela transitou pela sua história de uma maneira peculiar. Apropriou-se dela e a colocou num outro patamar de significância, atribuindo prioridades, refletindo e elaborando tudo o que foi vivido.

A gratificação que reluzia pelo seu olhar era a forma de expressão mais pura de sua emoção. Seu processo de desconstrução e reconstrução foi sendo comunicado com riqueza de detalhes, o que aumentava a concentração nos fatos e nos fazia pensar num renascimento. Isso é narrativa viva, é movimento, é criação.

A relação de confiança estabelecida comigo facilitou o seu dizer ao ter sua fala acolhida e seus sentimentos em constante processo. Isso promoveu um ambiente de mútua afetação, próprio da reflexão e elaboração de experiência.

Cristina permeou pontos de sua história sem ter sido requisitada a fazer

isso. A demanda era outra, era de conectar as pontes de sentido de sua história a partir da provocação surgida em seu próprio desenrolar-se.

Afetou-me, enquanto pesquisadora, ao modificar em mim a maneira de refletir acerca da experiência de Cristina. Passei a me construir a partir de sua própria construção. O sentido alcançado em sua narrativa revelou a disponibilidade em abrir-se a si mesma e continuar sentindo em intensidade toda essa sensação de conquista, de vitória, de autonomia.

Escutar Cristina em sua historicidade me permitiu ouvir seu cuidado, a emergência do seu movimento, as aberturas e fechaduras de sua experiência, a sua própria forma de aprender a aprender sobre si mesma, recriando-se sempre, responsabilizando-se por si e por sua dor, respondendo por si mesma, sem sair da angústia de estar no trânsito ente o velho sentido e o novo que se apresenta.

Arriscar-se parece ser a direção apontada, transpondo o abismo e sabendo que tem que amparar a própria queda. Nesse caminhar, Cristina não se sente só, mas cuidada e acolhida, ainda que se aproxime o tempo em que o desprendimento se faz necessário e reconhece que é preciso que aprenda por si mesma os ensinamentos constituintes de suas experiências.

Isso é fala geradora de novas possibilidades, de organizações de mundo, de ocupação de espaços, de ser em função de si mesmo, de abertura para caminhos outros, de encontro do homem com ele mesmo.

6.3 Entrevista com Solange: “Eu entrava ali, ela fechava a porta, eu não tinha medos, eu não tinha nada”.

Como foi para você a experiência de terapia?

Fiz um ano e meio e eu me dei alta, mas me dei alta assim... Cheguei ao ponto em que tinha entendido tudo pelo que eu passei... O que era o meu problema, o que eu tinha ido buscar na terapia... Eu achei que já tinha entendido. Antes não sabia o que era que eu sentia. Sentia uma angústia muito grande, não estava conseguindo aceitar as coisas como estavam acontecendo. Tinha uma cunhada minha que fazia terapia...perguntei a ela se ela gostava e tudo. Aí ela disse: “olha, me ajuda bastante e...mexe com muita coisa...” Aí eu disse: vou fazer. Marquei uma consulta com minha terapeuta, fui a ela, mas a princípio achei “esquisitíssimo”, porque eu chegava lá, me sentava, ela olhava para mim...e eu com ódio porque estava pagando muito caro...e a linha dela é daquela que fica calada, deixa que você fale..e eu fui à primeira sessão, à segunda...e me dava aquela angústia...aquela coisa...e eu já estava angustiada porque eu estava pagando uma coisa e ela não dizia nada, ela não dizia nada...aí um dia eu falei pra ela: olhe, me diga uma coisa...eu vou ficar olhando pra você e você para mim? E ela: “é, mas o procedimento é esse”. De vez em quando ela me estimulava...fazia assim... “pronto...o que você sonhar, se você se lembrar você me conta, está certo?” Aí eu fiquei naquele ritmo...na preocupação de sonhar e contar o sonho a ela...

A entrevista com Solange adquiriu um caráter peculiar. Por essa razão, propus um diálogo com ela e não somente uma compreensão ou interpretação de sua narrativa. Percebo em sua descrição de experiência o que estamos trabalhando nessa pesquisa e a partir daí me disponibilizo, em abertura, para recolher o que de mais significativo foi-me transmitido.

A resposta à pergunta disparadora já mostrou o início e o fim da terapia: "Fiz um ano e meio e eu me dei alta". Esse início de narrativa nos abre indagações acerca desse término e nos volta à atenção para os acontecimentos que fizeram com que Solange interrompesse o seu processo: "Cheguei ao ponto em que tinha entendido tudo pelo que passei... O que era o meu problema, o que eu tinha ido buscar na terapia... Eu achei que eu já tinha entendido".

Parece claro, pela fala de Solange, a sua disposição em investir e compreender o que se passava com ela. Existia um motivo, existia uma motivação, um objetivo: descobrir qual era seu problema e o que, na verdade, a levou a procurar ajuda.

Causou certo estranhamento nela o modo como o processo terapêutico foi conduzido: "a princípio achei 'esquisitíssimo', porque eu chegava lá, me sentava, ela olhava para mim". Embora se sentindo sem controle diante da situação, encarou o diferente, questionou e abriu-se para o que estava se apresentando.

Ela mesma foi conduzindo o seu percurso, criando sentidos e conectando experiências: "quando eu fui contar para ela o sonho... ela estimulava com

perguntas soltas... tipo: "isso lembra o quê?". E eu dizia: nada. E aí ela ficava olhando pra mim. Daí eu comecei a desenvolver, entendeu?" (...) "as coisas foram fluindo, não sei se faz parte da terapia, mas acho que faz...".

As situações surgidas em momentos como esses remetem Solange a uma pesquisa e a uma investigação privada - a escuta de si mesma - o que caracteriza a fala outra, a fala que dá andamento a um processo. Já disse Heidegger (2002) que a escuta é a dimensão mais profunda e mais simples de falar. Isso quer dizer que ao me permitir me escutar, meu sentir tem a possibilidade de se expressar.

Foi nesse deixar-se penetrar pela experiência em processo de criação que a história de Solange começou a fazer sentido para ela, ou seja, passou a atribuir significados e apresentou um outro modo de compreensão. A caminhada que se iniciou, partindo de vestígios ainda obscuros, passa a delinear o sentido de sua angústia e mobilizá-la a desvendar inquietações.

Então eu sonhava...e comecei a puxar coisa do passado, da infância...foi aí que descobri que eu tenho uma certa claustrofobia...e com a idade eu estou notando que ela está aumentando...mas eu sei o motivo...aquela angústia eu consigo vencer, o que eu descobri exatamente na terapia...

Percebemos nesse trecho da entrevista que Solange foi caminhando sozinha, à procura de explicações ou outros modos de ver o que lhe ocorria. "Descobri exatamente na terapia" ou descobrir-se na terapia? Foi essa a rota

escolhida e a meta atingida: conhecer aspectos de si mesma e relacionar com pontos vividos ou a serem vivenciados, de forma que a angústia inicialmente dominante se transformasse em justificativa e não mais em interrogação: "hoje eu entendo todas as razões dentro de mim. (...) Consegui trabalhar isso na terapia e eu achei muito bom, descobri tudinho".

Quando eu era pequena, minha mãe tinha muitos filhos, morava no interior...viviavam numa situação financeira muito apertada e por eu ser a última...mamãe me botava numa rede no quarto, trancava...para ninguém mexer comigo, porque dizia que botava "manha"...minha irmã mais velha tem dezessete anos a mais que eu...e assim vai...a diferença entre mim e o meu último irmão são quase seis anos...então ele queria me pegar, só que aí mamãe dizia que tinha que cozinhar, cuidar de outros filhos e não podia ter uma menina manhosa dentro de casa. Eu chorava e devia sentir alguma angústia, porque ficar trancada no quarto...chorar, chorar..chorar...mamãe dizia: "isso é manha". Se eu chorava era manha... Eu descobri muito, descobri quando eu falava em suicídio eu tinha medo... Porque foi uma cena que eu presenciei quando criança, do meu pai, com o revólver na mão, ficou fora de si, querendo se matar... Até hoje eu detesto arma, eu tenho um certo pavor. Coisas que eu fui descobrindo na terapia... E aí para mim foram se solucionando. Minha vida mudou totalmente. Eu tinha uma vida muito estável, casei, tive três filhos, tive condições de dar as coisas direitinho a eles e tudo. Depois meu marido saiu do emprego, começou uma vida nova e aí a gente vivia numa situação financeira horrível, eu vivia muito angustiada com aquilo. Toda a relação com a minha vivência do passado, toda a relação com meus pais. Aí na conversa eu entendi que era como se eu estivesse voltando àquilo ali e que me causava toda

aquela angústia. Hoje em dia eu vivo a mesma situação, mas consigo passar por cima disso, está entendendo? Assim....consigo passar...eu sofro...mas sei a razão qual é...pelo menos eu não sofro em vão...eu sofro sabendo porque estou sofrendo.

Muito importante as conexões feitas por ela mesma diante de circunstâncias específicas de sua história de vida. Narrar é transitar por fatos e resgatar acontecimentos vividos historicamente, revisitando o passado, atualizando-o, ao mesmo tempo em que se lança no futuro. Por isso a experiência é importante por manter o sentido de pertença através desse resgate (BENJAMIN, 1985).

Essa é a sua história, é a forma como ela se apresenta e a maneira como ela é trazida para o presente, com riqueza de sentimentos - não era raro observar os olhos de Solange marejados - e gestos de expressão. Assim ela foi reconstruindo suas experiências e retirando de sua fala o meio de acesso a si mesma, de reflexão de suas questões. Sua fala, por si só, já designava o próprio sentimento.

O sofrimento passou a ser condição inerente à própria vida: "eu sofro...mas sei a razão qual é...pelo menos eu não sofro em vão...eu sofro sabendo porque estou sofrendo". O sofrimento não é evitado, nem tampouco maculado, mas enfrentado, compreendido, transformado e reconhecido. Essa questão se expressa em sua narrativa, em sua história, em seu posicionamento.

Assim, a fala estabelece o encontro consigo mesma, proporcionando

elaboração e reflexão das experiências:

A ajuda dela era só isso. Como eu falava, falava, falava, chorava, porque faz parte...como eu chorava e falava...ela dava alguns toquezinhos...por exemplo..."isso lembra o quê?" Quando eu contava o sonho e ela perguntava "isso lembra o quê?", entendeu? Eu fazia uma correlação e falava horas sobre aquilo, como eu estou falando aqui para você, aí eu ia lembrando as coisas passadas.

Todo o esforço de Solange na terapia foi para aprender a se ouvir, a se escutar. Esse movimento levou-a a criar sentidos a partir do enfrentamento das situações, descobrindo, na sua busca, revelações que podem ser compreendidas como aprendizagem a partir da sua própria (re)construção experiencial.

Como eu sabia da história que mamãe contava muito, meus irmãos às vezes comentavam, ansiosos para me pegar e mamãe não deixava. Então já sabia aquela história, mas eu só não sabia o efeito daquilo em mim, entendeu? Quando eu tinha algum sonho... não me recordo direito, mas algum sonho que eu tenha falado em medo de ficar trancada e...presa em elevador, multidão, eu tenho medo de multidão, me dá falta de ar, eu tenho medo de briga, muita coisa junta, eu ia contando, ia relacionando. Nos meus relatos saía exatamente essa história. Eu deduzi que esse meu medo está todo relacionado a essa época, mas foi evoluindo a conversa com ela, então aí chegou... Eu mesma fiz a dedução, ela não fez por mim...eu mesma fiz. Eu me lembro que eu perguntei assim...não será dessa época que mamãe contava que eu ficava no quarto..chorava, que não deixava ninguém me pegar que era para

não botar manha em mim? Aí ela dizia: “o que você acha?” ela não me dizia...”é..pode ser...” simplesmente tomei aquilo como verdade e consegui...

A terapeuta facilitava o processo de construção de Solange, sem, no entanto, revelar para ela respostas ou interpretações de sua história. Ao apresentar à terapeuta sua vida, era devolvido a Solange a responsabilidade por si mesma, o que permitiu a ela compreender seus caminhos e mudar suas perspectivas históricas.

Solange não precisava dos conhecimentos da terapeuta, precisava de uma testemunha que validasse o caminho que estava percorrendo, as escolhas que estava fazendo, as atitudes que estava tomando. Precisava, sim, do acolhimento e da compreensão de alguém que, validado por ela mesma, pudesse lhe escutar e facilitar sua própria escuta.

É a necessidade do homem em se conhecer, é o desejo quase desesperado de acrescentar, junto à compreensão das coisas, a compreensão de si mesmo (SANTOS, 1985).

Ela ia dando uns toquezinhos e eu ia desenvolvendo as coisas e desenvolvia com o que vinha na minha cabeça na hora. E eu gosto muito de falar...também...aí quando ela dizia: “terminou”, eu dizia: deixa eu terminar de contar a minha história. E ela: “o seu horário terminou, na próxima sessão você me conta”. Eu ficava danada da vida. Teve uma história de uma árvore, um sonho que eu tive com uma árvore e

eu falava qualquer coisa assim e ela perguntava: “e isso lembra alguma coisa, liga a alguma coisa?” Mas eram coisas que eu não conseguia fazer ligações a nada...e eu dizia: não, não tem. Aí eu ficava muda olhando pra ela e ela olhando pra mim..e a hora passando...ahhh, danada...vai levar meu dinheiro...

Esse trecho de sua narrativa continua reforçando a compreensão de que foi dela mesma o mérito da terapia bem sucedida. Ela colocou suas questões “sobre a mesa”, observou, analisou, conectou. Por outro lado, inquieta-se com a forma como a terapeuta conduz o processo, ainda que esteja se sentindo caminhando e em processo maior de percepção de si.

Sentir-se provocada em relação à atitude da terapeuta levou-a à abertura. Abertura que lhe permite sair de si, colocar-se e confirmar-se no entre da relação, constituindo-se como presença e como sujeito atuante. Nesse entregar-se é possível reconhecer-se enquanto sujeito histórico, munido de um olhar ético e disposto a enxergar valores próprios.

Assim, quando ela diz “eu gosto muito de falar”, sua fala não é unilateral, é uma fala dirigida a: ao ser tocado, o cliente se despe, diz de si, dá-se a conhecer, pois é somente nessa fala que o outro a quem o terapeuta se dirige se constitui como pessoa e não simplesmente como uma esfera fictícia cujo fato de viver se reduz a ser escutado. Assim, uma fala só será verdadeiramente fala se for dirigida a, possibilitando a descoberta do outro (BUBER, 1982).

É assim que ela transita pela sua experiência, ao ser devolvida para ela na

terapia e se reconhecer enquanto protagonista do que construiu. Devolvida a ela a autonomia e a possibilidade de modificar sua existência, Solange responde em sua singularidade e "se revela pelo reflexo do rosto do outro" (SAFRA, 2004, p.43).

Falar de mim era bom, era um alívio, eu poder até contar para você me alivia mais ainda...eu sou uma pessoa muito assim...eu não guardo muito as coisas comigo, eu tento botar para fora...sabe...eu sinto alguma coisa e eu não guardo...aquilo vai me corroendo por dentro e eu preciso sentir um alívio, eu preciso dizer a alguém, alguma coisa...é tanto que quando eu acabei a terapia, que eu me dei alta..passou o tempo e...a primeira coisa que me acontecia...a primeira pessoa que eu lembrava era de Tatiana...e eu sentia necessidade, em dizer a ela...eu sentia necessidade de dizer aquilo que eu estava sentindo a ela...mas eu pensava: eu não vou voltar não, se eu voltar vai engrenar de novo, não vou voltar não. Eu tenho que aprender a lidar, eu já sei muita coisa o que é... A origem das coisas, eu vou tentar vencer isso... Eu mesmo faço minha terapia hoje em dia: alguma coisa a ver? Será que é isso? Eu mesma saio conectando, eu mesma acho que aquilo ali me satisfaz, às vezes melhora o meu estado de espírito. Eu sempre estou relacionando alguma coisa, sempre estou buscando... Às vezes sempre com as pessoas, quando falam alguma coisa... Eu dou uma de terapeuta... Às vezes as reações dos meus filhos... Eu faço a relação para ver se eu sofro menos... Aquela angústia que eu estiver sentindo... Buscando uma solução, uma relação com alguma coisa... para ver se eu sofro menos..

"Falar de mim era bom, era um alívio, eu poder até contar para você me alivia mais ainda...". Segundo Benjamin (1985, p.253), o "adulto alivia seu coração do medo e goza duplamente sua felicidade quando narra sua experiência". É a partir daí que ela se sente acolhida e reconhecida em sua existência.

Falar de si é para ela o meio de colocar em palavras seus sentimentos, suas preocupações, suas angústias. É importante para ela falar, se mostrar, compartilhar suas experiências, seus afetos, suas tristezas: "eu preciso dizer a alguém". Dirigir-se a é um movimento.

"Eu sentia necessidade de dizer aquilo que eu estava sentindo a ela": até que ponto tanta necessidade ajudava em seu movimento de procura pela terapeuta? De onde vinha essa necessidade? Para onde ela apontava?

O que ela pareceu adquirir em seu processo foi a convicção do que estava buscando: aprender a aprender a lidar, aprender a compreender, a ultrapassar, a transcender, a transitar... Escutar a si mesma mostrou a ela que é possível enfrentar questões, reconhecer o peso das coisas, descobrir sua fortaleza...

Muitas vezes, interpretar o que sente, compreender suas angústias "para ver se eu sofro menos.." nos leva a pensar numa forma de se posicionar diante de um sofrimento que faz parte de sua constituição e, muito embora não haja uma solução definitiva, alivia o pesar da caminhada, dos sentimentos, dos anseios, das dúvidas.

Eu sentia um alívio. Eu me sentia segura de dizer uma coisa a uma pessoa que entendia, eu sabia que ela me entendia, embora mil coisas fossem relacionadas a problema, mas eu tinha certeza de que ela me entendia, então eu falava muito com ela, eu sentia muita segurança. Sabe como é gostoso você falar para sua mãe...se você tem um bom relacionamento com sua mãe...e ela lhe dá um conselho, ela lhe escuta, é alguém que entende você? Pronto...era a relação que eu tinha, isso era positivo para mim...eu não guardo, eu tento botar para fora para não sofrer. Não havia bloqueios, eu sentia necessidade que ela me estimulasse mais... Eu me sentia sozinha quando falava e acabava o assunto, quando eu falava sobre uma coisa e não tinha mais o que falar e não tinha ainda acabado a hora. Então eu sentia falta. Aí eu dizia: fala alguma coisa, pergunta alguma coisa. Ela sorria para mim. Nessa hora eu sentia falta, eu queria falar mais, eu queria botar mais coisa para fora, está entendendo? Ela bloqueava com o silêncio dela.

Apesar de se inquietar com o silêncio da profissional, Solange se vê acolhida e acompanhada, segura e confiante. Cliente e terapeuta estabelecem uma relação de encontro, de abertura de possibilidades, de contato direto entre mundos. É nesse espaço que o falar se dirige a para, então, tocar o outro e, nessa descoberta, ser reciprocamente tocado no seu centro pessoal (AMATUZZI, 1989).

Apesar disso, reflete que "nessa hora eu sentia falta...eu queria falar mais, eu queria botar mais coisa para fora (...) ela bloqueava com o silêncio dela". Contradição revelada pelo fato de que ela não sabia se escutar, por isso precisava

de um alguém - não qualquer pessoa, mas aquela que a tocasse em seu centro e despertasse nela a movimentação necessária - que construísse junto com ela o conhecimento de si, que despertasse nela o sentido de sua busca.

O consultório era como se fosse um confessionário para mim...eu sabia que ali eu podia falar tudo o que eu quisesse..que só quem ia me escutar era ela. Eu entrava ali, ela fechava a porta, eu não tinha medos, eu não tinha nada, eu podia falar o que eu quisesse que ela me ouviria.

Solange se desprende de amarras e se entrega ao ambiente do consultório como sua morada, um local somente possível por transmitir acolhimento e proteção, um espaço "separado" dos outros espaços, inteiramente voltado para recolher suas experiências e compreender sua história.

A forma de ela relatar como se sente nesse espaço nos dá uma idéia de intensidade muito aquém do que podemos apreender por suas palavras. Sua experiência é narrada como se estivesse sendo vivida nesse momento, com toda a riqueza de detalhes, com todas as percepções envolvidas.

Depois de dezessete anos... eu sinto vontade de marcar uma consulta: Tatiana, eu vim aqui conversar com você. Embora eu já tenha, como eu lhe digo...eu sempre faço uma correlação...mas fazer essa correlação para que ela me escute...mas hoje em dia eu tenho uma amiga...que eu faço tudo, ela é arquiteta...e fico dizendo que ela devia ser psiquiatra ou psicóloga: você é minha terapia. Mas ela

faz comigo também. Eu sou dez anos mais velha que ela. Ela faz a psicologia comigo e eu faço com ela. Eu sou muito mãezonha, sabe...eu caminhava muito com Ana pela manhã: você não pode não, mas você vai me ouvir. Eu conversava...ela morria de rir: “adoro conversar com você, tia”. Eu acho que você não gosta não...eu joga os “podres” tudo para fora. Todas as minhas preocupações...eu ficava tão cansada da caminhada, era caminhando e falando...

Mergulhar num processo de auto-conhecimento provocou Solange no sentido de revisitar fatos e re-significar acontecimentos. Isso desencadeou nela o desenvolvimento de um processo de autonomia. Uma autonomia que necessitava de um outro (um outro que lhe inspirasse confiança) para que esse movimento de escuta/fala pudesse se apresentar, se mostrar, vir à tona: o outro proporciona a reflexão de minha existência e o reconhecimento de mim mesmo, ou seja, o outro me coloca numa posição existencial antes inexistente (AUGRAS, 1986).

Falar de si mostrou para Solange a força que existia nela e sua potencialização para a mudança. O que fez a terapia ser bem-sucedida foi a aprendizagem adquirida por ela ao longo de seu processo, a construção de sentidos e as mudanças de perspectivas das situações-limite.

Na terapia eu achei que eu estava precisando realmente que alguém me ouvisse, me entendesse...em volta ninguém fez alarde, meu marido aceitou, me estimulou, ele quem pagava a terapia....quando ele ficou meio perturbado...o caso dele era de psiquiatria, caso de depressão..tinha que tratar...aí ele foi ...e ele

começou...com um mês e meio...estava ele dentro de casa parecendo um zumbi...eu perdi totalmente o controle...eu ficava angustiada..mas eu não tinha controle, eu perdi doze quilos...ele percebeu que eu estava com depressão, eu sentia aquela angústia, eu não sabia, aí eu procurava na minha cabeça controlar, mas não conseguia, eu perdi totalmente o controle, ai ele marcou com a psiquiatra, e eu fui.. Eu sofro junto com ele, quando eu vejo estou arriando, mas eu não arreio...tomo remédio para dormir, para amanhecer melhor, no trabalho eu tento me distrair...sabe...para ver se eu não caio junto com ele, porque se eu deixar eu vou junto, mas agora é um propósito meu...eu não entro em depressão de novo...eu tenho que vencer isso...porque...o problema é que estou sofrendo...mas o sofrimento não é meu, eu não sou culpada pelo problema dele...eu tenho que ajudar só, mas não posso sofrer e cair junto com ele...

Solange falou dela, de sua dor. Deixou transparecer, junto à sua força, sentimentos que insistiam em continuar a sufocá-la. No entanto, reagiu: "mas agora é um propósito meu...eu não entro em depressão de novo...eu tenho que vencer isso (...) o sofrimento não é meu, eu não sou culpada pelo problema dele...eu tenho que ajudar só, mas não posso sofrer e cair junto com ele...".

Isso é aprendizagem à medida que o sujeito se coloca na posição de aprendiz e age, de forma compreensiva e articulada, em busca do encontro consigo mesmo, num processo de crescimento e discernimento de dores e anseios. Modificou suas atitudes e atribuiu à vida um outro sentido, aquele onde é possível escolher, escolher a si mesma.

Eu sei que você é uma pessoa ligada à psicologia que entende o que eu estou falando, então para mim eu não tenho muita dificuldade em falar de meus sentimentos... eu me chamo de “bucho furado” porque o único segredo que eu guardo...é se fizer mal a alguém...mas se for para o bem eu não guardo..então não me conte...se quiser fazer uma surpresa então não me conte que eu sou “bucho furado”...porque eu gosto de compartilhar...eu gosto sabe..eu não sei ter aquela alegria maior do mundo e me segurando..eu me recordo do meu marido estudando no Rio e eu aqui em Natal..em setembro ele ligou para mim dizendo que queria comprar as alianças, dizendo que queria noivar em dezembro...eu fiquei que nem uma barata tonta pra contar a alguém...aí cheguei para mamãe: mamãe vou lhe dizer, mas não diga a ninguém...vou noivar em dezembro. Enquanto eu não contei eu não sosseguei, sabe...eu não estava fazendo mal a ninguém, por que eu não ia contar? Eu precisava falar para alguém...eu não tenho segredo, eu conto logo...

Solange reforça a facilidade em falar de si. Essa necessidade, observada ao longo da entrevista, fez-nos perceber que sua narrativa caminhava lado a lado com sentimentos, significativamente fortes, que delineavam a dimensão dos fatos e colocavam-na situada num espaço.

Muito mais do que participante de uma entrevista, Solange simplesmente falou dela, despiu-se e revelou-se, redimensionando o sentido da entrevista. Não foi à toa que sua narrativa, diferentemente das outras entrevistadas, se apresentou traduzindo-a, desvelando aspectos de sua história muito marcantes, compartilhados por ter sido disponibilizado um espaço para acolher o que ela

tinha a dizer, a falar, a narrar.

Solange responde como ser singular, mas fazendo parte de um outro. Ela constrói significados quando fala para um outro e escuta o que ele tem a dizer. O discurso é a efetivação da condição humana de pluralidade (ARENDETT, 2004) e somente assim é possível compreender o sentido de si como fenômeno que acontece em meio à comunidade, ao outro.

É assim que o sujeito se reconhece e se origina entre iguais e resgata da relação homem - linguagem a criação de mundo, em termos de decisão, posicionamento e atitude, mudanças nos modos de existir, instalando um movimento de abertura ao mundo em termos de projetar o homem em seu vir-a-ser.

Eu não fui para a terapia buscar cura...eu fui buscar...é...me encontrar...e eu acho que realmente...não tem como você curar...um trauma é um trauma...tem como você aceitar esse trauma...lidar com as conseqüências do trauma que se apresentam à gente, tentar amenizar aquilo que causou aquilo em você...mas sinceramente eu não acredito em cura de trauma...uma coisa que marca...que deixa você...quando eu falo...por eu ser uma pessoa muito falante...até parece “essa mulher deve fazer discurso..” não faço..sou igual a bicho do mato...me escondo para não falar em público...mas com uma pessoa eu me abro e converso tranqüilamente...então..eu fui buscar na terapia não a cura para os meus problemas: ah, eu vou fazer terapia e todos os traumas que eu passei na minha vida eu vou ficar curada. Não...nunca fui buscar isso não...Acho isso uma ilusão, eu acho que a gente

aprende a lidar, a conviver com os traumas, com as coisas....para mim o efeito foi esse...e não tenho nenhuma decepção de ter feito...e não volto por isso, porque eu consigo entender alguma coisa, consigo superar aquela angústia, não que aquilo não me faça mal, porque me faz, mas...eu sei que não vai resolver, eu vou voltar para lá de novo, olhar para a cara dela, vou contar os sonhos, vou chegar na mesma conclusão que eu já cheguei...e tudo... O importante é viver o que está agora, o que vem à frente...

Seus objetivos parecem se delinear de acordo com a necessidade que esteja em vigor no momento de decidir por buscar uma ajuda. Quando diz: "Eu não fui para a terapia buscar cura...eu fui buscar...é...me encontrar", Solange vê a terapia como um recurso que pode ser utilizado em momentos como os que estava vivendo, mas com um caminho muito bem definido: "eu fui buscar na terapia não a cura para os meus problemas (...) eu acho que a gente aprende a lidar (...) e não volto por isso, porque eu consigo entender alguma coisa, consigo superar aquela angústia".

É notável seu processo de organização de mundo e o estabelecimento de metas futuras. A terapia teve um significado - e ainda tem - muito especial e servirá de apoio ainda por muito tempo, no entanto, o momento existencial no qual se encontra não lhe movimenta a retomar seu processo. Parece ser um momento de liberdade, busca por se melhorar, por ousar e se certificar de que "sozinha" é possível superar ou elaborar muitas questões que estejam se

apresentando.

Assim, ela fecha nosso encontro como quem termina a leitura de um livro, como quem efetivamente fecha etapas para iniciar outras: "O importante é viver o que está agora, o que vem à frente...". Nesse sentido, o fechamento é abertura para outros acontecimentos, é receptividade para o novo, para o estranho, para o desconhecido, é um movimento que se dispõe a continuar buscando atingir novos objetivos. É uma abertura para o novo, vivendo com intensidade o presente.

Pude comparar o valor da clínica como espaço para a fala do cliente e senti como esse acontecer provoca mudanças e tomadas de atitudes infalivelmente necessárias para o equilíbrio desse indivíduo que, se sentindo acuado por um sistema de amarras, vê na clínica a possibilidade de ser ele mesmo, e antes disso, encontrar-se.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso trabalho transitou pela existência humana de variadas formas. Apresentamos nosso tema, questionamos e introduzimos o caminho que inicialmente planejamos. A História se atrelou à Psicologia para nos dar uma leve noção de como o homem estava no mundo, como ele se relacionava, de que forma ele se comunicava, que espaços eram os seus.

Foi possível compreender o processo de construção da subjetividade moderna, desde o movimento da Igreja Católica, cultivando Deus como centro do universo, até o Renascimento, época de renovação humana, religiosa e científica; passamos pelos movimentos Liberal, Romântico e Disciplinar, os quais, no século XIX, promoveram idéias e práticas de organização da vida em sociedade. Esses movimentos acabaram por abrir espaço para o 'psicológico', quando iniciaram relações de conflitos entre eles, separando-os e formando o chamado 'território da ignorância', abrangendo o 'excluído' do sujeito, a parte 'negativa' de seu ser.

Esses acontecimentos redimensionaram o processo de constituição da subjetividade e nos ajudou a entrar no contexto da clínica psicológica, favorecendo-nos o trânsito para a compreensão do homem na contemporaneidade, ou seja, desde as situações que o marcaram em sua história até a construção do seu momento presente. Percorreremos aspectos do sofrimento e das angústias, as buscas de sentido, a perda de si mesmo, o sufocamento dos sentimentos, a massificação da linguagem, o papel da clínica e o compromisso do profissional.

Estudamos o significado da palavra 'clínica' e a sua importância no contexto psicológico onde, inclinando-se diante do cliente, é possível compreender quem ele é e o que o constitui enquanto ser-no-mundo. Observamos que a subjetividade começou a delimitar seu espaço de reflexão e volubilidade, reinventando-se constantemente e recriando-se, colocando, conseqüentemente, o homem na posição de enfrentamento – de si, de sua história, do outro, do estranho. Isso lhe favoreceu na busca por descobertas e criações no mundo humano, ajudando-o a delinear o espaço que ocupa no mundo.

Mais para a frente, entramos no nosso campo principal de pesquisa: a linguagem. E passamos a compreender, a partir de toda a perspectiva abrangida, que o indivíduo que se apresenta à clínica carrega consigo uma fala destituída de sentido. Encontramo-nos num tempo imersos com um certo mal-estar que inviabiliza as condições para o emergir do sentido de si, nos encontramos desenraizados de nós mesmos, coisificados e reduzidos, pela tecnologia, a um ser que pensa e produz. Isso limita nossas possibilidades e aumenta nosso sofrimento.

O sofrimento apela por uma necessidade de ser ouvido, de forma que encontre meios de colocar em palavras sua angústia. Reinvestindo em si mesmo, o indivíduo opera mudanças em sua vida e em seu modo de sofrimento, tomando para si a responsabilidade e a liberdade de escolha, abrindo-se às possibilidades e aos caminhos que a linguagem se propõe a levá-lo: linguagem enquanto fala em processo de desdobramento, de narrativa viva, aquela que possibilita ao homem transformar-se e ser atravessado por ela.

Nesse sentido, questionamos: que sentido pode ser apontado a partir da experiência do sujeito, na clínica psicológica, ao falar de si? Que possíveis repercussões (dessa experiência) acontecem nos lugares onde esse indivíduo atua?

Esse sujeito peregrino, em busca de parâmetros que o situem no contexto social, dentro do seu próprio espaço singular e na relação eu-outro/eu-mundo, é aquele com quem, em nosso dia a dia, trocamos olhares, apertamos a mão, abraçamos, transmitimos idéias, relevamos gestos, é aquele a quem nos mostramos e de quem também nos escondemos.

Esse homem contemporâneo é marcado pela sua historicidade, pela facticidade de suas escolhas, pela procura de um outro perdido que poderia ajudá-lo, se não fosse tão temido. A alteridade que lhe constitui se confronta com a realidade construída de si mesmo. Essa imagem refletida no espelho revela esse outro estranho, desconhecido, ameaçador à estrutura. Um outro que ameaça a si e transforma certezas em dúvidas, tira do eixo, provoca, inquieta, desestabiliza e promove a desterritorialização do próprio espaço.

A construção da vida em cima da negação da realidade (AUGRAS, 1986), o uso de máscaras socialmente convencionadas e a “drogadição de identidade” (ROLNIK, 1995), são alguns dos fatores estudados e que se estendem para a efetivação da “crise” do sujeito, da “crise” da sociedade, para a divisão desse homem que autentica a sua condição ambígua e vazia de sentido, para o medo do enfrentamento do diferente, para as angústias e sofrimentos contemporâneos, para a desconexão de sentimentos, para a isenção das responsabilidades, para o mal-estar do nosso tempo, para a alienação e, finalmente, para o desenraizamento de si mesmo.

Esse homem que se apresenta à clínica é munido de todas as forças de sustentação para o seu acontecer humano. Observamos nas entrevistas a importância da terapia para cada uma das entrevistadas, o reconhecimento do poder inerente à sua aprendizagem, o discernimento do seu querer, o enfrentamento do

trágico de sua própria condição humana.

A clínica funciona como um processo de transição. Uma travessia para outros espaços, para novas ancoragens, para outras direções. A clínica é munida de um leque de recursos disponíveis ao homem que a procura: o *clima*, o espaço, o profissional e a possibilidade do encontro consigo mesmo. Toda a estrutura é voltada para dar início a essa caminhada, reestruturando histórias e re-significando acontecimentos.

A experiência é a mola-mestra desse processo. É ela que vai dizer para onde o sujeito deve seguir. Os sentidos apontados no seu dizer, em sua fala, em sua narrativa, expressões, sentimentos e angústias, vão levá-lo, ou conduzi-lo, a conhecer e a se deparar com outros modos de ser, de viver, de refletir, de construir conhecimento. É sua experiência que vai autenticar a sua peregrinação, o seu investimento, o seu desdobramento, a sua disponibilidade de abertura e reconhecimento do que lhe é singular e plural.

As entrevistas cumpriram o seu papel de refletir a teoria e acrescentar à experiência vivida significados muito distante da possibilidade de serem traduzidos ou nomeados pela própria linguagem. As experiências das entrevistadas transcendiam para além daquele momento, as histórias presentificadas ressurgiam com toda a intensidade como foram vivenciadas e emergiam com sentimentos primeiros, emoções em processo de re-significação, histórias (re)contadas como se estivessem sendo vividas pelas primeira vez.

A narrativa soma à pesquisa de orientação fenomenológica e existencial, acrescenta e enriquece a compreensão da condição humana, mostra meios, partindo da própria experiência, apontando direções possíveis de outros modos de ver o homem, de ver a clínica, de ver o mundo. Isso porque partimos da própria

experiência daquele que se dispõe a contribuir com sua história.

A teoria nos oferece uma possibilidade de estudo e entendimento da realidade, mas a experiência nos revela de forma *viva*, em *andamento*, em *processo de acontecimento*, o que efetivamente reflete essa realidade, como ela se dá a conhecer.

A compreensão das entrevistas fica muito aquém do que elas realmente oferecem. Somos limitados para alcançar a grandeza do que foi vivido, com todo o arsenal de sensações, de dizeres, de emoções. A entrevista também se apresenta ao entrevistador como um reflexo de si mesmo, gera questionamentos e reflexões da própria história de vida, redimensiona a própria caminhada e oferece outros sentidos à busca de suas questões.

Narrar é fala viva, é fala em processo, é abertura, é disponibilidade, é afetação, criação, presença, ausência, complementação, falta, é claro, é escuro, velamento, desvelamento, posicionamento, descentramento, permissão, limites, estagnação, andamento, incompletude, ambigüidade, é poder-ser, enquanto pura possibilidade.

A fala que mostra ser é aquela em constante processo de afetação onde, ainda que não encontre meios possíveis de se mostrar, permeia as veias e acelera o coração daquele que lhe oferece morada. É aquela que dá andamento a um sentimento *vivo*, que ensina a transitar, que, ao se tornar presença, abre o campo de possíveis e inicia o momento da transformação, do encontro consigo mesmo.

É aquela que oferece ao homem, em sua ambigüidade, possibilidades de compreensão outras, atribui outros significados, amplia a visão e revela o homem para si mesmo. O homem dessa fala viva é o homem do cotidiano. É aquele a quem cumprimentamos, com quem trocamos olhares, a quem abraçamos, a quem

transmitimos algumas idéias, pensamentos, sensações, sentimentos. É esse que, em seu dia a dia, não encontra espaços para se apresentar, para dar-se a conhecer. E é esse mesmo que foge de sua *destinação*, preferindo permanecer no conhecido, porque arriscar-se pode fragmentá-lo e provocar nele bifurcações irreparáveis.

Mas, é esse homem que ainda não encontrou o seu sentido de ser, o sentido de sua vida, de sua caminhada. É aquele que não coloca as questões fundamentais de sua existência em constante processo. Mesmo assim, é esse o homem, o sujeito da criação. É ele o acontecer humano, o autor e protagonista de sua própria história. É ele quem escolhe por onde ir, é ele que mexe com as peças do jogo, quem elabora as regras, as exceções, é ele que desconstrói para construir.

É assim que finalizamos essa etapa: refletindo, questionando, buscando cada vez mais outras possibilidades de acolhimento para as angústias que nos mobilizam no contexto da clínica. Esperamos que esse estudo tenha suscitado muitas outras idéias e pensamentos para serem desdobrados em pesquisa, provocando-os a buscar outras experiências e, com isso, compartilhá-las, enriquecendo o campo de trabalho da Psicologia.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMATUZZI, M. M. **O Resgate da Fala Autêntica** – Filosofia da Psicoterapia e da Educação. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

_____. Pesquisa Fenomenológica em Psicologia. In: BRUNS, M. A. T. & HOLANDA, A. F. (org.) **Psicologia e pesquisa fenomenológica: reflexões e perspectivas**. 2. ed. São Paulo: Omega Editora, 2005.

ARENDT, H. **A condição humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

AUGRAS, M. **O Ser da Compreensão** – Fenomenologia da situação de psicodiagnóstico. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

BARUS-MICHEL, J. Sofrimento, trajetos, recursos, dimensões psicossociais do sofrimento humano. In: **Builetin de psychologie**. v.54 (2) n.452, março-abril 2001.

BEAINI, T. C. **À escuta do silêncio: um estudo sobre a linguagem no pensamento de Heidegger**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1981.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas**. Magia e técnica, arte e política. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. **Obras escolhidas**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, v.1, 1985.

_____. **Poesia y Capitalismo**. Trad. Jesus Aguirre. Madri: Ed. Taurus, 1980.

BENTHAM, J. Uma introdução aos princípios da moral e da legislação. **Coleção Os Pensadores**. São Paulo, Nova Cultural. 1989.

BRUNS, M. A. T. & TRINDADE, E. Metodologia Fenomenológica: A Contribuição da Ontologia-Hermenêutica de Martin Heidegger. In: BRUNS, M. A. T. & HOLANDA, A. F. (org.) **Psicologia e pesquisa fenomenológica: reflexões e perspectivas**. 2. ed. São Paulo: Omega Editora, 2005.

BUBER, M. **Do diálogo e do dialógico**. Trad, Marta Ekstein de Souza Queiroz e Regina Weinberg. São Paulo: Perspectiva, 1982.

_____. & ROGERS, C. R. Dialogue between Martin Buber and Carl Rogers. In: BUBER, M. **The knowledge of man**. London, George Allen & Unwin, 1965.

BUCHER, R. **A psicoterapia pela fala** – fundamentos, princípios, questionamentos. São Paulo: EPU, 1989.

CARDOSO, L. M. **Da experiência do escutar-dizer do psicólogo na Narratividade daqueles que partilham a um sentido clínico atual apontado**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2004.

CRITELLI, D. M. **Analítica do Sentido**: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. São Paulo: EDUC: Brasiliense, 1996.

_____. O Des-enraizamento da existência. In: DICHTCHEKENIAN, M. F. S. F. B. (Org.) **Vida e Morte** – Ensaio Fenomenológicos. São Paulo: C. I., 1988.

CUNHA, A. G. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

DARTIGUES, A. **O que é fenomenologia?** 8. ed. São Paulo: Centauro, 2002.

DUBOIS, C. **Heidegger**: introdução a uma leitura; tradução Bernardo Barros Coelho de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

DUTRA, E. A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. In: **Estudos de Psicologia**. Natal, UFRN, n. 2, vol.7, 2002.

ECO, U. **Interpretação e superinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

EIZIRICH, M. F. Paradigmas da subjetividade contemporânea. In: **Educação, subjetividade e poder**. Porto Alegre, n. 2, vol. 2, abril/1995, p.22-25.

FERREIRA, A. B. H. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FIGUEIREDO, L. C. **Escutar, recordar, dizer** – encontros heideggerianos com a clínica psicanalítica. São Paulo: EDUC: Escuta, 1994.

_____. **Revisitando as Psicologias** – Da Epistemologia à Ética das Práticas e Discursos Psicológicos. 3. ed. ver. e ampl. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

_____. **A invenção do psicológico** – Quatro séculos de subjetivação (1500-1900). 6. ed. São Paulo: Escuta, 2002.

_____. **Psicologia, uma (nova) introdução**; uma visão histórica da psicologia como ciência. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2000.

FORTE, B. **À escuta do outro**: filosofia e revelação. São Paulo: Paulinas, 2003.

GENDLIN, E. T. Experiential Psychotherapy. In: CORSINI, R. (org.) **Current Psychotherapies**. Itasca, Illinois: Peacock, 1973.

GONDAR, J. Clínica, desejo e política. In: MARTINS, A. et.al. **Cadernos do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos**. A Clínica como Prática Política. Ano 3, n. 3, outubro 2003.

GUMBRECHT, H. U. Os lugares da tragédia. In: ROSENFELD & MARSHALL (org.) **Filosofia e literatura**: o trágico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2002, vol.1.

_____. **A Caminho da Linguagem**. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003.

HOBBS, Th. Leviatã. **Coleção Os Pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

HOLANDA, A. Pesquisa Fenomenológica e Psicologia Eidética: Elementos para um entendimento metodológico. In: BRUNS, M. A. T. & HOLANDA, A. F. (org.) **Psicologia e pesquisa fenomenológica**: reflexões e perspectivas. 2. ed. São Paulo: Omega Editora, 2005.

HOUAISS Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa, v.1.0, 2001.

KOSELLECK, R. **Crítica iluminista e crise della società borghese**. Il. Mulino, 1972.

MELLO, L. I. & COSTA, L. C. A. **História Moderna e Contemporânea**. São Paulo: Scipione, 1999.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MORATO, H. T. P. (org.) **Aconselhamento Psicológico centrado na pessoa: novos desafios**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

_____ & SCHMIDT, M. L. S. Aprendizagem significativa e experiência: um grupo de encontro em instituição acadêmica. In: MORATO, H. T. P. (org.) **Aconselhamento Psicológico centrado na pessoa: novos desafios**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

NAJMANOVICH, D. Novos sofrimentos psíquicos? In: **Cadernos de Subjetividade**. n. 4, v. 1-2, São Paulo/SP-PUC, 1996.

PALMER, R. **Hermenêutica**. Lisboa: Edições 70, 1999.

PFEIFFER, K. L. Tragicidade: significado existencial ou performance irresistível, conflito normativo ou efeito midiático? In: ROSENFELD & MARSHALL (org.) **Filosofia e literatura: o trágico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2001.

PUENTE, M. de La. Experienciação (experiencing) em Psicoterapia. **Psicologia Clínica e Psicoterapia**. Belo Horizonte, 1979.

REZENDE, A. M. Fenomenologia e dialética. In: FORGHIERI, Y. C. (org.), **Fenomenologia e Psicologia**. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1984.

ROGERS, C. R. **Sobre o poder pessoal**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

ROLNIK, S. **Subjetividade, ética e cultura nas práticas clínicas**. Palestra proferida na mesa-redonda "Psicologia: ética e cultura", no I Congresso Mineiro de Psicologia Universo-Diverso, CRP 4ª Região. Belo Horizonte, 1995.

SAFRA, G. **A Pós-Ética na Clínica Contemporânea**. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2004.

SANTOS, B. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Afrontamento, 1985.

SCHMIDT, M. L. **Estilos narrativos e pertença social**: análise de histórias de vida. Capturado em 07/1/2004. Online. Disponível na Internet <http://www.imaginario.com.br/artigo/a0001_10030/a0001-01.shtml>.

_____. **A experiência de psicólogas na comunicação de massa**. Tese de doutorado não-publicada, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

SOUZA, S. R. L. **A experiência de adolescentes abandonados e institucionalizados frente ao desligamento institucional**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2001.

SPANOUDIS, S. A tarefa do aconselhamento e orientação a partir da Daseinsanalyse. In: **Daseinsanalyse**. n^{os} 1, 2 e 4. São Paulo, 1997, p.57.

VOGT, C. **Sociedade, democracia e linguagem**. Capturado em 15/08/2005. Online. Disponível na Internet <<http://www.comciencia.br/reportagens/2005/07/01.shtml>>.